

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2009 - SEM CORTES (CRÓNICAS 61 A 77 - 2009)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

<div> LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS </div>
<div> 2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083 </div>
<div> 2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas </div>
<div> 2018. Chrónicaçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf </div>
<div> 2018, Chrónicaçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol,1--3%C2%AA-ed-2018.pdf </div>
<div> 2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada </div>
<div> 2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL </div>
<div> 2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED. </div>
<div> 2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório </div>
<div> 2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016 </div>
<div> 2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa </div>
<div> 2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa </div>
<div> 2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café </div>
<div> 2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/, </div>
<div> 2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015 </div>
<div> 2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016 </div>
<div> 2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais </div>
<div> 2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 </div>
<div> 2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf </div>
<div> 2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf </div>
<div> 2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf </div>
<div> 2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa </div>
<div> 2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. </div>
<div> 2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf </div>
<div> 2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras </div>
<div> 2011, Chrónicaçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55 </div>
<div> 2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor </div>
<div> 2009, Chrónicaçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results, </div>
<div> 2009, Chrónicaçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009 </div>
<div> 2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor. </div>
<div> 2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor. </div>
<div> 2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada </div>
<div> 2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho"de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal </div>
<div> 2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal </div>
<div> 2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença </div>
<div> 2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf </div>
<div> 2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal </div>
<div> 2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal </div>
<div> 2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal </div>
<div> 2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/micrereader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb, </div>
<div> 2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf, </div>
<div> 2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results, http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf, https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-, </div>
<div> 1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie </div>
<div> 1991-2011 Yawuij Bara e Yawuij Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuij-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf </div>
<div> 1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf </div>
<div> 1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf, http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cai-Volume-3-4#scribd – </div>
<div> 1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf </div>
<div> 1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf, </div>

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mãe, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "*Os livros que não escrevi*" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quicá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros

que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu “castelo” era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela “sorte”, os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixo é sempre o mexilhão”, pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da sua idade”. Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a neblina de mar que vislumbrava pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quicá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] “

– 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

– Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...”.

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbos», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal

agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me céptico em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expetativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo -Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um “mono” demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou “sopeira” como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.



1 (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Desde o natal, bem como a passagem de ano, celebrados no calmo remanso familiar em S. Miguel, tivemos a oportunidade de desfrutar da tecnologia Skype para ver a família continental.

Depois, tivemos um mês de janeiro bastante quente para a média enquanto o continente se atolava em neve, frio e outras desgraças inverniais. A política dominou as atenções com o caso Freeport, a que o primeiro-ministro, em consequência do seu inglês técnico ter sido feito a um domingo, continua a chamar fripór. Claro que nem vale a pena acrescentar que se isto fosse um país decente obviamente estaria demitido...

Tivemos algum frio nos últimos dias de janeiro com a temperatura a descer aos 4 °C aqui (6 °C em Ponta Delgada), granizo localmente denominado saraiva, bastante chuva e ventos quase ciclónicos. Um verdadeiro inverno, por fim. Com ele as gripes que teimam em não se afastarem com a sua mulher engripada desde o natal e eu achacado durante vários dias.

A 2 de fevereiro foi notícia o arrombamento e roubo do café do nosso senhorio e presidente da junta. Partiram a porta de madeira, entraram, roubaram as moedas da caixa registadora, uma máquina de brindes, cigarrilhas e pouco mais, mas os danos foram avultados e levaram à substituição da porta. Chamada a polícia, esta tomou conta da ocorrência. Pergunta-me a minha mulher para que servia a polícia e eu respondi que era para tomar conta das ocorrências e fazer como a ministra da educação, melhorar as estatísticas para Bruxelas. Tomando conta da ocorrência, registado o furto e arrombamento esse dado irá constar na base europeia de dados sobre a segurança em Portugal. E as impressões digitais perguntarão os mais habituados a séries de ficção como o CSI? Partindo do princípio de que havia um kit para tal efeito na esquadra da Maia, depois punha-se o problema de comparar com uma base de dados de impressões digitais nacional que é inexistente. A impunidade mantém-se e ninguém se importa. Parece, outra vez, o fatalismo insular. Claro que isto causa certas preocupações. De imediato se retiraram as chaves da porta para o pátio e para o quintal que sempre ficaram nas respetivas portas. Não que isso adiante muito, mas sempre aquieta a alma. A janela de trás em vidro é facilmente aberta por um qualquer cartão de débito. Mas não me preocupo pois não creio que os ladrões locais tenham cartões de crédito, só de débito...a porta em alumínio tem dois painéis em vidro e a parte de baixo com um pontapé de criança cairá facilmente. Mais uma pequena preocupação a juntar a outras que ainda não chegaram com o progresso a esta terra. Com as novas tecnologias, novas oportunidades e sabe-se lá que mais o progresso chega a toda a parte. Sumariamente resumiremos o que se passou com alguns recortes que acumulamos neste período. Entretanto, nova bronca com o relatório da OCDE a gabar Portugal e a famigerada Ministra da Educação, relatório que afinal não era da OCDE, mas do governo...

61.2. ALEGADO RELATÓRIO DA OCDE FOI ENCOMENDADO E PAGO PELO GOVERNO

Numa cerimónia com pompa e circunstância o governo e uma equipa de peritos internacionais apresentaram um relatório que elogia as políticas educativas de Maria de Lurdes Rodrigues para o 1º ciclo do ensino básico. O estudo foi apresentado como sendo da OCDE, mas afinal, como diz o sítio do Ministério da Educação, tratou-se de um relatório pago e encomendado pelo governo que "segue a metodologia utilizada pela OCDE". Foi o blogue ProfAvaliação quem primeiro alertou para o que designou de "manobra de propaganda" do governo:

«Chamo a atenção para o equívoco que a Comunicação Social tem divulgado. O estudo não é da OCDE. É desenvolvido por um grupo de peritos "liderado por Peter Matthews" e segue os critérios ("metodologia e abordagem") da OCDE. E foi solicitado pelo Ministério da Educação, que, para abonar a credibilidade, assegura que foi elaborado por uma equipa de peritos internacionais de "independentes".»

Com efeito, visitando a página do Ministério (Educação) Portal do Governo, lê-se:

"Solicitado pelo Ministério da Educação (ME), este estudo corresponde a uma avaliação intermédia, realizada durante a fase de implementação das reformas, com o objetivo de verificar se as medidas desenvolvidas estão a atingir os resultados previstos e se as estratégias adotadas devem ser ajustadas em função da experiência. Liderada pelo professor Peter Matthews, esta avaliação seguiu a metodologia e a abordagem que a OCDE tem utilizado para avaliar as políticas educativas em muitos países-membros, ao longo dos anos, com resultados positivos".

Na cerimónia que se realizou esta segunda-feira no Centro Cultural de Belém, o relatório foi apresentado como se se tratasse de um documento elaborado pela OCDE. O relatório elogia as reformas introduzidas pelo Governo no 1º ciclo do ensino básico. Deborah Roseveare, chefe da Divisão das Políticas de Educação e Formação da OCDE é convidada para apresentar o relatório, afirmou que "Portugal é um exemplo para os outros países da OCDE, na forma como aplicou as reformas do sistema educativo". No final da sua intervenção, Deborah Roseveare não se inibiu de soltar um "Bravo Portugal" pelas alterações introduzidas. José Sócrates exibiu a sua satisfação imediata pelas conclusões do relatório, elogiando o trabalho de Maria de Lurdes Rodrigues e aproveitando para criticar a oposição. "Que pobreza no debate político, que lamentável atitude de tantos partidos que quando olham para isto (relatório da OCDE) são capazes de dizer: Lá está o Governo a trabalhar para as estatísticas", afirmou Sócrates. "Trabalhar para as estatísticas? É assim que se referem a isto? Que lamentável. Que lamentável o debate político que se concentra nisso" continuou o primeiro-ministro. "Às vezes é preciso vir alguém de fora para nos dizer de forma tão sonora, tão vibrante e tão entusiasmada, como disse a Deborah: Bravo," concluiu o primeiro-ministro.

No relatório, os "peritos internacionais" contratados pelo governo elogiam as reformas introduzidas pelo governo no Ensino Básico, nomeadamente o encerramento das "pequenas e ineficazes escola do primeiro ciclo", a "oferta de escola a tempo inteiro", "o excelente modelo de formação contínua dos professores" e a alteração das regras para a escolha dos diretores dos agrupamentos. No entanto, o documento tece algumas críticas e faz recomendações ao governo. Apesar de elogiar a adoção da "escola a tempo inteiro", aconselha-se a adoção de Atividades de Enriquecimento Curricular mais viradas para a prática, já que muitas vezes decorrem em ambiente de sala de aula, "tornando o dia escolar muito longo para as crianças". Por outro lado, os peritos internacionais também tecem críticas às formas de contratação dos monitores das Atividades de Enriquecimento Curricular. Recorde-se que esta tem sido uma das reivindicações dos sindicatos, que denunciam a precariedade extrema em que se encontram estes monitores, pagos a 10.00€ euros por hora, através da subcontratação de empresas pelas Câmaras Municipais. Outra das recomendações vai no sentido de sugerir a introdução do Inglês no currículo oficial, em vez de ser lecionado como uma atividade de tempos livres. Este facto já tinha merecido críticas de sindicatos e partidos da oposição, que acusam o governo de caminhar para a privatização progressiva do currículo. No blogue ProfAvaliação, Ramiro Marques critica a metodologia utilizada pelos "peritos internacionais", que praticamente resumiram o seu trabalho de investigação a reuniões com membros do Ministério da Educação, do Conselho Nacional de Educação, membros do Conselho de Escolas e da Confederação Nacional de Pais, tudo órgãos do governo ou bastante próximos dele. "Não há dados provenientes de provas externas e nada no relatório permite estabelecer uma relação de causa e efeito entre as medidas tomadas pelo Governo e qualquer hipotética melhoria dos resultados escolares ou da qualidade das aprendizagens. Não há nenhuma amostra aleatória ou representativa" sustenta Ramiro Marques que contesta igualmente as conclusões do relatório. "Quais os indicadores em que a equipa de Matthews se baseou para concluir que os Planos de Formação Contínua dos Professores de Matemática, de Ciências e de Língua Portuguesa são excelentes e que estão a melhorar os resultados escolares dos alunos, na área da Matemática? Deslocaram-se às escolas onde essa formação está a ser dada? Entrevistaram os formadores locais e os formandos? Observaram aulas dos formandos? Trabalharam com uma amostra representativa? A credibilidade destes resultados é muito escassa", assegura Ramiro Marques.

Sobre o "excelente modelo de formação contínua dos professores" apontado pelo relatório, o autor do popular blogue ProfAvaliação, lembra que "o que se passou foi a destruição do sistema de formação contínua e a sua substituição por nada. De tal forma é nada que milhares de professores nem sequer podem fazer prova de que fizeram ações de formação contínua certificadas e creditadas."

Finalmente, sobre o fecho das pequenas escolas do interior, Ramiro Marques questiona: "será que sabem o que isso significou em termos de aumento da desertificação do país? E os custos que o encerramento de 4 mil escolas provocaram

nas crianças obrigadas a deslocações diárias de 50 quilómetros?" Só mais uma pequena manobra ganhadora, da máquina de propaganda invencível que faria corar de vergonha um qualquer Adolfo Hitler.

61.3. JOSÉ MARIA MARTINS ESCREVA HÁ DIAS: "A TEORIA DO "ORGULHOSAMENTE SÓS" DA PGR

No âmbito da apaixonada discussão do caso "Freeport" e, sobretudo, no debate sobre a eventual culpabilidade de José Sócrates, assistimos a factos suficientemente graves que devem merecer a nossa atenção especial.

Ao ouvir a Dra. Cândida Almeida os portugueses ficaram perplexos.

Parece claro que José Sócrates nunca será investigado em Portugal.

É Primeiro-ministro, o PGR foi nomeado pelo Governo, a Dra. Cândida Almeida parece aspirar a vir a ser PGR.

No entanto, tendo em atenção a posição das polícias britânicas há - pelo menos para eles - indícios suficientes para abrirem uma investigação envolvendo o PM português.

A Dra. Cândida Almeida, ainda mais surpreendentemente, disse à SIC que não era aceitável polícias estrangeiros investigarem o PM português! Ora, este "orgulhosamente sós" choca com três ordens de razões:

1ª - Noriega era Presidente do Panamá, mas nem por isso deixou de ser destituído, julgado e encarcerado nos EUA;

2ª - Saddam Hussein, claramente ex-aliado dos EUA, não deixou de ser deposto, preso, julgado e enforcado;

3ª - A Comunidade Internacional tem regras que não param perante o PM do Estado menos desenvolvido da União Europeia, o mais dependente. A constituição da equipa mista não foi aceite, também porque o sistema português e o britânico são diferentes, como alegou a Dra. Cândida Almeida.

Todavia esta posição da Dra. Cândida Almeida carece de total razoabilidade. Porque Portugal é membro da NATO e o Reino Unido também, Portugal é membro da União Europeia e o Reino Unido também. Em Portugal vigora a Convenção Europeia dos Direitos do Homem e no Reino Unido também.

As polícias de ambos os países cooperam e entendem-se. O facto de os sistemas serem diferentes não impediu a Inglaterra, aquando das invasões francesas em 1808, de ter protegido D. João VI, de o ter levado sob escolta da sua frota naval para o Brasil. Depois, a Inglaterra organizou as forças militares portuguesas e com cerca de 100 mil soldados portugueses derrotou as tropas de Napoleão. Além disso dizem que Portugal é aliado do Reino Unido desde 1383/1385. Os ingleses conhecem como ninguém a pequenez portuguesa e a dificuldade em levar Portugal para o bom caminho.

Aquando da formação da NATO os EUA e o Reino Unido tiveram um trabalho enorme para convencer Portugal a abandonar conceitos surrealistas, como bem conta o Prof. António José Telo, na obra "Portugal e a NATO".

A pouco e pouco os EUA e os ingleses foram impondo a sua visão e estratégia, apesar da enorme oposição de Salazar. Mas calma e sabiamente foram moldando as nossas forças armadas, segundo modelos totalmente diferentes dos vigentes em Portugal.

Basta recordar que Portugal dizia ter capacidade para 10 divisões e nunca chegou a formar uma única, pois Santa Margarida nem concluído foi até à eclosão das guerras nas colónias!

No caso Freeport não tenho dúvidas que a Justiça do Reino Unido está no bom caminho. Acredito que o Reino Unido terá a paciência e a força suficiente para levar a investigação a bom porto.

A guerra de comunicados da PGR e as posições insustentáveis que a Dra. Cândida Almeida, só contribui para o isolamento de Portugal, para a falta de credibilidade do nosso sistema. O que é muito perigoso, porque Portugal é um Estado sem recursos, totalmente dependente do estrangeiro em todos os aspetos: alimentar, energético, militar, económico, financeiro, laboral, de saúde, industrial.

O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, em acórdão do verão do ano passado, censurou o Ministério Público Português por ter uma posição em Portugal e outra totalmente diferente naquele Tribunal. O "orgulhosamente sós" e a posição de nacionalismo injustificado de que nos deu conta a Dra. Cândida Almeida, é extraordinariamente perigoso para os interesses de Portugal.

A ideia que ficou é que "todos são iguais perante a lei" mas José Sócrates pode estar descansado que não haverá investigação contra ele.

É Primeiro-ministro. Bom, não tenho a mínima dúvida que o Reino Unido vai retaliar e que os outros países da União Europeia não terão apreciado o "músculo" do Ministério Público Português., veja-se

[:http://aeiou.expresso.pt/britanicos_contra_contratacao_de_portugueses_para_refinarias=f495023](http://aeiou.expresso.pt/britanicos_contra_contratacao_de_portugueses_para_refinarias=f495023)

Isto porque na União Europeia assiste-se com incredibilidade a esta posição, e, no confronto Portugal e Reino Unido os outros povos tenderão a acreditar na Justiça Britânica e não na Portuguesa, que perdeu credibilidade face a tantos escândalos que nunca deram em nada e que por isso denigrem a imagem do nosso Povo e do nosso Estado.

Os elementos que já vieram a público levariam qualquer cidadão, "normal", a já ter sido constituído arguido, talvez preso. Seria bom que o Parlamento Europeu constituísse uma comissão de inquérito à forma como em Portugal o Ministério Público aplica a lei internacional a que estamos todos obrigados observar e, tomar medidas, como tomou no caso da Áustria, quando a direita ganhou as eleições e o PM foi obrigado a demitir-se.

Até seria bom que José Sócrates se lembrasse desse caso austríaco, para saber que o facto de ser PM não impede que a comunidade internacional tome medidas.

Por fim, não deixa de ser totalmente estranho aos novos ventos da história que Clinton tenha sido investigado por alegadamente ter tido sexo com uma funcionária da Casa Branca e o PM de Portugal não seja, quando estão em causa factos graves, que minam a credibilidade internacional do Estado Português, quando ele é manifestamente suspeito e está sob investigação no Reino Unido! DEMOCRACIA, precisa-se!

Ass. José Maria Martins

Mas há mais, numa visita ao Portal da Transparência constatam-se factos curiosos:

Portugal, País de grandes tradições e brandos costumes...pelo menos é o que muitos pensam ser verdade...até abrirem os olhos. Para quem não é de cá, ou não sabe o que são os "ajustes diretos", eu explico. Como gastar o dinheiro público é uma coisa que deve ser feita com muita responsabilidade, a maior parte dos fornecedores das entidades públicas é selecionada por concurso público, onde vários fornecedores apresentam a sua melhor proposta, sendo depois escolhida a "melhor" em função de vários critérios (preço mais barato, serviços apresentados, etc.).

No entanto, como se imagina, isto é impraticável de ser feito para tudo o que uma câmara municipal, faculdade, universidade, etc., tenha de comprar. Portanto, há coisas que são compradas diretamente, a quem eles muito bem entenderem...e aparentemente, ao preço que muito bem lhes apetecer! Finalmente, graças ao portal da transparência, podemos ver finalmente onde e como esse dinheiro é gasto. Agora, expliquem-me, porque eu devo estar a ver mal, como é que se justifica:

1). Gastar mais de 10.000,00 euros num GPS para um instituto público como o ISEP - quando nos dizem que não há dinheiro para baixar as propinas aos alunos.

2) Aquisição de 1 armário persiana; 2 mesas de computador; 3 cadeiras com rodízios, braços e costas altas - pela módica quantia de 97.560,00 EUROS (!)

3) Em Vale de Cambra, vai-se mais longe...e se pensam que o Ferrari do Cristiano Ronaldo é caro, esperem para ver quanto custa um autocarro de 16 lugares para as crianças: 2.922.000,00 € É isso mesmo: quase 3 milhões de euros?

4) No Alentejo, as reparações de fotocopiadoras também não ficam baratas: Reparação de 2 Fotocopiadores WorkCentre Pró 412 e Fotocopiador WorkCentre PE 16 do Centro de Saúde de Portel: 45.144,00 €

5). Ao menos em Alcobaça, a felicidade e alegria das crianças fala mais alto: 8.849,60€ para a Concentra, em brinquedos para os filhos dos funcionários da câmara! Crianças... Se não receberam uma Nintendo Wii no Natal, reclamem ao Pai Natal, porque alguém vos atrofiou o esquema!

6), Mas voltamos ao Alentejo, onde - por uns meros 375.600 Euros se podem adquirir 62 cadeiras...a um custo de...6.058 Euros por cadeira! Mas, pensando bem, num país onde quem precisa de ir a um hospital passa mais tempo sentado à espera do que a ser atendido - talvez justifique investir estes montantes no conforto dos utentes...

7) Em Ílhavo, a informática também está cara, 3 computadores e mais uns acessórios custam 380.666,00 €. Sem dúvida, uns supercomputadores para a Câmara Municipal conseguir descobrir onde andam a estourar o orçamento.

8). Falando em informática, se se interrogam sobre o facto de a Microsoft ser tão amiga do nosso País, e de como o Bill Gates é o homem mais rico do mundo... é fácil quando se olham para as contas: Renovação do licenciamento do software Microsoft: 14.360.063,00 €. Já diz o ditado popular: Dezena de milhão a dezena de milhão, enche a Microsoft o papo! (Já agora, isto dava para quantas reformas de pessoas que trabalharam uma vida inteira?)

9), Mas, para acabar em pleno, cagar na capital fica caro meus amigos! A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa gastou 5.806,08 € em 9072 rolos de papel higiénico! Ora, uma pesquisa rápida pela Net revelou-me que no Jumbo facilmente encontro rolos de papel higiénico (de folha dupla, pois claro! - pois não queremos tratar indignamente os rabos dos nossos futuros doutores) por cerca de 0,16 Euros a unidade...

Mas na Faculdade de Letras, aparentemente isso não é suficiente, e o melhor que conseguiram foi um preço de 0,64 Euros a unidade! É "apenas" quatro vezes mais do que qualquer consumidor consegue comprar - e sem sequer pensarmos no fator de "descontos" para tais quantidades industriais. Num País minimamente decente, eu deveria poder exigir que me devolvessem o valor pago em excesso, não? Mandava a hiperligação para a Faculdade de Letras de Lisboa, e exigia que me devolvessem os 4.000 e tal euros pagos a mais. (Se comprassem no Jumbo, teriam pago apenas 1.451 euros pelo mesmo número de rolos de papel higiénico).

Como é que é possível justificarem estas situações? Que, como se pode imaginar, não são as únicas.

Se continuasse a pesquisar nunca mais parava - como por exemplo, os mais de 650 mil euros gastos em vinho tinto e branco em Loures. Leitores de Loures, não têm por aí nada onde estes 650 mil euros fossem melhor empregues?

É preciso ser doutor, ou engenheiro, ou ministro, ou criar uma comissão de inquérito, para perceber como o dinheiro dos nossos impostos anda a ser desperdiçado? Isto até me deixa doente...é mesmo deitar o dinheiro pela retrete abaixo (literalmente, no caso da Faculdade de Letras de Lisboa!)

Querem mais? Divirtam-se no portal da transparência! Sugestões de pesquisa: viagens, viaturas, Natal.... Outros candidatos a roubalheira do ano:

"Projeto tempus - viagem aérea Faro/Zagreb/regresso, 1 pessoa, 3-6 Dez.º 2008" - 33.745,00 euros.

"Aluguer de iluminação natalícia para arruamentos na cidade de Estremoz" - 1.915.000,00 euros

"Aluguer de tenda para inauguração do Museu do Castelo de Sines" - 1.236.500,00 euros

"6 kit de mala piaggio Fly para as motorizadas do setor de águas" - 106.596,00 euros (por este valor compravam 6 automóveis, todos equipados, e ainda sobrava dinheiro!) e ainda há o misterioso caso do "Router de 400 euros comprado por 35.000,00 Euros"

Voltando ao carismático papagaio falante que ocupa o trono de Portugal republicano: O 1º ministro dos Tugas! Ninguém lhe chega aos calcanhares... Para que se saiba com quem estamos a lidar! "Alguma vez José Sócrates disse a verdade?" Não será ele um oportunista que à custa da sua ambição desmedida em querer ser engenheiro a toda a força e de qualquer maneira, encontrou num passe de mágica - que nem a varinha de uma fada se lembraria de engendrar -, a melhor forma de, sem qualquer mérito, se poder ufanar de um título que, às três pancadas e a martelo, subvertendo a verdade e a correção devida, conseguindo numa Universidade acabada de abrir as portas, desorganizada, corrupta e de créditos duvidosos, imagine-se "ingenheiro"?

Uma Universidade, dita Independente, que no auge de todas as descobertas, num período em que se dizia que havia inúmeras revelações a serem feitas foi IMEDIATAMENTE encerrada. Sabem por quem? Exatamente, pelo governo de José Sócrates. Quantos documentos não terão desaparecido desde então? Quantos segredos estão por desvendar? Quantos comprometimentos morreram para sempre na mesma sepultura desse abrigo a estudantes "licenciados" a cuspo e a martelo? Verdadeiramente vergonhoso! E anda este homem a exigir aquilo que não tem nem nunca soube ter que é o rigor, a excelência e o mérito. Seriedade e verdade. Crédito e confiança. BRIO e EXEMPLO! Mente com a mesma cara com que desconhecia ter sido sócio da Sovenco em 1990 quando o questionaram. Mente, com a mesma cara com que diz que não sabia que não se podia fumar num avião, com a mesma cara com que diz que o computador Magalhães é português. Enfim, mente compulsivamente com a mesma cara desavergonhada com que sonha na mentira que há de dizer no dia seguinte.

Na VI Legislatura, José Sócrates entrega na Assembleia da República, um Registo Biográfico onde consta, escrito pelo seu punho e na sua própria letra, que a sua profissão é a de "ENGENHEIRO" e que as suas habilitações literárias são "ENGENHARIA CIVIL". Tal e qual. Como se sabe, quando esta MENTIRA, para não lhe chamarmos OUTRA COISA, foi descoberta, apareceu igualmente uma segunda versão deste mesmo documento que, onde estava escrito "ENGENHEIRO" foi ACRESCENTADA a palavra "TÉCNICO" e onde estava escrito "ENGENHARIA CIVIL" foi igualmente acrescentado em espaço anterior, quicá estrategicamente lá deixado, a abreviatura "BACH" de Bacharelato que era o que verdadeiramente ele tinha. Isto é, o Registo Biográfico de José Sócrates foi RASURADO, foi ALTERADO, foi FALSIFICADO por ele próprio sem que alguém (?) responsável (?) na Assembleia da República consiga explicar (?) como é que isso foi possível e admissível. (ver documento anexo) E NADA lhe aconteceu!

Em 31 de julho de 1979, termina o Bacharelato no Instituto Politécnico de Coimbra com média de 12 valores. Mais tarde, em 27 de dezembro de 1994, o aluno nº 20382 José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa inscreve-se no Instituto Politécnico de Lisboa no curso de Transportes e Vias de Comunicação. Repentinamente, assim que toma conhecimento que a Universidade Independente foi aprovada pela portaria 496/95 24 de maio de 1995, sem que se conheça qualquer justificação, muda-se de "armas e bagagens" para esta recente, corrupta e desorganizada Universidade.

É AQUI, neste antro de facilitismo e promiscuidade, que José Sócrates consegue FINALMENTE aquilo que sempre ambicionou - uma "licenciatura" em Engenharia. Não interessa COMO a possa ter conseguido, isso NÃO INTERESSA, interessa SIM, é que conseguiu uma "licenciatura" em Engenharia.

Querem saber como? Das 31 cadeiras que teria de fazer, deram-lhe equivalência a 26. Nem mais, nem menos 26 disciplinas! Apenas teria de fazer mais 5 disciplinas! Quem é amigo, quem é? Ah...

Mas isto não fica por aqui, destas 5 disciplinas que lhe faltava fazer, 4 delas - os chamados "cadeirões" por serem as mais difíceis - foram dadas por UM ÚNICO PROFESSOR, por sinal, seu amigo e conhecido, de nome António José Morais, adjunto do secretário de estado do também seu amigo Armando Vara e colega do mesmo governo em que estava nessa altura José Sócrates, como secretário de estado adjunto.

Lindos meninos, grandes compinchas!

Que notas o amigo do peito António José Morais lhe deu? Fácil, vejam o Certificado de Habilitações da UNL: Análise de Estruturas - 17 (dezassete); Projeto e Dissertação - 18 (dezoito); Betão Armado e Pré-Esforçado - 18 (dezoito); Estruturas Especiais - 16 (dezasseis). NADA MAU, para quem vinha com média de 12 do Politécnico ...

NADA MAU, NADA MAU. Ah, é verdade, e nessa altura José Sócrates ainda era secretário de estado adjunto do Ministro do Ambiente, tinha pouco tempo para estudar, para trabalhos e para exames, agora imaginem se ele tivesse mais tempo para se dedicar às aulas.

Mas falta ainda uma cadeira, de entre as 5 que o "obrigaram" a fazer - Inglês Técnico. Teve 15. Sim é verdade, teve 15. Foi seu professor o reitor Luís Arouca, entretanto preso por falsificação de documentos sem que, no entanto, não faltasse a mãozinha de José Sócrates ao enviar a este mesmo reitor um Fax socorrendo-se de um papel timbrado do Ministério do Ambiente, do Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, numa clara atitude de promiscuidade e de pressão, terminando de forma muito pouco formal e excessivamente familiar com um "Seu Sócrates".

Curiosamente, e para cúmulo de toda esta trapalhada, se confirmarem no referido certificado de Habilitações da Universidade Independente, diz lá que "concluiu o curso em 08-09-1996" que, estranhamente, foi a um...DOMINGO.

É verdade, a um DOMINGO! Há cada uma! ...amadores da treta!

Ah, antes de terminar, concluiu com média 14, isto é, estas 5 disciplinas dadas pelo amigo António José Morais mais o "seu" reitor Luís Arouca, fizeram com que, num ápice, subisse a média de 12 que trazia do Politécnico (Escola Pública) para...14.

61.4. AS PERGUNTAS DO JORNAL PÚBLICO QUE ESPERAM UMA RESPOSTA.

As duas referências públicas do primeiro-ministro a este caso foram feitas por escrito - ao PÚBLICO e à SIC -, mas nunca responderam a questões concretas. Aqui ficam as questões importantes a que José Sócrates deve responder para clarificar o dossiê.

1. Por que razão José Sócrates deixou o ISEL para acabar o curso na Unl?
2. José Sócrates pediu equivalência a 25 cadeiras das 31 que completavam a licenciatura da Unl. Acabou por receber equivalência a mais uma disciplina, ou seja, a Unl deu-lhe equivalência a 26 cadeiras. Por que motivo no ISEL teria de completar mais 12 cadeiras para se licenciar e na Unl apenas fez mais cinco?
3. António José Morais, então diretor do Departamento de Engenharia Civil da Unl, lecionou quatro das cinco cadeiras concluídas na Independente. Segundo o próprio, este grupo de disciplinas algumas do 3º ano, outras do 5º, representavam todas as cadeiras lecionadas por aquele professor na Unl. António José Morais foi, simultaneamente ao período em que lhe deu aulas, adjunto do secretário de Estado da Administração Interna, Armando Vara, colega de Governo de Sócrates, e mais tarde diretor do Gabinete de Equipamento e Planeamento do Ministério da Administração Interna.
 - 3.1. José Sócrates já conhecia António José Morais antes de este ser seu professor na Unl?
 - 3.2. António José Morais já havia sido seu professor no ISEL?
 - 3.3. Por que razão José Sócrates não identificou António José Morais como tendo sido seu professor, nas conversas que manteve com o PÚBLICO, ao longo de uma semana?
 - 3.4. Quantas horas de aulas por semana compunham o horário curricular?
4. Nessas conversas que manteve com o PÚBLICO, antes da publicação da primeira peça sobre o caso, Sócrates afirmou-se "insultado" pelas perguntas que lhe foram feitas, disse ter frequentado as aulas e concluído os exames com aproveitamento, mas nunca forneceu provas sobre o que afirmava.
 - 4.1. José Sócrates não guardou nenhuma prova documental da sua carreira académica? Nunca levantou nenhum dos diplomas?
 - 4.2. Qual o motivo que levou Sócrates a delegar no reitor da Unl todos os esclarecimentos, documentais ou testemunhais, sobre o caso, sabendo-se que Luís Arouca já havia estado na origem de indicações erradas sobre o seu currículo publicadas no jornal 24 Horas, em que terá referido cadeiras que não existiam no seu plano de curso?
 - 4.3. Por que razão Sócrates se recusou sempre a responder por escrito às perguntas formuladas, também por escrito, pelo PÚBLICO?
 - 4.4. Como é que, durante quase uma semana, não foi capaz de citar um seu colega ou um dos seus dois professores da Unl?
 - 4.5. Qual o motivo por que não apresentou, por exemplo, a sua monografia de Projeto e Dissertação, tese final do curso?
5. Da matrícula de José Sócrates na Unl consta que não apresentou qualquer documento de prova das cadeiras já feitas no ISEC e no ISEL e só apresentou atestado das 12 cadeiras concluídas no ISEL, em julho de 1996, ou seja, quando estava praticamente a concluir o curso na Unl.
 - 5.1. A que se deveu este atraso?
 - 5.2. Como pôde a Unl aceitar a inscrição, aprovar um plano de equivalências, permitir a frequência de aulas e a realização de exames sem o documento que atestava as cadeiras finalizadas no ISEL?
6. Quatro notas das cadeiras concluídas na Unl foram lançadas em agosto e o diploma tem data de 8 de setembro de 1996.
 - 6.1. Sabendo-se ser anormal o lançamento de notas em agosto, bem como passagem de diplomas ao domingo, que justificação é dada para isso?
7. Numa das folhas consultadas pelo PÚBLICO aparece "isento" no topo da página.
 - 7.1. Sócrates pagou propinas?
 - 7.2. Que valor foi fixado?
 - 7.3. A despesa entrou no IRS?
8. O reitor Luís Arouca disse por várias vezes que só conheceu Sócrates quando este ingressou na universidade..., em trocas de correspondência anteriores, Sócrates despedia-se "...do seu, José Sócrates".
 - 8.1. Quando é que Luís Arouca e José Sócrates se conheceram?
8. A que se referia José Sócrates quando, num fax enviado a Luís Arouca que está no seu dossiê de licenciatura, escreveu: "Caro Professor, aqui lhe mando os dois decretos (o de 1995 fundamentalmente) responsáveis pelo meu atual desconsolo."
9. Por que motivo não foram corrigidos todos os erros constantes da biografia publicada no Portal do Governo, mantendo-se a referência errada a uma pós-graduação em Engenharia Sanitária e continuando a ser omitido o MBA em Gestão já depois de o termo "engenheiro" ter sido substituído pelo de "licenciado em Engenharia Civil"? Qualquer um de nós já estaria preso!

O atual sistema político português tem sido desolador.

Pela improdutividade, pelo descontrole do seu próprio funcionamento e pelos abusos a que tem dado origem. Aproveitando-se da índole pacífica dum povo inculto, adormecido por 40 anos de ditadura e exausto por uma prolongada guerra colonial, os chamados "democratas" apoderaram-se das instituições políticas do país, manipulando-as a seu belo prazer e cometendo os mesmos abusos, senão mais e maiores, dos que foram cometidos durante a ditadura e que tão criticados foram enquanto eram oposição.

Criaram-se Ministros, não só sem pasta, mas sem conta, Secretários de Estado "a granel", centenas de lugares de deputados, pagos a peso de ouro, inúmeros lugares de assessores, secretárias, motoristas, etc.

Se isso se sente ao nível do país que dizer dos governos regionais. Criou-se uma pesadíssima máquina administrativa que absorve grande parte dos orçamentos regionais, para satisfação duma classe política voraz. O que dantes se resolvia com três Governadores Cívicos, três Presidentes de Juntas Gerais e meia dúzia de funcionários, necessita agora de inúmeros Secretários Regionais, um sem número Diretores Regionais, assessores, secretárias, motoristas a perder de vista, e automóveis. Muitos e bons automóveis.

Também se criou um exagerado número de deputados, que reúnem pouco e que são completamente desnecessários, pelo menos da maneira que funcionam, mas cujos lugares são necessários para eles mesmos. Todas as vezes que muda um governo mudam-se centenas de administradores de empresas públicas que outras qualificações não têm do que o cartão do partido no poder.

E, dada a desafogada situação económica, renovam-se também, os Diretores-gerais, os assessores, as secretárias e a frota automóvel dos diferentes departamentos governamentais, com a desculpa de que são lugares de «confiança política»!

Creio que o vulgar cidadão tem dificuldade em entender o que são lugares de «confiança política». Poderão ser da «conveniência dos políticos», mas seguramente não por razões técnicas. Não será o melhor gestor duma determinada empresa aquele que a desconhece por completo e que como curriculum só apresenta as credenciais partidárias. Percebe-se a intenção das nomeações para as empresas públicas dos políticos dispensados de funções governativas e que nada têm a ver com as referidas empresas.

Por certo que não no interesse das empresas nem do país. Não seria lógico que houvesse nessas empresas uma carreira a que se teria acesso por concurso público e quem fosse tecnicamente melhor ocupasse os lugares? Assim seria num país civilizado e sério, mas em Portugal, com um regime afro-sul-americano, será nomeado o que for o mais subserviente (PS, PPD ou CDS) ou familiar dos seus dirigentes.

Quando o governo PSD substituiu o do PS e o acusou de delapidar erário quase levando o país à bancarrota e obrigando a renovados sacrifícios, ouvimos um coro de protestos do PS acusando o Governo de irresponsabilidade porque isso iria diminuir a confiança do povo e de eventuais investidores nacionais e estrangeiros.

Agora, invertido o cenário, assistimos ao PS a acusar o PSD de "delapidar erário quase levando o país à bancarrota e obrigando a renovados sacrifícios," mas já não se fala no prejuízo de "diminuir a confiança do povo e de eventuais investidores nacionais e estrangeiros".

Nunca vemos, da parte de qualquer governo, a vontade de aproveitar uma ideia que lhe seja sugerida por um opositor. São invariavelmente chumbadas na Assembleia, quantas vezes com prejuízo do país, só porque não partiram da bancada da maioria!

Assistimos frequentemente a longos e inúteis debates, por questões quantas vezes fúteis, em que uma bancada ou o governo propõe determinada lei que já tinha sido proposta pela agora oposição e que esta longamente debate a inconveniência de tal legislação que, num passado recente, tinha ela própria proposto aos deputados!

As lutas partidárias tornaram-se tão estéreis e ridículas como as partidas de futebol, onde impera o clubismo, o dinheiro, obscuros interesses económicos e não o interesse desportivo.

A Assembleia transformou-se também num campo desportivo, onde imperam os interesses pessoais e partidários em detrimento dos interesses do país. O deputado pode matar, roubar, ser pedófilo, etc., que está protegido pela tutelar Assembleia! Tem direito à impunidade!

Ao deputado é permitido, dada a situação de desafogo económico do país, viajar em 1ª classe e subdividir as passagens para levar a família, a amiga e o gatinho. E ainda ter ajudas de custo!

Já não é ilegal porque o Dr. Mota Amaral propôs e permitiu a legalização da traulhice. Aos políticos e aos administradores das empresas públicas são concedidas benesses que ao comum dos portugueses são negadas. Basta-lhes estarem sentados durante doze anos – e às vezes nem isso – sem produzir rigorosamente nada, para ter direito a uma choruda pensão vitalícia!

Os ministros permitem-se o gozo de férias, quatro meses após o início de funções! O que não é permitido ao comum dos portugueses. Mas falam em acabar nos privilégios dos políticos....

Assistimos, já com indiferença, aos políticos prometerem a lua durante as campanhas eleitorais para depois de eleitos esquecerem as promessas que fizeram e com as quais conquistaram o eleitorado. Na vida civil chama-se a isso "publicidade enganosa" e os prevaricadores, se não tiverem "cunhas", são habitualmente punidos. Ao político, como não é responsável, tudo é permitido.

É inimputável! O que para o comum dos cidadãos não é um adjetivo lisonjeiro. Já ninguém acredita nos benefícios da subida dos impostos e do aumento dos investimentos públicos.

Sabe-se, por experiência, que o aumento dos impostos vai servir para aumentar a classe política e alimentar as benesses que ela se atribui.

Sabe-se, também por experiência, que os custos dos investimentos públicos "derrapam" sempre para benefício de quem os promove e não para benefício dos seus destinatários.

No Orçamento Regional de 2008 a verba atribuída à ALRA é de 10.412.606 €. Esta enorme despesa significa 200.242€ por deputado que no próximo ano aumentará ainda! São 40.500 contos por cada um destes inúteis, fora seguramente as chorudas pensões de reforma conseguidas, não pelo seu mérito, mas pela subserviência ao seu chefe partidário, em apenas doze anos de preguiça!

Recentemente foi eleito um jovem deputado, creio que ainda estudante universitário, cujo único mérito conhecido é o de ser filho do Presidente do Governo. Assim aos trinta e poucos anos terá direito a uma choruda pensão de reforma sem necessidade de trabalhar ou de ter preocupações! Seguramente que lá está para defender os interesses do povo.... Ser-se deputado deixou de ser uma função. Passou a ser uma profissão. Numerosa, bem paga e com direito a chorudas pensões vitalícias.

Os deputados nos Açores são 52 para uma população de 241.763 habitantes. A manter-se uma proporção Lisboa deveria ter 2.150, os Estados Unidos 63.026 e a China 276.811 deputados. Alguns puristas, ainda assim, creem que temos poucos deputados. As despesas da Assembleia da República foram de 109.818.630€ Euros (22 milhões de contos)! Dividindo pelos 230 vorazes e inúteis deputados temos uma despesa de 477.472 € (95.724 contos!) por cada um dos elementos desta corja.

A inacreditável reabilitação de Salazar e do Estado Novo, 40 anos após a sua morte, deve-se unicamente à conduta política e podridão destes "democratas" que se apoderaram do poder para se servirem a si e aos seus, transformando o próprio Estado no maior ladrão e caloteiro que o país conhece, muitas vezes a coberto da lei que eles próprios inventaram.

Salazar, com todos os seus reconhecidos defeitos, nunca beneficiou a família ou a si próprio com benesses e privilégios monetários escandalosos. Sendo um ditador quem o impediria de o ter feito? Não o fez simplesmente porque era honesto. Não era democrata e não o escondia. Talvez menos pelo sistema em si, mas porque conhecia demasiado bem os nossos "democratas". Encobriu escândalos? Seguramente.

Mas hoje a transparência democrática também o faz, quando não consegue através da inoperante justiça ilibar os criminosos. São os casos de óbvio enriquecimento dos detentores de cargos políticos sem que ninguém cuide de investigar como e porquê. São os casos dos faxes de Macau, da Casa Pia, dos McCann, das viagens fantasmas dos deputados, dos Isaltinos, dos Valentins, das Fátimas Felgueiras, das derrapagens nas obras públicas, etc. A negligência demonstrada enquanto detentores de cargos de responsabilidade, pagos a peso de ouro pelos miseráveis contribuintes, é premiada com o encobrimento quando não com a promoção. São disso exemplo os casos recentes dos gestores da CGD e do Banco de Portugal.

A Democracia deixou de ser um objetivo e uma atitude perante a vida, para se tornar num álibi. Para se ser democrata não é só preciso ser-se eleito. É imprescindível ter uma mentalidade e comportamento democrático, que definitivamente não encontramos nos nossos políticos. Tudo é permitido porque afinal são democratas e dizem defender o povo e o país. Como é óbvio... Para um país miserável, falido, sem indústria e sem agricultura, com 500.000 desempregados, tecnicamente em recessão e com 334 mil pessoas que recebem rendimento social de inserção, fonte de inaceitáveis e injustificáveis abusos, é escandaloso este estado de coisas.

Antigamente obrigavam-nos a pertencer à Mocidade Portuguesa. Agora obrigam-nos a subvencionar os partidos políticos, quer queiramos quer não, quer acreditemos neles ou não, quando numa verdadeira democracia deveriam ser os seus militantes a fazê-lo voluntariamente. Mal estaremos nós se tivermos de subsidiar todas as agremiações e empresas que se revelem improdutivas e não rentáveis, só para benefício dos insaciáveis que vorazmente se alimentam da política. Já não surpreende ninguém, nem os próprios políticos, a cada vez mais elevada abstenção nos atos eleitorais. A meteorologia tem servido como explicação encontrada para justificar o desinteresse. Se há chuva é essa a razão por que os eleitores ficam em casa. Se faz sol é porque foram para a praia. Se está ameno será porque foram passear. Nunca pelo desencantamento, desinteresse e até revolta.

Votar em quem? E para quê? Só pelo simples prazer de mudar de embusteiro e colaborar com esta corja? Não vale a pena... ass.) Açoriano

A pergunta que fica no ar é saber para quem trabalham os nossos "governantes" e "deputados". Não é de certeza para os Portugueses.

Para além de trabalharem para seu benefício imediato, para quem trabalham eles? Será que os portugueses estão condenados a só poder viver em ditadura?

Vai acabar por haver uma revolta do Povo para a qual o "governo" irá reagir ordenando, como é hábito, a GNR e a PSP para reprimir.

Espera-se que os elementos daquelas Forças de Segurança pensem no que têm sido desconsiderados por este e outros "governos" e saibam negar-se a ordens legítimas, mas imorais.

Podem contar com o apoio das Forças Armadas que, como sempre, têm sempre os superiores interesses de Portugal como o seu supremo objetivo.

É tempo de acabar com este "É fartar vilanagem"! José Morais Silva www.portugalnoticias.com

Claro que nos custa depois responder aos nossos críticos dizendo que não somos negativistas, apenas relatamos o que se passa em nossa volta e que a maioria dos portugueses não quer ou não pode ver. Convém recordar um artigo datado

de 20 outubro de 2007 no Expresso: "A Justiça criminosa" por Clara Ferreira Alves, In "Pluma Caprichosa" sábado, 20 out. 2007, no Expresso

Por uma vez gostava que em Portugal alguma coisa tivesse um fim, ponto final, assunto arrumado. Não se fala mais nisso. Vivemos no país mais inconclusivo do mundo, em permanente agitação sobre tudo e sem concluir nada.

Desde os Templários e as obras de Santa Engrácia, que se sabe que nada acaba em Portugal, nada é levado às últimas consequências, nada é definitivo e tudo é improvisado, temporário, desenrascado.

Da morte de Francisco Sá Carneiro e do eterno mistério que a rodeia, foi crime, não foi crime, ao desaparecimento de Madeleine McCann ou ao caso Casa Pia, sabemos de antemão que nunca saberemos o fim destas histórias, nem o que verdadeiramente se passou nem quem são os criminosos ou quantos crimes houve.

Tudo a que temos direito são informações caídas a conta-gotas, pedaços do enigma, peças do quebra-cabeças. E habituámo-nos a prescindir de apurar a verdade porque intimamente achamos que não saber o final da história é uma coisa normal em Portugal e que este é um país onde as coisas importantes são "abafadas", como se vivêssemos ainda em ditadura.

E os novos códigos Penal e de Processo Penal em nada vão mudar este estado de coisas. Apesar dos jornais e das televisões, dos blogues, dos computadores e da Internet, apesar de termos acesso em tempo real ao maior número de notícias de sempre, continuamos sem saber nada, e esperando nunca vir a saber com toda a naturalidade.

Do caso Portucale à Operação Furacão, da compra dos submarinos às escutas ao primeiro-ministro, do caso da Universidade Independente ao caso da Universidade Moderna, do Futebol Clube do Porto ao Sport Lisboa Benfica, da corrupção dos árbitros à corrupção dos autarcas, de Fátima Felgueiras a Isaltino Morais, da Braga parques ao grande empresário Bibi, das queixas tardias de Catalina Pestana às de João Cravinho, há por aí alguém que acredite que algum destes secretos arquivos e seus possíveis e alegados, muito alegados crimes, acabem por ser investigados, julgados e devidamente punidos? Vale e Azevedo pagou por todos.

Portugal tem um défice de responsabilidade civil, criminal e moral muito maior do que o seu défice financeiro, e nenhum português se preocupa com isso apesar de pagar os custos da morosidade, do secretismo, do encobrimento, do compadrio e da corrupção. Os portugueses, na sua infinita e pacata desordem existencial, acham tudo "normal" e encolhem os ombros.

Quem se lembra dos doentes infetados por acidente e negligência de Leonor Beleza com o vírus da sida?

Quem se lembra do miúdo eletrocutado no semáforo e do outro afogado num parque aquático?

Quem se lembra das crianças assassinadas na Madeira e do mistério dos crimes imputados ao padre Frederico?

Quem se lembra que um dos raros condenados em Portugal, o mesmo padre Frederico, acabou a passear no Calçadão de Copacabana?

Quem se lembra do autarca alentejano queimado no seu carro e cuja cabeça foi roubada do Instituto de Medicina Legal?

Em todos estes casos, e muitos outros, menos falados e tão sombrios e enrodilhados como estes, a verdade a que tivemos direito foi nenhuma. No caso McCann, cujos desenvolvimentos vão do escabroso ao incrível, alguém acredita que se venha a descobrir o corpo da criança ou a condenar alguém?

As últimas notícias dizem que Gerry McCann não seria pai biológico da criança, contribuindo para a confusão desta investigação em que a Polícia espalha rumores e indícios que não consubstancia.

E a miúda desaparecida em Figueira? O que lhe aconteceu? E todas as crianças desaparecida antes delas, quem as procurou?

E o processo do Parque, onde tantos clientes buscavam prostitutas, alguns menores, onde tanta gente "importante" estava envolvida, o que aconteceu? Arranjou-se um bode expiatório, foi o que aconteceu.

E as famosas fotografias de Teresa Costa Macedo? Aquelas em que ela reconheceu imensa gente "importante", jogadores de futebol, milionários, políticos, onde estão? Foram destruídas? Quem as destruiu e porquê?

E os crimes de evasão fiscal de Artur Albarran mais os negócios escuros do grupo Carlyle do senhor Carlucci em Portugal, onde é que isso para? O mesmo grupo Carlyle onde labora o ex-ministro Martins da Cruz, apeado por causa de um pequeno crime sem importância, o da cunha para a sua filha.

E aquele médico do Hospital de Santa Maria suspeito de ter assassinado doentes por negligência? Exerce medicina? E os que sobram e todos os dias vão praticando os seus crimes de colarinho branco sabendo que a justiça portuguesa não é apenas cega, é surda, muda, coxa e marreca.

Passado o prazo da intriga e do sensacionalismo, todos estes casos são arquivados nas gavetas das nossas consciências e condenados ao esquecimento. Ninguém quer saber a verdade. Ou, pelo menos, tentar saber a verdade.

Nunca saberemos a verdade sobre o caso Casa Pia, nem saberemos quem eram as redes e os "senhores importantes" que abusaram, abusam e abusarão de crianças em Portugal, sejam rapazes ou raparigas, visto que os abusos sobre meninas ficaram sempre na sombra.

Existe em Portugal uma camada subterrânea de segredos e injustiças, de proteções e lavagens, de corporações e famílias, de eminências e reputações, de dinheiros e negociações que impede a escavação da verdade.

Este é o maior fracasso da democracia portuguesa e contra isto o PS e o PSD que fizeram? Assinaram um iníquo pacto de justiça.

Por tudo isto pressagio que 2009 vai ser um ano interessantíssimo e nem sequer mencionei a crise global que aumenta em vários milhares diários, o número de desempregados mundiais...nem a crise bancária...nem a crise ambiental...

Clara Ferreira Alves"

Um bom ano para todos.

CRÓNICA 62 DO HOMOSSEXUALISMO AO SORO FISIOLÓGICO 7 MARÇO 2009

Ando há um mês para escrever umas Crónicas, mas a falta de tempo é a principal preocupação de uma pessoa reformada, sem emprego nem outras obrigações.... Dirão alguns que um desempregado não produtivo não pode ter falta de tempo, e deve estar sempre pronto para a ação, mas prova-se facilmente o contrário pois as minhas atividades são imensas, quase tantas como no tempo em que tinha patrões.

De qualquer forma, se ainda não notaram até esta linha já há duas palavras com a nova ortografia, como aliás o meu livro que acabei em outubro e agora depois de cortado em mais de 250 páginas vai finalmente sair monstruosamente grande com cerca de 500 laudas de texto bem preenchido que espero faça a delícia dos que me lerem, como prazer me deu a escrevê-lo sonhando que ia morrer estiolado numa qualquer gaveta como é normal com escritos de autores não consagrados.

Foi assim com a minha poesia infantojuvenil até que em 1972 resolvi publicar um livrinho com 100 páginas, mas que o lápis azul da censura da ditadura reduziria para 32...foi assim com os meus escritos políticos sobre Timor que só saíram em livro em 1999 e em CD em 2005. Foi diferente com o Cancioneiro Transmontano que publiquei em 2005 e desde então escrevia porque sim, porque tinha algo a deixar aos filhos e netos (que não de vir).

Hoje estou particularmente orgulhoso com esse novo livro que vou lançar em papel na abertura do 4º Encontro Açoriano da Lusofonia e simultaneamente com a declamação de alguns poemas escritos há 40 anos o que ocorrerá no 4º dia desse mesmo colóquio.

Muita gente morre sem se dar conta de que a sua palavra é passada para as gerações vindouras e a minha mensagem acabará por ficar estampada nas folhas brancas onde a tinta as impregnará com pensamentos, ideias e mementos desta vida triplamente rica que já vivi, com mais de uma carreira profissional e, na maior parte dos casos, a fazer aquilo de que gostava...

Voltando ao mundo mesquinho que me rodeia este último mês vi o governo do pequeno Sócrates (para distinguirmos esse senhor Pinto de Sousa do grande filósofo de antanho) propor o casamento homossexual, depois de ter alterado a lei do casamento e do divórcio numa clara manobra destinada a tornar-nos a todos num futuro (que ele espera seja próximo) em homossexuais, sem família nem descendência para ele poder reinar à vontade como pequeno reizinho que é deste feudo à beira-mar plantado...muitas foram as vozes a clamarem que se tratava de um namoro descarado a uma "esquerda" que ameaça roubar-lhe a maioria absoluta com que gosta de nos desgovernar.

Um dos seus porta-vozes e antigo ministro da educação mostrando uma absoluta falta desta ria-se dizendo que gostava era "de malhar neles". No meu tempo malhava-se no feno e não nos deputados... Já o celebrado computador Magalhães (que ofensa à minha família descendente daquele apelido nobre de antanho) vem acompanhado dum programa cheio de erros ortográficos. Só faltou dizer que os erros eram de propósito a fim de testarem a capacidade de os alunos os emendarem...

Entretanto foi anunciado que numa viagem a Cabo Verde do séquito governamental seguirão 22 mil exemplares daquele PC para as crianças da ex-colónia, isto enquanto em Portugal no distrito de Bragança apenas 5 “Magalhães” foram recebidos na maior parte das escolas, já que nos Açores ainda ninguém os viu ou cheirou nas escolas.

*Mas voltemos ao homossexualismo que agora atrai o primeiro-ministro.
Há meses quando as forças parlamentares fizeram idêntica proposição ele votou contra e agora avança com a mesma proposta.
Crê-se que a ideia será fazer de todos nós homossexuais caso contrário ao atingirmos a maioria dos 18 ele atinge-nos com um imposto por sermos heterossexuais.
Primeiro foi a vingança pela frustração de ter sido maltratado numa escola que não o considerou logo o génio maquiavélico que é e não lhe deu as notas que entendia merecer, daí a perseguição aos professores e ao ensino e a total destruição de qualquer sistema de aprendizagem.
Agora deve ser a vingança contra as famílias (que ele já não tem) e contra as mulheres.
Como já foi casado e ela o abandonou e levou os filhos sem reconhecer nele o Grande Líder Kim Il Sung que ele gostaria de ser...
Qualquer dia ainda vou acreditar na história dele ser “gay” e de ter estado envolvido com aquele ator conhecido que de repente foi promovido e convidado a dirigir o Teatro Nacional...é como o caso da corrupção no caso Freeport ou eu me engano, mas os corruptores vão presos e os corruptos ainda levam uma medalha. Pega-se nos estrangeiros que o tentaram corromper e lhe pagaram “luvas” e metem-se na prisão e os que receberam o dinheiro são agraciados com uma Medalha de Mérito.*

Isto aqui é tão diferente da minha Austrália onde os corruptos e infratores (depois de julgados pelos juízes) vão presos. Aqui só os pequenos delinquentes vão presos e os grandes veem os processos arquivados, por falta de provas, inadmissibilidade de escutas telefónicas, prescrição dos prazos legais, inaplicação de leis, amnistiados por novas leis exoneratórias, etc., perguntam e mesmo assim continua o povo a votar neles? Claro que sim, o povo prefere os chicos-espertos como o pequeno Sócrates do nariz à Pinóquio que é um desenrascado, que faz as suas falcatrúas e escapa sempre a um honesto que não faz nada. No fundo, terão inveja de não serem tão “espertos” como ele e ficarem incólumes a julgamentos e acusações.

Tal como aconteceu hoje, aqui em casa, à criada (perdão, técnica de apoio doméstico) que foi despedida por ter falsificado o conteúdo duma pequena garrafa de soro fisiológico que roubou para os filhos. Só dizia que não tinha roubado nada nem nos tinha prejudicado, apenas metera água no frasco de soro fisiológico, para aqueles que não sabem cada embalagem custa uns meros cinquenta cêntimos.

Não entendia que o ato de roubar era independente do valor do roubo...já se tinham verificado faltas anteriores e todas de pequenas coisas, medicamentos, panos de limpar a louça, e quejandos...já fora avisada e prevaricou, mas não compreendia que por uma coisa tão pequena fosse perder o seu ganha-pão, aqui onde era mais bem paga que qualquer outra empregada doméstica (ou funcionária de ação e limpeza doméstica) como os puritanos do politicamente correto lhe chamarão.

Aqui donde recebia todas as roupas, sapatos e outras coisas que em vez de irem parar ao lixo lhe eram entregues para a ajudar e à sua família pobre dum marido inválido e filhos na escola. Há princípios de que não abdicamos e este é um deles. Tão roubo é o do soro fisiológico como o dos banqueiros. Só a dimensão varia. A pena para os banqueiros era impedi-los de exercerem funções permanentemente ou por um período de dez anos em vez de lhes entregarmos mais dinheiro para eles dilapidarem. Para esta empregada foi o despedimento com justa causa.

CRÓNICA 63 SEXUALIDADE, PROFESSORES E PRESERVATIVOS 20 MAIO 09

Este mês está cheio de fortuitos eventos e notícias sobre sexo, deve ser efeito da primavera que anda para aí à solta. Depois de três dias de calor e sol chegou hoje a chuva desaparecida há meses e veio acompanhada de granizo e frio. Os deuses andam loucos e as pessoas não menos.

*Primeiro foi uma professora de Espinho que enquanto ameaçava os alunos e alunas, ia falando desbragadamente de sexo, do seu e do deles e delas, exigindo ser tratada por senhora doutora por ter doze anos de escolaridade mais quatro de licenciatura, dois de estágio, dois de não sei o quê e uma pós-graduação. Uma mãe duma aluna insurgiu-se e mandou a filha gravar ilegalmente uma aula, logo passando a gravação para a TV que durante dias não se calava a repetir as barbaridades que a aluna permitira ouvir ao gravar ilegalmente uma aula. Veio logo um psicopedagogo ou pedipsicólogo assegurar que havia situações em que os meios justificavam os fins e aquela gravação era um deles.
Depois era a cena da igreja católica portuguesa, da oposição, das associações de pais e outros a insurgirem-se com a oferta gratuita de preservativos nas escolas que o governo insistia em propalar para desviar a atenção de problemas mais graves.
Por este andar, teremos em breve, o governo a exigir camas para a escola para as crianças aprenderem a terem sexo protegido e de acordo com as normas, já que nesta ânsia de legislar nada parece escapar ao executivo de Sócrates.
Para muitos pais esta ideia seria ótima pois como não sabem ou não querem falar de sexo aos filhos ficavam com esse problema resolvido.
Mas se há tanta a criança a ter sexo e a ser mãe e pai antes do tempo, como as estatísticas demonstram, esta é mais uma daquelas medidas bem-intencionadas, que ameaça converter-se naquilo que detestamos ouvir: uma causa fraturante.
Hoje em dia só se fala de sexo, sexualidade, preservativos, tudo de forma aparentemente delicada e sensível, mas não me parece reconfortante ouvir uma professora (por mais desbocada que seja) dizer que quase todos os seus alunos de 13 anos começaram no «linguado» e avançarem por aí adiante.
Não é normal, mas até é provável que aconteça, em todas as classes sociais.
Nas mais altas, se algo acontece, passa-se para a fase seguinte do aborto numa clínica privada, enquanto no proletariado as gravidezes infantis ou adolescentes vão até ao fim.
A aula da professora de Espinho sobre a «História de Roma» deu lugar a uma confusa mescla de clichés e ideias preconcebidas as quais foram despejadas e não o deveriam ter sido.*

Quem estudou a história de Roma, e a da Grécia antiga, decerto sabe que existiam orgias, tanto heterossexuais como homossexuais, ao gosto de cada um. Aliás a homossexualidade só foi banida com Diocleciano no séc. IV quando determinou o catolicismo como religião do Império Romano.... Há sempre quem assegure que essas orgias que viriam a causar o fim desses impérios se assemelham ao fim do império europeu ocidental que se avizinha.

Não parece o mais correto escolher uma aula de história para falar de sexualidade. Existem pessoas treinadas, Serviços de Psicologia, pessoal de Saúde Escolar, grupos de professores voluntários que estão dispostos a falar de sexualidade com os alunos, e tantas outras opções. Tal como Bush queria impor a virgindade nas escolas assim o PS Português, atualmente no poder, parece querer impor a sexualidade. No entanto, não creio que todos os alunos e alunas sejam pervertidos, embora admita a existência de pequenas bolsas de comportamentos desviantes das normas sociais em vigor. Quer a professora quer a aluna e a sua mãe devem ser punidas de forma exemplar.

A TV deveria dispensar-se de transmitir estas gravações que só servem para ser emuladas por outros alunos, quaisquer que sejam as circunstâncias atenuantes em que o façam.

A escola parece ser um local para tudo acontecer menos o ensino e a aprendizagem.

Passamos do exagero controlador dos tempos salazarentos a este espírito de libertinagem libertária. Perderam-se os vetores e as referências que construíram a sociedade na qual crescemos.

Pedi o conselho à minha mãe com a experiência dos seus 86 anos completos e uma vida de magistério primário, mas ela disse-me que este mundo estava todo do avesso e já não tinha idade para se adaptar.

Chega de sexo para uma Crónica só, porque aparentemente o problema em Portugal é falar-se demasiado em sexo e praticar-se pouco. Por isso, a população portuguesa está a decrescer a uma taxa alarmante desde há vários anos e ameaça tornar-se numa espécie em vias de extinção.

Também não se crê que a ameaça governamental de legislar sobre os casamentos homossexuais venha a incrementar o nascimento de crianças portuguesas, tanto mais que os apoios a famílias numerosas e à procriação de casais heterossexuais são cada vez mais exíguos. Os casamentos decrescem, as situações de facto ameaçam ser maioritárias, os divórcios aumentam e a procriação diminui em flecha. A população está envelhecida e vai continuar a ser maioritariamente velha, ou seja, haverá sempre menos a pagarem impostos para o número sempre crescente de idosos.

Este problema, não é exclusivo de Portugal, mas de toda a Europa Ocidental, e terá efeitos negativos na economia agravando ainda mais a crise, a depressão, a estagnação e a recessão recorrente deste jardim à beira-mar plantado.

Por outro lado, as novas noções de família, de sociedade, de solidariedade e de falta de princípios estruturantes conduzirão a uma sociedade crescentemente envelhecida, egoísta, malthusiana e incapaz de responder aos desafios que se colocam neste século XXI. As medidas protecionistas europeias recusando a entrada dos despojados africanos e outros, erguendo barreiras físicas e legais à sua penetração nos mercados comuns europeus só servirão para que o desenlace final seja mais brutal aquando da grande invasão que se fará mais pela via do domínio económico do que pela mera colonização física de antanho. Estas medidas não passam de paliativos utilizados pelos governos para se manterem no poder mais algum tempo e irão ser cobradas com juros elevados quer pelos que ficarem quer pelos que venham preencher o vácuo que os EUA e a Europa como líderes mundiais irão deixar.

Aqui nos Açores ainda se vai estando bem, até quando? E depois começam a faltar os locais idílicos e calmos para onde emigrar.

CRÓNICA 64. DO CORREIO. 21 MAIO 2009

Vivendo na Lomba há quase quatro anos ainda não entendi como a distribuição do correio, cada vez mais errática, funciona.

Passam-se semanas em que só temos uma ou duas distribuições ao domicílio, noutras parece haver distribuição diária, noutras ainda surge correio na caixa ao fim de semana ou em dias feriados.

Ainda hoje, feriado municipal, acaba de chegar e depositar as cartas que constituem um dos laços com o mundo exterior de que não se abdicou ainda, tal como a ocasional ida ao café da esquina para demonstrar que estou vivo.

Hoje, depois de receber três cartas, chegou, de novo, o correio, para trazer uma caixa de Nespresso, esse novo vício burguês a que dificilmente se resiste, dada a superior qualidade das pastilhas que se colocam na máquina ergonomicamente concebida para se assemelhar aos arranha-céus.

Há dias enviei um livro para o estrangeiro e cobraram-me 23.50 euros...depois vim a saber na estação postal central da Ribeira Grande que só tinha a pagar 15.50 se o enviasse como livro e não como carta. Ninguém me disse que podia poupar dinheiro e que havia alternativas. Assumiram que como sou otário devia pagar a taxa máxima.

Quis comprar uma dúzia de envelopes verdes, daqueles pré-pagos, mas não havia suficientes, tive de ir à cidade da Ribeira Grande. Não entendo esta terra nem estas gentes. Em compensação o carteiro habitual até me manda parar quando se cruza comigo na estrada para me dar encomendas, um excelente exemplo de solidariedade.

Resulta disto tudo que quem pede o meu livro paga os 20 euros que ele custa e depois desembolsa quase outro tanto pelos portes do correio se estiver no estrangeiro. Ainda querem que as pessoas leiam livros?

Desta forma nunca mais torno o meu último livro num Best-seller. E sabem porque custa tão caro? Por ter mais sete! (7) gramas do que o quilo, o que mais do que duplica o custo de envio.

Se a capa não fosse tão bonita arrancava-a e já ficava mais barato, mas depois do trabalho que tive em escolhê-la e da labuta do gráfico em realizá-la não tenho coragem de cortar a capa ao meio....

Vou ver se escrevo livros mais curtos e leves para as pessoas poderem ler e levar consigo, que isto de andar com um quilo de prosa debaixo do braço não dá jeito nenhum. Mas quando escrevo esqueço que os CTT (Correios de Portugal) existem e que dependendo deles para divulgar a obra pelos quatro cantos do mundo. Vou ter isso em consideração da próxima vez. Já comecei a cortar páginas ao 2º volume a ver se ele fica mais maneirinho.

CRÓNICA 65 MORREU O NEGRO MAIS BRANCO DO MUNDO 25 JUNHO 2009

Faleceu hoje o ídolo da música pop, Michael Jackson com 50 anos apenas e uma mudança de pele camaleónica que deixara muitos dos seus fãs atónitos. Que se saiba foi o único "Black" a querer tornar-se branco, vá-se lá saber porquê. As televisões deram a notícia da sua morte como se se tratasse da pessoa mais importante do mundo, mas os seus grandes êxitos musicais datam do início da década de 1980 e há anos que nada fazia musicalmente de jeito. Era extremamente dotado desde criança, dizem que graças ao cinto do pai que se abatia sobre a sua pequena figura, se não ensaiasse o suficiente para compensar a falta de talento paterna. Iniciara-se com os irmãos mais velhos no lendário grupo Jackson 5 em 1966, que duraria até 1990 embora já sem Michael que, nessa época, sofria uma transfiguração facial e dérmica radical, com várias plásticas faciais e a mudança de cor de pele de negro para branco alvar, numa mímica extraterrestre com semelhanças a Elizabeth Taylor e ao próprio ET do filme do mesmo nome.

Pelo meio houve a construção de uma espécie de terra da fantasia (Neverland) que viria a falir com os custos das ações judiciais de alegada pedofilia que lhe foram intentadas. Mas deixemos a estrela da pop e concentremo-nos antes na mudança de pele, que cremos ser caso único na humanidade. Por que raio de pensamento rebuscado iria alguém mudar de cor de pele? Será que foi por ter levado demasiada porrada do pai em pequenino? Seria pelos anos difíceis no termo da segregação racial que ele ajudou a destruir ao tornar-se no primeiro ícone universal da música negra? Com efeito antes de Tiger Woods e quatro décadas antes de Obama, Michael Jackson foi o negro mais visto e ouvido em todo o mundo. Imagino o escândalo que seria se eu me decidisse a seguir as pisadas dele ao contrário e de repente aparecesse aqui na Lomba da Maia de pele negra e luzidia. A festa que não iria ser, os fornecedores deixavam de bater à porta, o café não me seria servido, as pessoas atravessariam a rua ao verem-me sair de casa, o senhorio pediria referências e os filhos seriam os primeiros a deserdarem-me se é que não se sentissem tentados a internarem-me.

Que vantagens poderia eu ter para mudar de cor como o camaleão? Nenhunas, antes pelo contrário, numa Europa xenófoba, num Portugal (cada vez mais) racista. Passaria a sentir na pele a discriminação latente e dissimulada que grassa por essas terras fora. Seria marginalizado pelos meus pares e olhado com receio e desconfiança pelos colegas de cor, que me considerariam um intruso oportunista. Teria de emigrar para outras paragens onde não desse tanto nas vistas. Pensando bem, nem sequer tenho os milhões necessários para as operações imprescindíveis, no caso de serem possíveis e gosto de mim como sou e como tenho sido ao longo dos anos para agora não ter de aprender a gostar de mim diferente.

Lembro-me bem de quando estava em Timor, um colega médico me pedir para o deixar circuncidar-me pois cada operação daquelas dava uns pontos adicionais para a sua progressão na carreira. Claro que não iria deixar que fizessem adaptações ao meu segundo cérebro, e muito menos que o artilhassem como se de um carro de corrida se tratasse. Credo, cruces. Bonito ou feio, com mais ou menos prepúcio era aquele com que nascera e seria aquele com que iria morrer, sem mãos de cirurgiões açougueiros ou talhantes a retalharem esse pedaço de mim. Mais tarde, outro cirurgião amigo, que também estivera comigo em Timor, foi chefe de serviços no Hospital de Macau e fartou-se de operar toda a gente que lhe caía na mesa de operações para aumentar os seus créditos como cirurgião.

Já, por outro lado, o Octávio, dentista que conheci no SMO em Timor, não precisava de acrescentar uns tracinhos na parede do consultório para o seu currículo de cirurgião dentista, bastava meter-se no avião de Díli para a Maliana ou para qualquer outro lugar recôndito do velho Timor Português. Ali mesmo, na pista de terra batida, alguém trazia uma cadeira da messe (de sargentos) onde os pacientes se sentavam, à vez, de boca aberta enquanto extraía um ou outro dente ou raiz, infetada sem anestesia. Sem outros cuidados e sem a ajuda da habitual enfermeira assistente. Sem bata branca, nem luvas esterilizadas nem instrumentos fervidos. Todos de boca aberta sem um esgar, sem se contorcerem de dor, sem se mexerem, aguardando o fim do procedimento. Não creio que algum deles pensasse em mudar de cor ou de nacionalidade para não ter dores.

Sempre houve quem dissesse que o Michael Jackson era uma criança que se esquecera de crescer e daí querer estar rodeado de miúdos, ter construído o Neverland, mítico terreno dos sonhos e fábulas. Diziam que dormia numa câmara hiperbárica e sonhava como só as crianças podem devanear, sem maldade. Há também quem atribua a sua cor a uma doença rara de despigmentação, o vitiligo. Fosse como fosse, uma criança extremamente dotada a quem, a sociedade racista norte-americana (do Indiana) e a ambição desmesurada do pai, impuseram que não tivesse infância, tornou-se num dos maiores ídolos do entretenimento mundial. Agora morreu, aparentemente duma overdose induzida pelo seu médico para lhe reduzir as dores. Que outras dores faltariam calar? Nunca o saberemos.

CRÓNICA 66 O ROMANO SÉRGIO GALBA E OS PORTUGUESES: MUITOS SÃO OS CULPADOS POUCOS VÃO PRESOS. 28 JUNHO 09

Há dias ouvi um comediante português dizer algo muito acertado: muitos são os culpados, mas nem todos vão presos. Com efeito e na sequência do que a Bíblia nos diz "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos" [Mt 22: 14], a lei portuguesa não discrimina quem vai preso, mas o pragmatismo da sociedade portuguesa assim o obriga. Vejamos, se todos os culpados fossem presos, Portugal ficava sem políticos, sem deputados, sem presidentes da câmara, sem vereadores, sem ministros, sem secretários de estado, sem diretores gerais, sem inspetores, e por aí diante. Ora convenhamos que a Assembleia da República, o atual Parlamento português, pode funcionar poucos dias, mas ainda vai dando ocupação a 230 deputados e aos seus assessores. Não se imagina aquele órgão de soberania vazio, por estarem todos arguidos, detidos preventivamente ou a cumprirem pena pelos inúmeros crimes de que obviamente deveriam ser acusados.

O país pararia se a justiça fosse cega como deveria ser e prendesse todos os culpados. Aliás, crê-se que seria difícil isso acontecer, pois Portugal teria de pedir ajuda aos países vizinhos para poder encontrar celas disponíveis para tanta gente. À medida que fossem presos os representantes do povo iriam, na boa tradição inquisitorial portuguesa, incriminar os seus constituintes que os corromperam, e teríamos um efeito bola de neve. Assim, à medida que iam presos, os representantes da nação, também iria com eles a turbamulta dos que neles votaram. O país depois de parar ficaria deserto. Estamos crentes de que só assim seria possível governar este jardim à beira-mar plantado. Isto enquanto não nasce um líder capaz. Não precisa ser sobrenaturalmente dotado, basta ser alguém que ponha o interesse nacional à frente do interesse próprio ou partidário.

Dê-se razão a Sérgio Galba, brioso capitão das Hordas Romanas que invadiram a Península e conquistaram a Lusitânia, onde se instalaram para dominar, mas só obtiveram a vitória com o assassinato de Viriato, por traição. Quando Galba escreveu a César Augusto a dar notícias das gentes deste extremo do Império, fê-lo nestes termos: "Estes lusitanos nem se governam, nem se deixam governar". E os séculos parecem dar-lhe razão.

Vejamos como conseguiram os Romanos pacificar esta terra e estas gentes há quase vinte séculos:

Emerge em Cartago o general chamado Amílcar Barca que embarca para a Península Ibérica à frente de um poderoso exército em 237 a.C., para consolidar e alargar o domínio púnico na Península, e pagar os tributos a Roma. A política expansionista de Cartago não representava uma agressão a Roma, mas seria considerada como parte de um plano para um grande confronto. Barca desembarca em Gadir (Cádiz) em 237 a.C. morreria em combate, sendo substituído pelo genro Asdrúbal que fundou Nova Cartago (Cartagena), centro das minas de prata da região. Após a morte de Asdrúbal, Aníbal Barca (filho de Amílcar) foi nomeado comandante na Península e inicia um processo expansionista. Ataca os povos do interior e do sul da Península, conquistando Salmantica (Salamanca) e Arbulaca (Zamora), e fundando Portus Hannibalis (Portimão, Algarve) para apoiar a navegação atlântica. Há vestígios da presença cartaginesa em Ossonoba (Faro). Isto preocupou Roma.

A situação explodiu quando Sagunto (cidade a sul do rio Ebro) pediu proteção a Roma, concedida em 220 a.C. Aníbal atacou e tomou a cidade, dando início à II Guerra Púnica. A Península Ibérica dividia-se entre o sul e leste mediterrânico, uma civilização ibérica com influências semitas e helénicas, no caso da Catalunha, e o norte ou interior de feição continental. A região do Ebro constituía a parte oriental celtibérica. Não eram um só povo, mas uma amálgama étnica essencialmente indo-europeia.

Os Celtiberos opunham-se aos Vaceus, Vetões e Celtas, não sendo claras as afinidades étnicas entre estes. Foram usados como mercenários pelos dois lados do conflito. Foi importante a cavalaria ibérica do exército de Aníbal na batalha de Cannae. A norte localizavam-se os Vascões (Bascos), os Cântabros e Ástures (nunca totalmente submetidos) e finalmente os Calaicos (Galegos).

Os Cartagineses aproveitaram as particularidades da Península e da população, ao utilizarem as cidades a sul como polos de controlo dos recursos regionais, e a recorrerem às populações do norte para os seus exércitos. Houve emissões de moeda por cidades cartaginesas na Península Hispânica para pagar aos mercenários.

Em 197 a.C., Roma delinea o primeiro projeto de uma administração provincial e envia dois governadores para dividir a Península Ibérica na província da Hispânia Ulterior (ocidente) e na Hispânia Citerior (oriente).

Após 194 a.C., há confrontos entre Romanos e Lusitanos, com a derrota romana no ataque a Ilipa, no Guadalquivir. Nos anos seguintes, a influência romana estende-se para o interior. Em 155 a.C., Roma controlava todo o Ebro até ao território basco, a Andaluzia, e parte do Alentejo. Começou nesse ano (155 a.C.) a Guerra Lusitana, que se prolongou até 138 a.C. Em 152 a.C., a Celtibéria revoltou-se, levando Roma a uma guerra sangrenta em duas frentes.

Em 155 a.C., um numeroso grupo de lusitanos e de Vetões atacou as regiões meridionais da Hispânia Ulterior. Os combates sucederam-se, até 150 a.C., frequentemente favoráveis aos Lusitanos, mas uma ação concertada dos governadores da Ulterior e da Citerior permitiu infligir uma pesada derrota que os forçou à paz.

Sérvio Sulpício Galba concedeu aos 30.000 guerreiros Lusitanos três locais de residência diferentes, aí chacinando 8.000, e aprisionando mais alguns milhares. Os historiadores romanos exageravam pelo que é de assumir que fossem bandos de guerreiros. Esta guerra não terá começado como uma operação de pilhagem e saque, mas como reflexo natural do reenquadramento territorial.

Os Lusitanos pretendiam ocupar novos territórios. É possível com os confrontos com os Romanos tenham provocado uma brutal queda demográfica. Os exércitos Lusitanos não passavam de bandos isolados e desorganizados. Só os Romanos constituíam uma entidade política organizada. Esta situação fornece a tónica para a "Guerra Lusitana", descrita como "um incêndio que teimava em se reacender". Após a matança promovida por Galba, seguiu-se um período de acalmia.

No entanto, em 147 a.C., um novo bando de lusitanos irrompeu na Ulterior, forçando o governador romano Vetílio a propor uma nova distribuição de terras para os Lusitanos. Nessa altura interveio Viriato, ao que parece, um sobrevivente da primeira matança, que relembrou a anterior traição romana.

Aclamado como chefe, Viriato atrai o governador a uma emboscada, onde o venceu e matou. Os Romanos reagiram com um exército de mercenários celtibéricos, que foram chacinados. Seguiram-se vitórias lusitanas ao longo de 146 a.C., o que permitiu fixarem-se na Andaluzia e na periferia da província.

Os guerreiros locais armados com longas lanças e com os mortíferos gladius hispanienses adequados à guerrilha, não deram tréguas à infantaria romana habituada a lutar em campo aberto com exércitos bem alinhados. O mito de Viriato começou no séc. I a.C., devendo a sua origem aos historiadores Possidónio e Teodoro. Ambos transmitem a imagem de um herói puro e justo, não corrompido pelos valores da civilização.

Portugal reclamou para si o herói e o local de nascimento, embora seja comemorada na Espanha como seu herói. Terá nascido no Monte Hermínio na serra da Estrela.

Na realidade, pode ter nascido junto ao mar, próximo de Coimbra. Terá sobrevivido ao massacre de Galba e participou na expedição de 147 a.C. Casou com a filha de um terratenente indígena e instalou-se em cidades meridionais durante a guerra com os Romanos, o que sugere familiaridade com o mundo mediterrânico peninsular. Possidónio cria uma imagem que não corresponde à verdade, mas a um estereótipo.

Viriato opunha-se ao domínio vindo de Roma. Simboliza uma cultura ou civilização, se bem que a formação portuguesa deva mais à romana do que à celtibérica; simboliza o desejo de autonomia. Viriato faz parte da mitologia, do panteão nacional e da História de Portugal. Os romanos dominaram os cartagineses e depois os celtiberos, imaginando que a Península era deles. Viriato congrega todas as forças rebeldes do centro e do ocidente e inflige às

legiões derrotas humilhantes. Foi um grande líder e um hábil estratega, reconhecido como tal pelos generais romanos. Da sua origem [que nem todos aceitam] pode ter sido pastor de ovelhas e cabras de Lobriga, Loriga no tempo romano e atual Loriga. O facto de ter casado com uma rica herdeira a sul do Tejo, como dizem as biografias de historiadores gregos e romanos, não prova que tenha passado muito tempo nas planícies do sul.

A segunda guerra lusitana surge na Turdetânia, iberos da Hispânia Bética a oriente do Guadiana. Os lusitanos invadiram em 147 a.C., e atacaram os romanos, mas foram cercados e vencidos por Caio Vetílio.

Viriato assume o comando geral e no mesmo ano em Tríbola vence e mata Caio Vetílio.

Animados, os lusitanos vencem Cláudio Unímiano (146), e Caio Nigídio (145); mas quando Quinto Fábio Máximo Emiliano, irmão de Cipião Emiliano, entra na Península como cônsul da Citerior e provoca Viriato em campo aberto no vale do Guadalquivir, os lusitanos são derrotados (144).

Viriato retira-se para Baecula (Baicor, hoje Bâilen), refaz as forças e contra-ataca no ano seguinte, repelindo os romanos, que se afastam para Córdoba.

As vitórias militares de Viriato entusiasma outros e os celtiberos da Meseta revoltam-se em apoio aos lusitanos. Começa a guerra Numantina.

Divididas as legiões, Viriato derrota em 143 as tropas de Quinto Pompeio, e no ano seguinte as do cônsul Lúcio Cecílio Metelo Calvo.

Quinto Fábio Máximo Serviliano ataca Viriato (141) que recua e contra-ataca destruindo as legiões, mas volta para se reabastecer na Lusitânia.

Serviliano persegue-o, mas é obrigado a recuar pelos guerrilheiros chefiados por Apuleio e Cúrio.

O banditismo organizado era um problema endêmico na Península e uma ajuda mercenária contra os invasores. Viriato ataca Serviliano e cerca-o. Em Erisane celebra um tratado de paz (140) e recebe o título de Amigo do Povo Romano.

No ano seguinte, Quinto Servílio Cipião, chega à Hispânia como governador e provoca Viriato, que é assassinado pelos seus ajudantes subornados por Servílio.

O Dicionário de História de Portugal (1982: 189) consagra Viriato: Os Portugueses sempre consideraram este remoto antepassado lusitano como uma das mais belas e sugestivas figuras simbólicas do nosso espírito de independência.

A guerra continuou na Andaluzia, e uma expedição alcança a Citerior em 146 a.C.

Em 143 a.C. deflagra ali guerra quando Quintus Cecílio Metelo atravessa a Celtibéria e ataca os Vetões para impedir que abastecessem os adversários pela retaguarda.

Em 140 a.C., o governador da Ulterior, Fábio Serviliano, após saquear cidades fiéis a Viriato na Andaluzia, é vencido em Erisane. Quinto Pompeio falha pela segunda vez a tomada de Numância na frente da Citerior. Face a estes desaires, os romanos são forçados à paz: Roma fica com a posse das terras hispânicas já conquistadas, mas renuncia à conquista de mais territórios. É uma humilhação para o Senado romano. Esta paz forçada resulta de uma guerra em larga escala, que teimava em desgastar os exércitos de Roma.

Havia em Roma uma corrente pacifista, mas no Senado existia uma corrente belicista encabeçada pelos Cipões. Graças a eles, Roma invade e destrói Cartago em 146 a.C., após 4 anos de cerco, transformando o norte de África numa província romana. Para oriente criaram uma nova província no reino da Macedónia.

A guerra peninsular não trazia dividendos. Desde 152 a.C. que Roma tinha dificuldade em recrutar legionários e as legiões evitavam propositadamente o contacto com os indígenas.

No ano seguinte Roma rompe as tréguas, exigindo a vitória incondicional. Na Ulterior, Quintus Servílio Cipião desencadeia uma ofensiva fulgurante que força Viriato a retirar para norte do Tejo, para Badajoz. A investida romana incluiu um ataque contra Vetões e Galaicos.

Face ao avanço romano, Viriato vê-se obrigado a enviar três emissários para negociar a paz, Audax, Ditalco, e Minuro, que são aliciados por Cipião com enormes quantidades de ouro para matarem o chefe luso.

Viriato é assassinado de noite na sua tenda, por aqueles em quem confiava. No regresso ao acampamento romano, os três ouviram de Cipião que "Roma não paga a traição".

Viriato ficou para a História, a par de Espártaco, como um dos poucos que conseguiu pôr Roma de joelhos enquanto travava uma guerra justa pela liberdade do seu povo. Após a sua morte, o exército lusitano comandado por Tautalo sofre uma última derrota a sul do Tejo e é obrigado a negociar a paz.

Pelo testemunho de Estrabão, sabemos que em 138 a.C., Décimo Júnio Bruto, o governador da Ulterior, efetuou a primeira grande campanha militar e fortificou Olissipus (Lisboa).

Uma linha de cidades muralhadas no vale do Tejo elucida-nos sobre a extensão do domínio romano, e indica que as regiões do Algarve e Alentejo se sujeitaram ao domínio romano após o fim da Guerra Lusitana.

Viriato morreu, mas não acabou a resistência dos lusitanos.

Os aliados e vizinhos foram subjugados: o cônsul Décio Júnio Bruto, o Galaico, domina (de 138 a 136) as tribos a norte do rio Douro, incluindo os brácaros.

Em 133 os celtiberos rendem-se a Cipião Emiliano que toma Numância e a arrasa.

Durante uma geração houve raras notícias dos lusitanos, a não ser alguns ataques reprimidos (114 e 113) por Mário.

Em 107, Cipião domina uma rebelião lusitana, mas é derrotado em 105.

A submissão dos celtiberos em Numância leva-os a colocarem-se do lado das legiões. Em 101 vencem os lusitanos, que se revoltam contra a opressão romana em 99, mas no ano seguinte o pretor Lúcio Cornélio Dolabela derrota-os esmagadoramente. Entretanto o governador Sertório retira-se para a África. Ali foram procurá-lo os emissários lusitanos, ficando às suas ordens contra o dominador.

Sertório aceita chefiar as tropas lusitanas e em 81 entra em guerra contra o imperador Mário. Apesar de muitas vitórias, Sertório acaba como Viriato: assassinado à traição (em 72).

Com ele termina a última campanha lusitana contra os romanos.

Dez anos depois houve uma rebelião de galaicos e lusitanos, que César dominou.

Nas campanhas de Pompeu (55-49) alguns lusitanos já figuram como auxiliares das suas tropas.

Iniciado o Império, e pacificada a Península, Augusto determina uma maior divisão administrativa: a Hispânia Ulterior é dividida em Lusitânia e Bética, esta com capital em Córdoba.

A Lusitânia passa a uma divisão do Império e a capital, é criada por Púbio Carisius em terras de vetões como. Emérita, hoje Mérida, em 25 a.C. O território ficava entre o Guadiana a sul, e o Atlântico a oeste e norte, incluindo lusitanos, vetões, galaicos e ástures.

Mais tarde a Calécia (Galiza) foi incorporada na Tarraconense, até que Caracala cria aí uma província, com a capital em Braga.

Os lusitanos vão saindo da história e entrando na História relatada, como a de Plínio, Pompónio Mela ou a Geografia de Ptolomeu, todas posteriores à rendição final deste povo.

É curioso ver no início do século V a História de Orósio, provavelmente galaico, a censurar os romanos pelas suas crueldades contra os lusitanos, como a do cônsul Fábio que reuniu quinhentos líderes com promessas de paz e quando os viu desarmados os subjugou e lhes mandou cortar as mãos ou a própria traição no assassinato de Viriato. A pacificação final do povo pelos romanos foi uma vitória sem glória. Então a Península é invadida (409) por germanos. Orósio deixa Braga e refugia-se em Hipona.

Os alanos ocupam a Lusitânia. Em 416 partindo da Calécia (Galiza) os suevos estenderam o seu domínio até à Bética. Em 439 Emérita era a capital do reino suevo, abrangendo a Lusitânia e a Calécia.

Os romanos chamam em seu auxílio os visigodos, que ocupavam a Gália e derrotam os suevos em 456. No ano seguinte dominavam a Lusitânia.

O domínio visigótico era fraco e em 459 os suevos saqueavam a Lusitânia e massacravam romanos.

Em 467 os suevos atacaram e destruíram Conímbriga, importante cidade lusitana, arrasando as suas muralhas. Dois anos depois suevos e visigodos defrontam-se em Olissipus (Lisboa). Apesar destes tumultos o rei visigodo Eurico (466-484) inicia em 470 uma reforma administrativa e extingue a Lusitânia. Como topónimo não desapareceu, pois nos concílios de Toledo (século VI) o grupo dos bispos lusitanos manteve a identidade comum e o Metropolitano de Mérida reclama para sua jurisdição as dioceses da Lusitânia, o que lhe foi concedido (656?) pelo rei visigodo Recesvindo.

Em 711 os muçulmanos invadiram a Península, conquistando-a quase completamente em seis anos. A Lusitânia manteve sua designação, alterada para Lugiânia.

A reconquista cristã começou em 722 em Cangas de Onis, na região dos Cântabros e Bascos. No final do século IX a Calécia (Galicia, Galiza) estava em poder dos cristãos.

No século XI a região de entre Douro e Tejo, núcleo da Lusitânia, era reconquistada: Viseu em 1057, Coimbra em 1064. Em 1146 Dom Afonso Henriques toma Santarém, em 1147 conquista Lisboa, atravessa o Tejo e penetra no território céltico.

A antiga Lusitânia entrava nas brumas da memória, como diz o Hino Nacional Português, para dar lugar ao Reino de Portugal. Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República.

CRÓNICA 67 AMIGOS, ESCRITORES, FESTAS E SEM-ABRIGO 5 AGOSTO 2009

Na Ribeira Quente, a ver os corpos obesos contrastando com a esbelta arriba alcantilada sobre o mar, não posso deixar de observar como seria idílico este local sem gente, sem os guinchos de miúdos histéricos que se banham, sem os alertas esganiçados de mães que os invetivam. Todos obesos, sem darem cumprimento ao que, excelsamente, os membros do governo proclamam como a nova praga a extirpar. Há gente na mesa do lado esquerdo a falar lisboetês e na da direita fala-se micaelense, que não consigo decifrar nem localizar a origem, freguesia ou lugar.

Enquanto isto, a minha neta está-se consolando neste mar tranquilo de águas tépidas, gozando pela primeira vez com fruição a sua terceira estadia nas ilhas, desacompanhada do pai que foi obrigado a fazer-se à vida sem a mãe, como se

estarem juntos fosse um empecilho. Diz ela que “se gastou”, mas deve ser coisa nova pois no meu tempo os casamentos e as uniões não “se gastavam” assim. Coisas de gente nova, que os mais velhos obviamente não entendem.

Tento concentrar-me e escrever, sem resultados visíveis. Há demasiadas interferências, ruídos de fundo que a minha alma de aprendiz de escriba não tolera. Nasci para as grandes planuras australianas e para o silêncio virginal dos montes nordestinos portugueses. Angustia-se-me o coração e tolda-se-me a mente com as multidões, com o cheiro da democracia e seus eflúvios orais e corporais.

A suave agitação das ondas quase marulha despercebida por entre as vagas minúsculas que se espriam na areia. Tal como as palavras sentidas, gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas, mas que encontro na Relação de Bordo I do Cristóvão de Aguiar. Esse novo autor que ora descubro como se o conhecesse há muito, como se tivéssemos sido irmãos ou *compagnons de route* à la Jack Kérouac na Route 66, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo papel deste guardanapo onde escrevo, pois esqueci-me do meu bloco de notas, o companheiro de todas as horas, o meu Moleskin...

Verdade seja que ando imerso na sua escrita tateando, como um recém-nascido, às escuras fora do ventre materno. Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Cumprimos, ambos, missões malquistas no exército colonial português.

Iniciámos ambos a tropa em Mafra com uns anos de diferença ou nem por isso, ele foi para Tomar e deu aulas em Leiria e eu estive em ambos os lugares ainda na tropa. Entrou para o Teatro Universitário, em Coimbra, já adiantado na idade, e eu entrei no teatro Universitário do Porto quando me queria afirmar como ser independente e pensante, lidando com Zeca Afonso, mestre José Rodrigues e outro principiante destas lides teatrais o Mário Viegas.

Em Coimbra, o ilhéu micalense, Cristóvão lidou com Paulo Quintela, Miguel Torga, Joaquim Namorado e outros monstros sagrados do nosso imaginário. Hoje, ainda lido, melhor, estou a aprender, com outros monstros sagrados da escrita contemporânea açoriana, como Daniel de Sá, Dias de Melo (infelizmente já falecido) Cristóvão de Aguiar, Onésimo de Almeida, entre outros. Sim, que a estes eu posso chamar de amigos.

Muito inferiorizado me julgo, como sofria já com o meu mentor político, também ele ligado aos Açores (Melo Antunes) e outro mentor intelectual (também já falecido) o Zé Augusto Seabra.

Se agora encontro neste amigo novo um escritor que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo, por outro lado, não me revejo nele ao entrar nesta fase adiantada da minha vida com um otimismo que me não é inato. Há dias escrevia-me ele (Cristóvão de Aguiar) a dizer da sua pupila recente:

“Obrigado pelas tuas palavras de amizade. E também pelas fotografias que mandaste em devido tempo e nem sequer respondi, do que me penitencio. Quanto à Rosário, tenho a dizer-te que é uma crítica de primeira-água. Sabe o que faz, e é muito segura no que escreve. Por vezes não chego à sua altura e não entendo certo vocabulário da hermenêutica, mas a culpa é toda minha, que sempre fui relapso à teoria literária e linguística.”

Até hoje nem lhe respondi, pois, não sei como, nem hermenêutica nem exegese me tocam, que são ramos do conhecimento para além da minha compreensão, que estudos de Humanidades não tive, nem meus pais me deixaram e, se sou como sou, a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos as árvores, publicamos a poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos, uma mera *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Já em julho nos telefonara o Onésimo a convidar para uma tarde nos Moinhos em Porto Formoso, onde estivemos eu, a minha mulher, ele e a mulher Leonor, o Daniel de Sá e o Daniel da Ponte, senador dos EUA e mulher e filho.

Foi uma tarde de séria discussão (por entre as inenarráveis milhentas anedotas que fazem do Onésimo aquela enciclopédia viva e ambulante de caixeiro-viajante das letras), cujas gavetas mentais estão cheias de anedotas e nunca deixam qualquer conversa cair em saco-roto sem serem permeadas por picarescas cenas e episódios.

Saiu a aconselhar-me vivamente que não criasse uma nova Academia das Letras e a tentar lutar por dentro da vetusta Academia das Ciências. Tentei provar-lhe a impossibilidade física de o fazer, a menos que abatesse a tiro os vetustos cadeirões e seus ocupantes, mas ele cismou que estamos condenados ao falhanço. Quem sabe? Pode ser que esteja certo, mas também diziam que os colóquios nunca iriam além da edição nº 1 ou 2 e vamos na 12ª. Pode ser que ele esteja enganado desta feita e seria uma desfeita que eu lhe faria.

Nessa outra tarde de praia com que iniciei a Crónica, fomos à Maia. A Graça Castanho ia abrir oficialmente uma Biblioteca Infantojuvenil com material doado à Casa do Povo local.

Lá estivemos longamente com o Daniel de Sá e comentamos a desnecessidade de a biblioteca levar o título de Professora Doutora, quando o nome bastaria para perpetuar a herança que ali se estava a criar. Presentes o Presidente da Câmara, uma diretora regional e umas tantas entidades que o padre fez esperar, pois estava a celebrar a missa das 19.00 e só chegou para benzer a obra pelas 19.45. Seguiram-se as palavras de circunstância que o meu filho mais novo e a neta escutaram com enfado antes de penetrar na biblioteca e ver o que os pudesse conquistar.

Mais tarde, a nossa netinha diria que fora a primeira biblioteca a sério que visitara, enquanto o filho notaria que os discursos tinham sido mais breves do que era usual. O Daniel e eu mantivemos um diálogo ininterrupto com sentido crítico sobre tudo aquilo e prometemos fazer um novo encontro, um destes dias, ao jantar dele e meu almoço. Faz-me falta, e já o escrevi no meu último livro, estes encontros que despertam em mim qualquer estímulo intelectual.

Resumidamente, alterei os meus hábitos rotineiros (que desgosto de o fazer) e vim jantar pelas 21.00, a desoras, mas considerando este espírito de férias e a “obrigação” de partilhar esta alegria com a Graça, valeu a pena.

Afinal, passou-se mais de um mês desde a minha última Crónica e nesse ínterim cumprimos alguns rituais locais, um deles foi uma comemoração comunitária relacionada com o Divino, a Festa do Espírito Santo e do Império dos Jovens da Lomba da Maia. Quase duas centenas de pessoas a comerem umas tantas vacas e doces típicos da ocasião festiva no calendário ritual de procissões e paganismo eivado de cristianismo e de fé que eivam a seiva dos jovens locais.

Fomos bem-recebidos, nesta primeira incursão a uma festividade pela qual já havíamos passado três anos sem nos imiscuirmos. Todos contribuíram para fazer comida e a preparar tudo, mas o deus das borrascas decidiu mandar vir a chuva e tivemos de cumprir as festividades culinárias dentro de portas, num armazém garagem a seguir ao largo da Igreja e ao café do Bulhões. Acabou por sobrar comida, pois que se estivesse sol teria sido um bodo ao ar livre com umas 500 a 600 pessoas, e assim só estiveram duas centenas. Há rituais destes em que já somos tratados quase como parentes afastados, vindos duma América de imigrantes gerações depois. Parentes afastados, mas nem por isso menos bem tratados, mesmo sem os laivos do “americano” ou “canadiano” de outros tempos, que “comprava” os locais que haviam ficado para trás com as suas prendas de imigrante rico e bem-sucedido na vida.

O tempo tem andado “caramonico”, com dias quentes e outros cinzentos, bulindo com o meu estado de espírito cansado e a necessitar de férias a sério como este ano não teremos, excetuando quatro dias que iremos passar ao Pico desfrutar da companhia e do convite irrecusável do Cristóvão.

É a crise diriam uns, outros - como eu - encolherão os ombros, alheio ao facto de este ser o mais calamitoso ano da minha carreira de tradutor de mais de trinta anos. Os clientes perderam-se com a crise ou antes, não tendo havido novos que os substituíssem e os candidatos a emigrantes na Austrália retraíram-se e deixaram de emigrar e não tenho processos de emigração para traduzir. Uma mera aplicação prática da lei da oferta e da procura que deixaria qualquer um a arrancar cabelos, mas limito-me a augurar que melhores dias virão, desde que haja saudinha para os saudarmos.

Entretanto a presença da filha mais velha e da neta vieram quebrar rotinas, causar novos desafios e permitiram enganar a consciência a que muitos pomposamente chamam de saudade. Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar na classe em vias de extinção, a dita família.

Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me hoje, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras sem se questionarem.

Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora.

Mas pior, andam muitos em França, de acordo com um documentário interessantíssimo que nas últimas duas noites passou na TV, pelas duas da manhã, sobre os novos contingentes de sem-abrigo em França.

Professores, profissionais diversos ou outros, que subitamente ficam na rua, numa caravana, ou em casa de amigos, num círculo vicioso de autodestruição social e humana, que as agências de solidariedade dificilmente poderão emendar.

Fiquei chocado e dei comigo, ateu de várias águas, a dar graças a Deus por ter um teto e comida. Fiquei tão incomodado que nem vi tudo e fui-me deitar. Medo? Espero que não seja premonição.

CRÓNICA 68 AMIGOS ESTIMULANTES 6-7 AGOSTO 2009

Cristóvão de Aguiar fez uma comparação lisonjeira, quando lhe disse hoje que não mentia ao escrever pois o que saía da minha eletrónica pena era genuinamente sentido. Afirmou que outro transmuntano e escritor, de seu nome Miguel Torga, lhe dissera alhures que nunca mentira ao escrever poesia. Seria pela origem transmuntana comum mais do que qualquer outra coisa que Torga não sou nem nunca fui a não ser na expressão de sentimentos reprimidos. Sei que ele anda ocupado e acompanhado, mas encontrei um exemplar do modelo base que pretendo (em tamanho maior) para os nossos Cadernos de Estudos Açorianos...aliás foi uma “Maré Cheia” que deu a ideia de fazer os Cadernos com a minha visão de forasteiro. Estão eles bem entregues para que deles construa, pedra a pedra, Cristóvão de Aguiar um pequeno novo Vértice, a revista vanguardista da qual foi saneado injustamente em meados da década de 1980.

Ao fim de dois meses de silêncio pus a minha pena de croniqueiro a funcionar e enviei-lhe a cópia desse meu escrito (Crónica 67) na qual exprimo com a verve de jornalista que nunca deixei de ser, o que a escrita dele (que lentamente descubro) me proporciona. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a catarse constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros.

Caro Amigo Chrys,

Após a longa conversa telefónica havida entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança.

Como escrevi em epígrafe, é de mais! De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofensa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arrabaldes de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha.

Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor. Como o padre no Ofertório, digo-te: Senhor, non sum dignus!

De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa em março - abril do corrente.

Lá encontrei, contra todas as minhas expetativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual...

Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava.

Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desenvencilhar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu.

Será este o ano da minha morte? Já não sei o que dizer mais.

As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato.

Um forte abraço do Cristóvão

Ao que respondi como segue:

Cheguei agora da praia (Moinhos), a favorita entre todas as parcas nsgas de areia da ilha (Pópulo e Milícias desgostam-me ambas pelos nomes pejados de democracia malcheirosa).

Perdão, que alguém ao ler estas linhas (agora que o governo guarda todas as nossas mensagens, nunca se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que não perfilho dum amor doentio pela democracia.

Mentiria se não o afirmasse aqui, só que esta democracia à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades de democracias grandes (como a australiana) e de países desse tamanho...

Nunca digas que é demais, pois nunca o será demais enquanto escrever o que penso e sinto, e não andar aqui a fazer favores a ninguém. Não é por minha culpa que os açorianos são uns nabos iletrados ao não te apreciarem, nem tampouco me culpem por serem os portugueses como são.

Limito-me (dentro das modestas ambições e inúmeras limitações dos colóquios) a fazer o que as secretarias, as fundações, academias e ministérios da cultura há muito deveriam ter feito.

Não sou FLA nem MAPA nem nutro sonhos políticos aqui ou em qualquer outro torrão terreno, só escrevo o que penso e sinto. Aliás, sempre o fiz, o que me valeu suspensões sem conta em Timor e no resto do mundo, da Lusa ao Público que ajudei a nascer

Deixa-nos ser (eu, Rosário [Girão], Zélia [Borges] e outros/as) a tua varinha mágica.

E afinal têm sido comunistas alguns dos meus melhores amigos, (e tanto quanto sei) sem comerem criancinhas ao pequeno-almoço. Já a minha melhor amiga jornalista australiana, a Zoe Reynolds, era militante dum partido ilegal (lá no meu país) o ACP² traduzido como PCA. A amiga da minha mãe da ANI (agência nacional de informação) salazarenta arranhou forma de o meu primeiro livro de poesia sair em 1972, com 32 páginas depois de terem cortado as que faltam para as 100 e era membro do PCP na clandestinidade, bem como o marido que prefaciou esse devaneio juvenil.

Nunca deixei que a política interferisse nos meus amores e leituras: nos nossos colóquios, o Presidente da Câmara da Lagoa é PS (antes dele nos colóquios da Ribeira Grande, idem), em Bragança (nos colóquios metropolitanos) é do PSD...tenho na família todas as cores do espectro, até já votei Otelo e UDP no verão quente do meu descontentamento, deixei os maoismos quando vi a China por dentro, encaminhei livros e teorias aos aprendizes da Fretilin e no entanto vivi monárquico antes da entrada na Uni, antes me manifestar contra a guerra colonial e organizar coisas com Zeca Afonso, Mário Viegas e outros... Sou um arco-

2 (Australian Communist Party fundado em 1920, banido em 1951, dissolvido em 1991)

íris descolorado politicamente. Tinha razão Adriano Moreira, sou um poeta, antes disso que pateta e continuo ateu na minha espiritualidade sem deuses, com laivos de anticlericalismo eivados de Debates do Cenáculo. À moda do fim do século 19. Uma perfeita contradição totalmente coerente. Descansa em paz e em vida.

Este não é o ano da tua morte, mas do teu renascimento como Pessoa que Escritor já o és sem o saberes, há muito...
Abraço Chrys

Ao contrário de Cristóvão de Aguiar que já deu de caras com um leitor de livros seus em flagrante delito, nunca topei ninguém a ler-me em livro. Nem sei como reagiria! Talvez fosse lá, com a sofreguidão de um putito excitado, oferecer um autógrafo do autor.... Será por ter poucos e tão miudinhos em seus temas, decerto, mas se bem que esse encontro de terceiro grau ainda não se tenha verificado, recebi hoje uma crítica literária a sério de uma leitora (de novo a Rosário) que escalpelizou os meus escritos nele encontrando coisas que lá plantei e germinaram em flores por mim desconhecidas. Fiquei comovido, com aquela lágrima furtiva ao canto do olho a escapar-se sob os holofotes da luz diurna e tive de lhe agradecer a imerecida exegese. Tanto mais que me fez sentir nu diante de todos, sem abrigo nem resguardo, inadequado e sofrido como nunca. Enfim, estes amigos e escritores do Daniel de Sá ao Cristóvão e ao Onésimo estão a despertar em mim esse bichinho larvar que se aminhoca nos dedos e no teclado e começa como ténia a sugar as vitalidades escritas que surgem espontâneas como as plantas daninhas no meu quintal.

Caros amigos Rosário e Manuel
Ignorante já sabia que era, mas tanto nunca imaginei, depois de ler este trabalho onde se discorre longamente de um autor que eu gostava imenso de conhecer, pois deve ser deveras interessante.
Estou, tal-qualmente o Cristóvão há dias, estupebrado e despalavrado e como raramente fico sem palavra, o melhor é calar-me para não dizer asneira que, como picuinhas que sou, ainda saía com a história toda da asneira ao longo dos séculos
Quem ouvir esta prédica, ou a ler, pensa que está diante de uma opus magnum como lhe chamou a Anna Kalewska.
Apenas labutei para encontrar um estilo narrativo com o qual me identificasse e nunca pretendi mais do que partilhar vivências e experiências, conhecimentos avulsos e a granel armazenados no grande celeiro da memória.
Que servissem alguma utilidade e não estiolassem no desinteresse de leitura dos meus filhos.
Agora sei que houve uma pessoa que se deu ao labor de ler, de fio a pavio, esta resenha de muitas vidas pelas quais passei como passageiro incómodo que nunca incomodado. Nada mais tenho a dizer ou a acrescentar que nestas coisas aprendo devagarosamente mesteres de artes que não as minhas.
Ao ler este vosso trabalho de análise, sinto-me como o parolo pintor de naturezas mortas com sentimento artístico, que se depara com a Capela Sistina e sabe nesse mesmo instante que nunca será um Da Vinci.
A boca de tão aberta quase deixava entrar mosca, como é que esta gente de fora de mim sabe estas coisas sobre o meu ego e o meu livro que eu nunca suspeitara nem imaginara ao escrever?

Apetece-me reescrever um velho poema da década de 70

469.I LE POISON D'AVRIL

(hoje, todos os jornais cumpriram
nem uma só mentira se imprimiu
era a verdade toda
a do sonho não vivido
talvez possível
em letras garrafais
- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -
proclamava o editorial)
a duas colunas no canto esquerdo
a páginas quinze
era minha a foto e o nome
nem me impressionou!
ri mesmo com desprendimento
negra cruz encimava frontispício
dizeres os do costume
a missa presente no corpo do finado
hora a habitual
na residência
o féretro saíra para jazigo familiar
lembram-se de cada!
(claro que me importei quando o padre disse
que ELE me chamara à sua presença)
todos compungidos
choravam rezas e eulogias
vestiam negro
exceto as flores
e as palavras vazias
adivinei um sorriso dissimulado
nos lábios da viúva
andei por aqui e ali
ouvindo este e aquele
pediam à minha alma
que os libertasse
queriam alívio
disfarcei-me por entre sombrias colunatas
e fugi
(ainda hoje me procuram!)

Bem-haja por me ter encontrado.
Chrys Chrystello,

Dei comigo a sorrir, facto inusitado e deveras inopinado. Encontro tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que me apetece cruzar este Mar Oceano e ir ter com ele ao Pico consolar as suas velhas penas. Durante quarenta e cinco anos soufrio calado, ou nem tanto, escrevi para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas.

Escreveria Rosário Girão:

Se o espaço múltiplo vai fazendo o homem ao longo dos tempos do Tempo, o Autor vai escrevendo o livro ao mesmo tempo que se escreve a si próprio e que escreve sobre o outro que ele também é...
Tal escrita catártica (oscilando entre o passado ilusoriamente ressuscitado e o esboço do presente desatualizado) é regida quer pelo anelo de aprofundar o conhecimento do seu eu (não era “Conhece-te a ti próprio” a divisa do templo de Delfos?), quer pela vontade de fazer um balanço de vivências transatas, estabelecendo uma ponte para projetos futuros, quer pela ânsia de vencer o tempo e de triunfar sobre a morte...

Abateu-se agora uma chuva miudinha, de molha tolos, o cacimbo que veio acompanhado de nevoeiro típico desta costa sul em pleno Aquaparque da Vila (Franca do Campo) estrangendo a leitura meada da Relação de Bordo II (Cristóvão de Aguiar). O filho benjamim, a mãe, a filha mais velha e a neta vieram-se postar-se debaixo do para-sol onde me encontrava há horas.

Sim, que nisto de exposição solar, desde que vi amigos australianos vítimas de cancro de pele, sou um sofredor de heliofobia embora não consiga viver sem ele para a minha função clorofilina mental. Curioso, ou assaz irónico, para quem, durante anos, foi escravo do bronzeado. Em Macau, durante o inverno, usava uma lâmpada de infravermelhos para obter o efeito do bronze reacionário do Paulo Portas, esse líder político descabelado, vestido em Saville Row e com o tom de pele na moda nos anos setenta.

A praia da Vinha D'Areia esvaziou-se como se alguém tivesse gritado tsunami. Uma dezena e meia de banhistas, porém, lançou-se às águas pois dentro de água o mar é mais acolhedor do que os escuros grãos de basalto que preenchem as pequenas angras desta ilha do Arcanjo. Deve ter sido nesse momento em que as turbas acudiram, como que impelidas pela mola que caracteriza as multidões, ao bar, que dei conta do meu envelhecimento temporal. Aquele que se nota mais nos instrumentos burocráticos que nos acompanham da nascença ao túmulo, e que não cessa de assinalar os dias percorridos nesta corrida infernal para se atingir uma meta que se não deseja, mas é inelutável e fatal como o destino. Esse fatum de que o Poeta falava.

Verdade seja que não sentia (ainda) a idade nem a passagem do tempo, aparte umas leves manifestações de articulações e ossos, cuja existência sempre desconheci até chegar a esta húmida ilha. Igualmente me despreocupo com as cãs e com as luas de Saturno plenas de gordura natural que orlam o equador do meu corpo. Vagavam os olhos, como mendigos, pelo entorno humano aglomerado ao balcão de comes e bebes, representantes lídimo dessa espécie de cachalote humano que aqui pulula como representante da beleza rural insular. Tal como as vacas, as mulheres querem-se avantajadas e bem recheadas de formas como boas parideiras que devem ser, para assegurar o futuro da prole e o sustento dos campos. Já era assim no séc. XVI.

Subitamente, como um oásis em pleno deserto, uns poucos corpos esbeltos e jovens preencheram o compartimento mental da beldade onde se acumulam ninfas imaginadas por conquistar. Por entre as suas comissuras e por entre montes e vales fui levado pelas asas dum qualquer deus a revisitar recordações juvenis e adolescentes. Consta, e alguns cientistas já o provaram, que há intuições e instintos procriadores que, por vezes, se sobrepõem a todas as noções impostas pela sociedade ao longo dos séculos. Uma delas, a da conceção de beleza do sexo oposto, prende-se com noções mais ligadas à procriação e perpetuação dos genes dos machos alfa. Apesar desses vórtices mentais os estímulos normativos da sociedade aliados a essa imposição artificial de normas pela sociedade enviaram, uma vez mais, anti-histamínicos naturais a declararem que aquelas visões não eram do meu reino nem as suas possuidoras poderiam ser súbditas da minha vontade adolescente revisitada. Imenso era o desfaseamento de idades.

De um lado havia o objeto ou alvo do meu campo de visão e do outro, os lobos occipitais localizados na parte inferior do cérebro. Coberta pelo córtex cerebral, esta área é também designada por córtex visual, porque processa os estímulos visuais. É constituída por várias subáreas que processam os dados visuais recebidos do exterior depois de terem passado pelo tálamo: há zonas especializadas em processar a visão da cor, do movimento, da profundidade, da distância, etc. Mas se o córtex estava ativo, superativa estava a parte da frente do lobo frontal, o córtex pré-frontal, que tem que ver com estratégia, decidia quais as sequências de movimento que devia ativar e em que ordem e avaliar o seu resultado. As suas funções abarcam o pensamento abstrato e criativo, a fluência do pensamento e da linguagem, respostas afetivas e capacidade para ligações emocionais, julgamento social, vontade e determinação para ação e atenção seletiva.

Voltando à realidade, é triste quando o corpo se não apercebe da sua lenta degenerescência e insiste em reagir a estímulos óticos que com ele se entrecruzam nas avenidas do olhar. Agora nem Taiti, Fiji ou Bali, por mais mágicos que possam ter sido, chegam para estimular a testosterona à flor da pele. Afinal, nunca dispus do espírito nem da mente de um Vicente van Gogh ou dum Gauguin para continuar a sonhar com núbias e castas companheiras. Terá este escriba de contentar-se com memórias de arrebatamentos adolescentes em que os dias apareciam nesses juvenis diários assinalados como BONS quando se trocavam uns olhares, umas palavras desconexas entrançadas em risinhos inconsequentes ou meros e fortuitos toques de derme. Muitos foram os desgostos, as paixões assolapadas, vontades súbitas de morrer na pira dos amores incompreendidos, já que respirar não valia mais a pena. A vida entremeava-se entre o branco e o preto, sem qualquer tonalidade cinzenta, já que naquela idade não havia arco-íris para os sentimentos e esse símbolo ainda não representava gays ou lésbicas. Tudo era simples, linear subordinado a um imponente, majestoso rei e senhor, o Império dos Sentidos que se assenhoreava das impressões digitais da nossa retina. Depois eram enviadas para processamento ao laboratório forense do recato, lá onde o limbo da imaginação se escondia sob alvos lençóis, a grande maioria nunca consubstanciada, dado que o ADN / DNA ainda não fora decodificado nem se sabia o que era o genoma humano. Isto tudo apesar da enorme energia despendida na imaginação do seu vórtice ou cume inalcançável.

Aterrando estes eflúvios de novo na piscina onde a chuva se implantara, um cruel sorriso se assenhoreou da minha face ruborizada pelo irrealismo e ridículo de alguém da minha idade estar acompanhado de tão núbeis donas, pavoneando-se ufano. Deixaria essa apologia do caricato para aqueles calvos, mais envelhecidos do que um Porto Vintage, ao volante dum descapotável Mercedes SLK. Era ponto assente que tais fogos-fátuos demonstram à saciedade que a sua virilidade (ou o tamanho dela) era proporcionalmente inversa à idade das acompanhantes, nem sempre louras, nem sempre burras. Eles exemplificavam a noção burlesca do que na língua-mãe se chama de "Sugar Daddy". Como se se pudesse açucarar uma jovem daquelas, a menos que as dádivas materiais sirvam meramente para ocultar a falta de desempenho sexual por mais comprimidos azuis que se tomem.

Divago já, a chuarada abranda. Afasto-me deixando por concretizar mais uma conquista adolescente, mas sentindo-me feliz e orgulhoso da mulher que segue a meu lado onde tem estado plantada de estaca inabalável ao longo duns três quinquênios assistindo ao meu amadurecimento tardio. São estas pequenas coisas que nos fazem felizes e não as aparências. Esta noite vou ter de lhe dizer que ao amá-la conquistei mais um cume, o K2 do meu Everest. Que as avalanchas me sejam leves.

CRÓNICA 69 RAUL SOLNADO MORREU 8 AGOSTO 2009

69.1. RAUL SOLNADO

"A maior prova de coragem é suportar as derrotas sem perder o ânimo." (Robert G. Ingersoll)

8 agosto 2009, Raul Solnado morreu este sábado aos 80 anos.

O ator estava internado no hospital Santa Maria e esta manhã, pelas 10h50, foi confirmado o óbito. Segundo informou o hospital, Solnado sucumbiu na sequência da evolução de um quadro clínico cardiovascular grave.

No palco destacou-se como ator de mil faces, mas foi com as gargalhadas que Raul Solnado se tornou uma figura mítica do espetáculo. Um génio do humor que conseguiu pôr Portugal a rir de uma guerra sem sentido (com famosa rábula «a guerra de 1908»), numa altura em que a guerra colonial era um assunto tabu. Gargalhadas que venceram uma guerra e que fizeram de Raul Solnado um recordista de vendas discográficas com um disco que nem canções tinha. O êxito dos monólogos «a guerra de 1908» e «a história da minha vida» foi de tal maneira que superou as vendas de Amália Rodrigues.

Raul Solnado assinou assim um tipo de humor nunca visto em Portugal, um humor que esgotou bilheteiras nas principais salas de espetáculo. À MARGEM: foi o homem que mais fez divertir os portugueses. Ajudou a minimizar os tempos difíceis da guerra no ultramar com a rábula "É do inimigo?" Um grande Homem que nos deixou.
in José Martins Tailândia

Retiro do meu livro CRÓNICAÇORES volume 1:

Nesse ano 1969, em maio, quando em Houston se preparavam para revolucionar a história do Homem no espaço, em Portugal a "revolução" era feita mesmo em frente às câmaras. Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, com Luís Andrade na realização, criavam o "Zip-Zip". Um dos programas mais influentes da televisão portuguesa, e mesmo na história do país.

Nele tomei parte, colaborador da versão radiofónica "Tempo ZIP" (1970: Carlos Cruz, Zé Fialho Gouveia, José Nuno Martins, João Paulo Guerra).

Uma grande coroa de glória ter colaborado regularmente naquele programa de atração e popularidade universais.

Era a única e saudável voz humorística no cinzentismo marcelista, marcou-me quase tanto como os Monthly Python na minha veia sarcástica e corrosiva.

Alguns dos meus poemas dessa época refletiam já aquele tipo de humor que o caracterizava numa época de censura pouco inteligente incapaz de abarcar o alcance do seu humor de marca.

Público - Notícia 2009-08-08 17:29:00 ZIP-ZIP:

Os sete meses que marcaram a televisão em Portugal (por Adelino Gomes)

"E agora, TV? Que monstruoso buraco vai ser o da segunda-feira?", perguntava o papa da crítica televisiva Mário Castrim, recentemente falecido, no vespertino "Diário de Lisboa".

Estávamos em 30 de dezembro de 1969.

A RTP transmitira no dia anterior, uma segunda-feira, como sempre, a derradeira emissão do Zip-Zip. Como Castrim, também os críticos dos outros meios de informação dedicaram ao acontecimento a totalidade das suas colunas (ver texto "A crítica rendida"). Carlos Cruz e Fialho Gouveia, ao tempo, locutores da RTP, tinham abandonado o PBX, programa radiofónico de grande impacto junto dos ouvintes do Rádio Clube Português, a maior emissora privada do país.

Amigos de Solnado, com quem costumavam encontrar-se após as representações teatrais do ator no Villaret, tiveram a ideia de fazer um programa de televisão diário, com público. "Um 'talk-show', com notícias pelo meio daquilo", recorda-se Fialho Gouveia. O projeto vinha ao encontro de uma conversa sobre televisão que Solnado mantivera muito antes, nos Estados Unidos, com Ramiro Valadão, ao tempo diretor da Casa de Portugal em Nova Iorque. "Quando ele chegou a Portugal [para presidir à RTP] pensei 'Agora é que é. Vamos recomeçar a conversa.' Com o Fialho Gouveia e o Carlos Cruz, fomos almoçar com ele."

Os três amigos (a quem se junta, por breve período, Baptista Rosa, um oficial do Exército ligado à televisão desde os seus primeiros passos) partem de uma ideia-base, o programa tem que ser diferente do que até aí se tinha feito.

Aventam-se várias hipóteses. Uma delas lembra-se Fialho Gouveia, consistia em fazer um programa diário, à hora de almoço, com notícias e diretos, tendo por cenário uma cabina aberta na qual "entrava um qualquer e dizia o que quisesse". Valadão argumenta que a RTP não tem meios para realizar tal programa e pede-lhes que reformulem o projeto dando-lhe uma periodicidade semanal. "Quero isso em 26 de maio."

Estreia com claque para animar o público. Solnado situa o almoço a cerca de um mês da data indicada. "Ficámos aflitos. E então lá começámos a pensar no que se podia fazer. Naquele tempo havia a abertura do Marcelo Caetano. 'Isto agora com a 'primavera' [marcelista, assim designada para refletir promessas de que o regime salazarista iria democratizar-se com Marcelo Caetano] e com este Valadão, vai ser uma maravilha'.

E resolvemos fazer um programa que levasse a televisão à casa das pessoas. 'Vamos pôr a malta toda a falar.'"

À falta de dinheiro, mas também com a consciência de que precisavam de conquistar o público mais jovem, Carlos Cruz e Fialho Gouveia encarregam José Nuno Martins, um estudante de Letras que com eles se profissionalizara no PBX, de selecionar os novos valores da música popular.

O primeiro Zip-Zip é gravado no Teatro Villaret, em Lisboa, no sábado 24 de maio, perante uma plateia de amigos e curiosos, que compraram um bilhete de entrada por dez escudos. Corre tudo bem.

"Levámos lá uma claque para segurar a coisa: puseram-se de pé na altura que era preciso, aplaudiram. Isto anima o público que está lá em casa a ver", explica Solnado.

A crítica nos jornais de terça-feira, 27, o dia seguinte à emissão, não esconde a surpresa e abre-se em elogios. "As câmaras de TV, finalmente, aproximaram-se do povo", avisa, ainda algo incrédulo, Miguel Serrano no "República".

"De súbito prova-se que era possível o humor; que era possível refrescar as variedades; que era possível a convivência da inteligência e do riso", aplaude Castrim no "Lisboa". "Nunca tinha acontecido: o espetáculo convivente, a escolha inteligente de cada passo, a graça e a alegria no tom exato (...) tudo num só programa de televisão", corrobora Correia da Fonseca em "A Capital".

Interpelados na rua por anónimos agradecidos, os autores têm a noção de que o programa atingiu em cheio o português comum. "Não sabia que havia pessoas tão importantes em Portugal", comenta um taxista a um deles, referindo-se a Almada Negreiros. Figura meio vetada por razões políticas obscuras, Almada nunca fora chamado à televisão. "O ambiente que criou no palco e no programa e a repercussão que teve no país dita definitivamente o impacto do Zip-Zip", considera hoje Carlos Cruz.

Acrescente-se-lhe a participação do público, permitida pelo formato do programa, acham Fialho e também Solnado, que o aprendera durante as suas estadas, como ator, no Brasil, onde a televisão estava mais avançada do que em Portugal.

"O programa já ia para casa das pessoas com emoção, com a gargalhada, já ia prefabricado nesse aspeto." Entrevista, rábulas e música. Uma grande entrevista, uma rábula de Raul Solnado e atuações musicais inicialmente a cargo de cantores ou grupos que o público há de identificar com o "movimento dos baladeiros" constituem a espinha dorsal de cada programa, realizado, de forma sempre também muito elogiada, por Luís Andrade, hoje diretor de programas da RTP.

Pelo palco do Villaret passam, semana após semana, figuras de quem a maioria dos portugueses nunca ouviu falar: intelectuais, escritores, nomes da música clássica e da música popular, ao lado de jovens desconhecidos de viola a tiracolo e de gente com profissões humildes e de falar incomum na televisão a vendedeira, o fotógrafo ambulante, o barrista popular, o limpa-chaminés, o último aguadeiro de Lisboa.

Os bilhetes para assistir às gravações esgotam-se semanas antes. Mais de um terço da população fica em casa, à segunda-feira à noite, para ver o programa. As ruas esvaziam-se e as casas de espetáculos ficam sem público. O programa marca a agenda das conversas. A pressão da censura e a vertigem da popularidade fazem descêr quase a pique, por vezes, o altíssimo nível das emissões iniciais.

Os autores e apresentadores não são poupados. (...) Cultural, baladeiro, barraqueiro; (...) popularucho, chocarreiro, malcriado (...) o Zip tomou-se um 'clássico' da nossa querida mediania", acusa no "Diário de Lisboa", em novembro, A. Jazente (pseudónimo de Alexandre O'Neill), um dos raros críticos que manteve uma posição reticente. "O cómico chorou." Quando a série chega ao fim, porém, os elogios cairão de todos os lados. No dia a seguir à gravação do último programa, o "Diário Popular" estampa a fotografia de Solnado na primeira página. Sob o título "O cómico chorou", um redator escreve (anonimamente como era de uso, mas onde se reconhece o estilo com que Baptista-Bastos marcou o jornal) breves linhas carregadas de simpatia emocionada: "Ontem, no Villaret, esse pequeno cómico de grande formato que se chama Raul Solnado fez uma humilde declaração de princípios ao narrar a história da sua vida.

'Comecei a trabalhar em vassouras, na loja do meu pai, na Madragoa...' Ficou-lhe, para sempre, a tendência de realizar coisas asseadas (...)."

O popular Carlos dos Jornais (ardina lisboeta com facilidade para surtir e que foi um dos entrevistados do programa) traduz pouco depois, num inquérito de rua, o pensamento do espetador comum: "Pró programa famoso /Remeto esta saudação /Foi o mais maravilhoso /Que teve a Televisão."

Como previra dias antes Alice Vieira, crítica do "Diário Popular", a segunda-feira torna-se de novo, em Portugal, "maçadora e desconfortável". E as pessoas voltam a "não fer nada que discutir durante a semana, nem para pensar no que vai acontecer..."

Ao serviço da "primavera" de Caetano? No final do Zip-Zip há quem, na imprensa, não tenha dúvidas. "O programa serviu em cheio aquilo que vai sendo hábito chamar de 'a liberalização'", escreve o crítico do "Diário Popular" A. Jazente.

"No Zip 'criticaram-se', como nunca antes publicamente se fizera, pessoas e instituições consideradas intocáveis. Da parte de quem o permitiu, foi este um lance bem inteligente. O público teve a sensação de que havia mais liberdade na crítica, e portanto um dos principais objetivos do programa foi plenamente atingido". Mário Castrim, que não lhe poupou elogios, também não parece convencido de outra coisa. Esse facto, contudo, leva-o a defender que o programa volte o mais depressa possível. " [Porque] não deve, não pode assumir aspetos de simples manobra."

Raul Solnado assume que o programa pretendeu "ajudar" Caetano, a quem convidou para uma entrevista, segundo revelou ao PÚBLICO. "Gostou muito do convite, foi muito amável, disse-me que gostava do programa, mas respondeu que não."

A pressão constante da censura com quem produtores e apresentadores "negociavam" semanalmente os cortes contribuiu para que poucos meses depois do início do programa já o ator tivesse deixado de acreditar na prometida "primavera" política.

Texto publicado no PÚBLICO a 20 de outubro de 2002 Informativo-Notícia 2009-08-08 17:54:00 Raul Solnado, a vida não se perdeu

Seria uma história do humor em Portugal contada por um dos seus protagonistas. Nascido em Lisboa em 1929, Solnado começou a carreira como ator no teatro amador, na Sociedade Guilherme Cossul, em 1947.

Numa entrevista a Duarte Mexia, na "Pública", em 2002, conta como tentou ainda trabalhar na loja de móveis do pai, em frente à penitenciária - "não sabia o que queria ser na vida, sabia que queria ser ator, mas era uma coisa muito vaga".

Mas já nessa altura aproveitava todas as oportunidades para ir ver os espetáculos dos seus ídolos, Vasco Santana, João Villaret, António Silva, Laura Alves. Quando começou a fazer teatro amador todas as dúvidas desapareceram, e acabou por comunicar ao pai: "olhe pai, vou para o teatro". Foi. Em 53 estreou-se na revista com "Viva o Luxo", no Monumental. E no final da década no cinema com os filmes "Sangue Toureiro" e "O Tarzan do Quinto Esquerdo".

Conta, na mesma entrevista, que no princípio do seu trabalho na revista dizia "pouco mais do que meia dúzia de frases", e que foi o ator António Silva, que "era muitíssimo tímido", que lhe começou a achar piada e a puxar por ele.

Mas o grande sucesso surgiu em 1961, com as rábulas e, sobretudo, com "A Guerra de 1908", um texto espanhol adaptado para português por Solnado. A história de um soldado que vai "bater à porta da guerra", editado em disco em 1962, torna-se um "best-seller".

Foi, recordava Solnado, "um grande salto, 'o pulo do gato'", e, subitamente, uma popularidade "asfixiante" - tão asfixiante que o humorista teve que ir para o Brasil para poder respirar. "Eu ligava o rádio e lá estava eu a contar histórias. As pessoas convidavam-me para jantar e lá estava o disco, para eu

ouvir. Sentia-me perseguido por mim mesmo". O sucesso não se devia apenas ao facto de ser um texto "fabuloso". Portugal estava em plena guerra colonial e, mesmo falando sobre outra guerra, "o texto foi como um grito", e Solnado achava estranho que a censura na época o tivesse deixado passar.

"Os militares nos combates que tinham diziam as minhas frases, era como uma libertação". Havia nesta história de uma guerra que fechava à hora marcada um lado de "nonsense" "que em Portugal nunca se tinha ouvido". A popularidade foi tal que Solnado brincava dizendo que era "uma vítima da guerra".

O ano de 62 continuou a correr bem. Venceu o Prémio de Imprensa para melhor ator de cinema. Em 63 o sucesso continuou com o espetáculo Vamos contar Mentiras, com Florbela Queirós e Armando Cortês. O público era exigente. Mais do que exigente: "Quando a peça acabava exigiam que eu contasse mais histórias. [...]. Um dia não contei, estava cansado ou doente, já não sei, e apedrejaram-me a carrinha. Foi horrível". Na ressaca do sucesso da "guerra", Solnado regressou ao Brasil - onde tinha tido uma experiência falhada em 1958 - e desta vez as coisas correm muito melhor. "Entrei pela porta grande".

Em 1964 o ator e humorista tornou-se empresário, fundando o Teatro Villaret - na peça de estreia, em 1965, "O Impostor-Geral" foi o protagonista. Passou a fazer tudo como queria - "escolhia desde o tecido, a cor da tinta para escrever a peça, como se traduz, até à forma como se fazia a publicidade do lançamento" - mas pagou um preço, com os credores a baterem-lhe à porta.

Os textos humorísticos continuavam a ser editados em disco: Chamada para Washington (em 1966), Cabeleireiro de Senhoras (68), e no início de 69 a compilação O Irresistível Raul Solnado.

É então que surge o segundo momento marcante da carreira: o programa Zip-Zip, gravado no Teatro Villaret, apresentado por Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz, muda a televisão em Portugal.

Dura apenas sete meses, mas, em plena primavera marcelista, é uma "pedrada no charco". "Pela primeira vez um programa de televisão marcava a agenda das conversas dos portugueses", recordava Adelino Gomes no Público em 2002.

O primeiro Zip-Zip foi gravado num sábado, 24 de maio "perante uma plateia de amigos e curiosos que compraram um bilhete de entrada por dez escudos". A crítica não poupou os elogios, e os autores recebem agradecimentos de pessoas na rua. Intelectuais, escritores, artistas, figuras que nunca tinham tido oportunidade de falar na televisão, passaram pelo palco do Villaret naqueles sete meses que durou o programa cujo nome foi inventado por Solnado durante uma viagem ao Porto - um nome que era bom "precisamente porque não queria dizer nada". E se na primeira gravação foi preciso convidar pessoas para assistir, nos seguintes os bilhetes esgotavam-se com enorme antecedência. E as ruas de Lisboa ficavam vazias às segundas-feiras à noite. O sucesso televisivo repete-se (embora com um impacto diferente, porque por essa altura Portugal já tinha mudado) em 1977 com o programa A Visita da Comélia, em que a interlocutora de Solnado era a vaca Cornélia.

Solnado continua a fazer teatro - "Há Petróleo no Beato" (1981) é um imenso sucesso - ao mesmo tempo que mantém presença na televisão. Novamente com os amigos Fialho Gouveia e Carlos Cruz apresenta o programa O Resto São Cantigas, em que se recordam músicos da época áurea da música ligeira portuguesa, e mais tarde apresenta o concurso Faz de Conta.

É protagonista da "sitcom" "Lá Em Casa Tudo Bem", mas é no filme "A Balada da Praia dos Cães" (1987), de José Fonseca e Costa, que revela o seu extraordinário talento como ator dramático.

Em 1991 publica a sua biografia, "A Vida Não Se Perdeu", escrita por Leonor Xavier (que foi sua mulher durante 15 anos). Em 93 participa, ao lado de Eunice Muñoz na telenovela "A Banqueira do Povo" e continua a fazer teatro - nomeadamente a peça "O Magnífico Reitor" (2001), de Freitas do Amaral. Numa homenagem, em 2002, no Festival Internacional de Humor de Lisboa, no Tivoli, Carlos Cruz agradeceu ao amigo. "Não temos o direito de lhe exigir nada porque ele nos deu tudo", disse. "Cinquenta anos, Raul, não é nada. É o teu princípio". Seis anos depois, a nova geração do humor em Portugal ainda teve a ajuda dele para a ajudar a contar a história. Notícia atualizada às 18h40 * título da biografia do ator e humorista escrita por Leonor Xavier e publicada em 1991

69.2. DAS MORTES AO CASÓRIO

Nada disso se repercute aqui na Lomba da Maia onde o filho mais velho da senhora professora vai casar na igreja (aliás na capela que serve de câmara mortuária já que a igreja anda em obras) com a aprendiz de cabeleireira e filha da ex-mulher-a-dias da senhora professora, sendo que nem esta, nem o marido, nem o filho mais novo, irão estar presentes...

Com efeito desde que o romance se iniciou perdemos o contributo de trabalho da senhora a dias, certamente empolgada por casar a filha com um "doutor" e tal se não coadunar com os pergaminhos de mão-de-obra à hora.

Depois, foi a vez dos seus filhos e marido deixarem de saudar a professora, como se esta lhes tivesse feito algum mal, ou não aprovasse o casamento, que obviamente não aprovava, mas por razões que se não se prendem com estatutos sociais e castas.

Este filho tem um historial pouco saudável e recomendável de relações humanas e dali ou a História se não repete, o que contraria as leis de Murphy, ou todos nos enganamos redondamente quanto aos verdadeiros intuitos do noivo. O futuro o dirá que nestas páginas nunca pude aflorar este assunto na incerteza de ele chegar a esta fase de matrimónio eclesástico. Parece sátira à moda do Raul Solnado para quem conhece os meandros desta história de amor (ou humor), retirada duma página qualquer dos romances de Camilo Castelo Branco. Como se pode ler na CrónicaAçores...

Fora, antes disto, convidado para dois eventos que viriam a causar este negócio... A comunhão era da filha mais nova da empregada (continuava a preferir chamar-lhe a "mulher", em abreviatura da velha nomenclatura de mulher-a-dias). Toda a comida, para mais de vinte pessoas, foi feita no forno, daqueles antigos, incrustados na parede em que se acende a madeira de manhã e fica em brasa até à noite. Havia carne assada, batatas, frango, saladas. Um sem número de doçarias e sobremesas bem saborosas. Estava presente metade da família, a outra metade só viria ao jantar. Trata-se de gente simples do campo, lavradores e vaqueiros (cerca de 25 cabeças de gado dos senhores da aldeia) em que toda a gente ajuda nas lides. Os rapazes andam nas vacas com o pai das seis da manhã até à noite. Cada animal dá 75 litros de leite por dia. Vida dura, sem feriados nem dias santos, horários rigorosos, seja qual for o clima do dia ou da noite. Aliás, é de noite, entre maio e junho, que andam com os tratores a arar a terra e plantar o que vão gastar em vegetais. O meu filho mais novo já lá foi com eles e outros tratar das vacas. Diz ser uma atividade interessante. Decerto esquece que não o tem de fazer diariamente. Mesmo as rotinas obrigatórias diárias são esquecidas... Os descendentes daquele casal vaqueiro aparentam, na sua rudeza, entusiasmo. Sugerem gostar da atividade, não se arrependendo de não terem prosseguido os estudos. A filha mais velha ambiciona estética capilar para fora de cá. Destino talhado para uma grande urbe, como Ponta Delgada, já que na freguesia não há negócio suficiente para duas pessoas. O seu propósito viria a ser um passaporte matrimonial português como grande parte das mulheres de Macau também pretendia quando lá vivera nos anos 70.

Logo a seguir, chegou a São Miguel o filho mais velho da minha mulher, que já não era visto desde 2005 em Bragança. Chegou e quis também ver a ilha, nesta primeira visita. Mais de 1200 km depois conhecia S. Miguel em detalhe. Fez amizades e conhecimentos. Frequentou a igreja, foi a arraiais e festas locais, como a 2ª Festa Anual da Praia da Viola (agosto 2006). Acabou por dormir lá numa tenda. Chegara nesse dia e resolvera ser amigo de todos.

Quando saiu da ilha uma semana depois deixava um amor relâmpago de namorada apalavrada. Meses mais tarde levá-la-ia a contragosto dos pais, libertando a jovem das grilhetas rurais e insulares. Abrindo novos horizontes às suas ambições. Iria frequentar um curso de estética e cabeleireira que desobstruía as portas da fantasia, ilusão, utopia e idílio. O verdadeiro e inarticulado sonho das jovens insulares em meios rurais ou interiores é o passaporte de saída da ilha.

Isso já eu verificara em Timor e Macau nos anos 1970 e aqui o via repetido. Para os que ficam é a quebra das tradições rurais. O casamento entre parentes da mesma freguesia, perpetuando laços ancestrais. Menos um par de mãos para ajudar nas lides domésticas e no ganha-pão, seja ele nas vacas ou na agricultura. Para as que ficam para trás, sobra a inveja e a raiva de não terem sido eleitas. Ficam condenadas a seguir a trajetória tradicional. A guardarem-se para tias. Excelentes amas de sobrinhos e sobrinhas. Pau para toda a colher. Confinadas à eterna visão de montes e mares sem barco que as leve, nem avião que as transporte. Observam a colega, ou irmã ou prima, distanciar-se, adquirir novos hábitos e maneirismos, desviando-se progressivamente da terra que a todas viu nascer. Passa a fer "ares" de quem já viveu mundo. Olha altivamente para as que ficaram na ilha fechada com medos. Quase como se tivesse vergonha das suas origens e dos seus, agora que voa mais alto. Vai progressivamente encurtando as estadias no torrão insular pátrio, depois distanciará as vindas, alegando trabalho e falta de férias. A seguir invocará o custo exorbitante das viagens. Até assumir definitivamente o novo estatuto. Deixará de vir visitar os seus. Assumirá a postura dos locais onde vive, com eles comungando identidades renascidas. Todas estas previsões se foram confirmando com o passar dos meses e dos anos. Tudo se desenrolou sob os seus olhos e mais parecia tirado de uma novela televisiva do que da vida real.

Foi motivo de falatório na aldeia durante meses e anos. Uma toada desmesurada de apostas sobre eventuais desfechos negativos. Eu sempre disse que a ficção excedia a própria realidade. Foi na Viola onde começou aquela aventura amorosa mais própria da prolífica autora Corin Tellado (falecida em 2008). Para se chegar à praia a inclinação da estrada é superior a 15% e as (minhas) pernas não respondem nem estão habituadas. Os locais achincalhavam. Duas centenas de pessoas ouviam uma banda abasileirada e outra hip hop. Havia gente há um ano à espera deste evento. Permitia vazar todas as válvulas reprimidas. Libertava a libido. Os sonhos reprimidos de doze meses ilhéus, nesta prisão sem grades, que as ilhas costumam ser. Era a maior festa anual da aldeia. As diversões para os novos são poucas, sendo o opérculo de escape anual dos locais. Velhos e novos, crianças e adolescentes, todos dançavam, pulavam e bebiam. Bebiam e tornavam a beber como se não houvera amanhã. Se calhar não haveria mesmo. Em meios telúricos e vulcânicos como este nunca se sabe se o amanhã existe. O som da música enchia a noite amena.

E em 8 de agosto de 2009 com grande pompa, circunstância e endividamento, a família da noiva convidara sete ou oito dezenas de familiares e amigos para o banquete na Ribeira Grande. Era esse o evento do dia que seria comentado em semanas e meses seguintes pelo que ninguém se dera conta da morte dessa grande figura que era Raul Solnado. A professora iria passar a tarde à praia depois de a comitiva passar com o seu cortejo de carros álares e buzinas em procissão pelas ruas da freguesia, mostrando a todos a libertação da jovem rural que se emancipara das grilhetas rurais e conquistara um coração lisboeta nascido no Porto do filho da professora. Faltou apenas acrescentar que nesta sua vinda para o casório, o filho da senhora professora, tal como fizera em

tempos idos, nem se dignara vir visitar a mãe, o irmão e o padrasto, que não iriam assistir ao evento. Apenas estariam presentes a irmã e a sobrinha que aqui estão de férias.

A sua superioridade moral permitia-lhe estas faltas de cortesia e de educação. Assim, nesta data, perdi definitivamente um enteado e a minha mulher perdeu o primogénito. Cumpre explicar que era o único enteado que tive pois nunca fora padrasto de ninguém, mas ele sempre insistiu nesta dicotomia, enquanto a irmã se deixava adotar por mim e a sua filha se transmutara em minha primeira neta.

Mas a tristeza súbita que me enche o coração devo-a a esse grande Raul Solnado com o qual privei e de quem tanto aprendi e não a palhaçadas públicas que só me entristecem e servem para defraudar gente aparentemente simples e são desta aldeia onde vivo.

CRÓNICA 70. AS “TIAS” DOS MOINHOS, TELEMÓVEL NO CEMITÉRIO E TERMÓMETROS FRIOS 8 AGOSTO 2009
70.1. AS TIAS DOS MOINHOS

Nos Moinhos (de Porto Formoso) de novo. Uma micaelense disfarçava um bocejo com sotaque citadino elitista dizendo que os novos lavabos e balneários mais pareciam umas masmorras em betão.

A ignorância e as noções de estética não pagam imposto, valha-nos Deus. Quem vira as anteriores faltas de condições para os banhistas decerto apreciava a obra que acaba por se moldar na paisagem sem ser demasiado agressiva, na sua estética moderna valorizando este mobiliário urbano. A obra favorece o ambiente e a saúde pública, mas aparentemente ia contra privilégios antigos da dita senhora, a cujo sogro pertenceram terrenos e casas limítrofes ora devassadas, conforme apregoava alto e bom som para todos, nas mesas circundantes, ouvirem.

Ri-me evocando o bidé das marquesas em São Martinho do Porto onde passara os verões do meu descontentamento matrimonial original, mas não havia comparação possível em possidone. Faltava-lhe a sofisticação das “tias” da Linha do Estoril e Cascais e as acompanhantes não conseguiam dissimular a sua origem fonética micaelense a que a matriarca tão desesperadamente queria escapar.

Complexo de inferioridade ilhéu dissimulado? Querer mostrar ser mais importante que os demais, provar que já ia aquela praia há quarenta anos (era quase um título de posse sobre a praia e a esplanada), sobressair a importância do sogro (e de outros nomes bem-sonantes que a mim nada diziam - os ingleses usam uma expressão maravilhosa, *name-dropping*), como quem atira nomes ao ar, em vez de rebuçados para as crianças pobres apanharem. Só lhe faltava ser professora da universidade local para ser totalmente importante. Se calhar até seria, ou já teria sido, mas como não o mencionou era improvável, já que este tipo de gente vomita o seu currículo em voz alta nas esplanadas da praia...

Na Austrália trabalhei anos e anos com dezenas de pessoas e nunca soube - nem estava interessado - quais eram as suas habilitações. Aqui (Açores e Portugal) andam coladas aos dedos e à cara como se fizessem parte do Bilhete de Identidade genético. Em ocasiões destas, e em tantas outras que não apetece agora evocar, eu desmoralizo em total desespero, ansiando lançar os braços ao mar e nadar para a novi-ilha do Cristóvão de Aguiar e ali arribado, falar, falar, falar até desfalecer.

Noutras ocasiões iria até à minha amada Austrália onde estes espécimes humanos só se avistam em zoológicos de famílias em vias de extinção, muito britânicos, mais do que os próprios apesar de nados e criados há gerações naquele continente-ilha.

Há solidões solitárias e multidões ermas, faltam tertúlias como as que recordo dos meus anos finais do Liceu Dom Manuel II (atual Rodrigues de Freitas) e do início do percurso na faculdade de Economia do Porto. Já tivemos um arremedo de reuniões assim nas longas noites de inverno insular, aqui no bar dos Moinhos, com o Manuel Sá Couto, o Daniel de Sá, e tantos (outros e outras) que iam e vinham consoante a chuva, o frio e a humidade ilhoa que desperta essa vontade inaudita de contaminação humana.

Tivesse eu fôlego e iria até esse mítico Pico da Atlântida submersa. Trata-se de uma ilha cujo magnetismo me fascina ao ponto de ter desejado, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para o Triângulo Sagrado onde faria imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas esse triângulo, isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de, como as cobras, trocar de pele e despir esta bela capa colorida terrena, que me vem acompanhando há quase seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que sonhei sempre em lançar ao Pacífico Oceano.

Já o escrevi alhures, mas por ora contentar-me-ia com o Atlântico, esse derivado líquido da lendária Atlântida que muitos gostariam de encontrar nestes continentes submersos cujos picos habitamos.

Todos à deriva neste imenso Mar Oceano. Não há Derrida que me salve nem Piaget que me explique. Digo e repito:

A ilha para Natália Correia é “mãe, Mãe-Ilha”, segundo escreveu Cristóvão de Aguiar³; para ele é “marilha”: mar e ilha, Marília; enquanto para Daniel de Sá era Ilha-Mãe.

Para mim a ilha não é mãe, nem madrastra, antes Ilha-Filha para amar, que nunca enteada.

Para adorar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu e tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas.

Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes.

Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, seguidamente após mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima camoniana, nas ilhas de Timor, de Bali, na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), na imensa ilha-continente denominada Austrália, e em Bragança, ilhoa esquecida que é o nordeste transmontano.

Diz a minha mulher que sou altamente influenciável pelo que leio e já escrevo de forma diferente. Tu Daniel, tu Cristóvão, tu Rosário, tu Dias de Melo são os culpados. Acordaram um vulcão adormecido que na sua assinatura eletrónica assinalava, há anos, que a escrita nos Açores era piroclástica.

Todos conhecemos o perigo dos vulcões indormidos. Não podem ser perturbados, tal como os ursos hibernados não podem ser molestados no seu descanso. Nunca se sabe o que podem fazer quando enraivecidos, perseguindo os humanos como se fossem presas fáceis, enquanto os vulcões derramam a lava sob a forma escrita, expelindo raivas ancestrais incontidas, sofrimentos amarfanhados, dores insofridas, paixões por materializar e tudo o mais que temporariamente calaram à espera do dia do juízo final, em que pudessem falar como se não houvesse amanhã, como se tudo tivesse de ser dito já hoje e agora, aqui, sob pena de se perder o momento, essa janela do tempo que nos permite, por meros instantes, ser quem realmente somos, sem qualquer máscara ou peia social.

3 (Relação de Bordo II, p. 95)

Há tempos um falecido, aqui na vizinha Lombinha da Maia, pediu para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel. Qual não foi o meu espanto ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério agarradas aos celulares. Estariam a falar com o falecido? Será que atendeu do lado de lá das grades e de dentro do seu caixão de mogno? De que fariam, que fofuques estariam trocando?

Lamentar-se-iam os vivos da falta que ele lhes fez ou estariam meramente a queixar-se da carestia de vida? Os sentimentos destes vaqueiros andam centrados nos proventos económicos e nas vacas e não almejam grandes conquistas culturais ou espirituais motivo que me leva a pressupor que o tipo de conversação seria de tal jaez. Não creio que pedissem aconselhamento para as próximas eleições legislativas, daqui a seis semanas, nem tampouco lamentando a sua falta.

Quem sabe de que se queixavam agarrados às grades com uma mão enquanto na outra seguravam o pequeno aparelho. Assunto a merecer futuro estudo até porque me interrogo quanto à duração das baterias do aparelho, sem recarga possível, no esquite. Seria uma solução para tantos escritores e outros que se separam de nós sem terem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria uma forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que, como eu, ficam facilmente órfãos de autores que nos acompanharam nesta digressão terrena.

Admira-me que as companhias de telecomunicação não tenham ainda inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado a todos os que nos deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial que poderia vir acompanhado de possibilidades de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? (versão final em *crónica 100.3*). Coincidência deveras insólita, pouco depois um amigo e ex-vizinho que há anos deixei de ver e falar, telefona-me a perguntar o significado de R.I.P. Lá expliquei que era “rest in peace” ou “Requiescam In Pacem” ...

Hoje de manhã estava um excelente dia para ir até à praia, mas ao acordar fui assustado por uma ameaça de gripe do meu filho e tive de correr à farmácia da Maia pois o termómetro recém-adquirido dava “febres” de 35 °C para todos os que estavam aqui em casa. Experimentamos trazer novo termómetro e o mesmo efeito. Por fim, trouxemos três aparelhos até que satisfatoriamente a temperatura assinalada dos nossos corpos se estabilizava nos 36 °C. Pensei que tinha chegado o momento que todos temem, pois com uma temperatura de 35 °C estaríamos pouco menos do que mortos e prestes a entrar em hipotermia, quando na realidade nos sentíamos ainda de sangue quente e bem vivinhos da costa como os chicharrinhos da ilha antes de serem capturados. Ao fim do dia o jovem pré-adolescente estava sem febre nem sintomas gripais e como recompensa os céus enviaram-me um pôr-do-sol espetacular.

Mais um, que desta falsa espreito à janela por sobre a Bretanha até se deter devagarosamente no meio do oceano, lá onde eu costumava ver a minha ilha mítica, chamada Autonomia, que mais ninguém jamais viu ou anteviu.

70.3. A GRIPE A E A QUEIXA CONTRA O HOSPITAL DO D.E.S.

Em setembro 2009 nas vésperas do 8º Colóquio da Lusofonia em Bragança a família foi abalada quando o meu filho contraiu a famigerada Gripe A. As febres altas e algum temor foram, no entanto, relegadas para segundo lugar pela feudal reacção de uma médica de serviço no Hospital que ameaçou o que adiante se lerá.

Exmo Senhor Presidente do Conselho de Administração
Hospital do Divino Espírito Santo, Ponta Delgada
Exposição – participação CASO Gripe A, nº 5457
Cronologia dos eventos:

18 setembro, 08.00 horas - O meu filho menor João Costa Simões Chrystello acordou com temperatura (38,8 °C) e sintomas de gripe. Liguei para a Linha Verde 808246024.

08.30 - O médico de serviço na Linha Verde validou a sua imediata admissão no SAP Hospital da Ribeira Grande para onde foi transportado pelas 11 horas. À chegada sentiu-se mal, prestes a desmaiar e com tremores de medo (“esperneando” ou “contorcendo-se” seria o termo mais adequado).

Na presença do pai e mãe do menor nada mais foi observado. A médica de serviço, que o recebeu, anotaria na sua ficha que ele teve uma convulsão. A mãe e o pai interrogaram-na a esse respeito ao qual respondeu que ele estava com 39,1 °C de temperatura. Normalmente a febre dele ronda os 35,5° C.

Esta médica já lhe fizera diagnósticos errados em anteriores visitas a este SAP Centro Médico da Ribeira Grande, enviando-o para Ponta Delgada onde o médico de serviço se interrogara sobre o discernimento do diagnóstico. Contudo, não é este o facto que está em causa porque é preferível “pecar” por excesso do que por negligência.

11.30 - Foi transportado pelos bombeiros, acompanhado da mãe e de uma enfermeira, todos equipados com máscaras e fatos amarelos de proteção viral ao Hospital do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada onde deu entrada cerca das 12 horas.

Fizeram-lhe várias colheitas: nasal, bocal e de sangue. Ficou internado no quarto 5 da Pediatria na Urgência, tratado com todo o cuidado pela Dra. Ana Raposo, Dra. Cátia e enfermeiras de serviço.

Por volta das 16 horas os primeiros resultados chegaram e nada indicavam de anormal relativamente ao motivo da “alegada” convulsão. A Dr.ª Ana Raposo comunicou à mãe que as análises estavam bem e que continuava a aguardar pelo resultado relativo à gripe A.

18.20 - Duas auxiliares, totalmente protegidas, vieram buscá-lo, mudaram-no de cama e levaram-no para a Unidade de Doenças Infetoc contagiosas onde ficou no quarto 10, cama 14. Como nada me disseram, fui buscar a minha mulher, que se encontrava na Recepção, e saímos em busca da Dra. Ana Raposo, que, assoberbada de trabalho na urgência, pelas 19 horas, nos pediu desculpas pelo facto de as auxiliares terem levado a criança antes de ela falar connosco. Disse-nos, perentoriamente e sem qualquer margem para segundas interpretações, que a criança tinha a estirpe A do vírus e que POR MEDIDA DE PRECAUÇÃO, E EM VIRTUDE DE TER DE ACEITAR A INDICAÇÃO REGISTADA NA FICHA DA MÉDICA DE SERVIÇO DA RIBEIRA GRANDE, aconselhava que o João ficasse internado durante 48 horas para ver a sua evolução e descobrir o motivo da “alegada” convulsão.

Concordámos ambos com o internamento, para ficarmos com a consciência tranquila quanto a epilepsias ou outras causas prováveis da “alegada” convulsão. A minha mulher ficou no quarto a acompanhar o João durante o período de internamento, estando ambos medicados com Tamiflu.

Dia 19 - A temperatura alta manteve-se controlada pela eficiente ação de médicas e enfermeiras sem outros sintomas que inspirassem cuidados, até desaparecer no fim da tarde deste dia. Tanto as médicas como as enfermeiras foram duma atenção extrema e de uma dedicação assinaláveis.

Dia 20 09.30 horas - Sem febre e sem nada que justificasse o prolongamento da estadia no Hospital, a minha mulher pediu pelas 09.30 da manhã que chamassem o médico de serviço para ser dada alta ao menor e prosseguir o tratamento em casa. Pelas 14 horas ainda não tinha sido observado por nenhum médico, situação normal no Hospital durante o dia de domingo.

14.00 horas - Foi por essa hora que tentei contactar a médica de serviço nas Urgências, Dra. Rita Soares (296203781), tendo esperado que ela acabasse de almoçar para poder falar com ela. Expliquei a situação pedindo que fosse dada alta ao meu filho para prosseguir o tratamento em casa. Disse-me perentoriamente que não daria alta, que não tinha sido possível contactar a Dra. Ana Raposo e que esta não deixara explícito que a criança sairia após 48 horas de internamento, pelo que como era ela quem mandava ele ficaria internado. Ali mandava ela e não a Dra. Ana e ela seguia as indicações que tinha na ficha do paciente onde nada estava escrito sobre as 48 horas de internamento, pelo que iria ficar ali durante sete dias. Apesar da forma pouco delicada com que se dirigiu, respeito a sua opinião como profissional e entendo, perfeitamente, a sua posição perante as informações que tinha disponíveis. Mostrei-lhe, calmamente, que nesse caso a minha mulher iria assinar um Termo de Responsabilidade e iria sair, ao que a médica me disse que não, que não autorizava, que ele era menor e iria informar a Segurança Social e a Proteção de Menores e me iriam retirar a tutela da criança (???), a qual não iria ser medicada nem atendida outra vez naquele hospital.

15.00 horas - Perante tais dislates, abusos e prepotências, mais adequados a um período político do Estado Novo do que aos correntes dias, avisei a minha mulher para que pedisse para assinar o referido Termo de Responsabilidade enquanto me dirigia da minha residência na Lomba da Maia (costa norte, a 45 minutos da cidade) ao hospital. Nesse intervalo, a médica fora, finalmente, falar com a minha mulher e, perante a criança menor aterrorizada, proferiu as mesmas ameaças e disse que iria retirar o filho do seio da família. A gravidade desta afirmação é o que motiva a presente exposição.

Vai contra todas as normas éticas e outras de um médico representando o Hospital e a Direção Regional de Saúde dos Açores. Disse, também, a senhora que se recusava a tratar ou medicar o meu filho se ele sáísse e que iria chamar de imediato as assistentes sociais (como fez) e que o Tribunal de Menores se encarregaria do caso. A forma como fomos tratados será, talvez, o tratamento que aquela médica usa, abusivamente, para pessoas de baixos rendimentos socioeconómicos e de reduzidas habilitações académicas, desconhecedoras das regras, direitos e deveres dos doentes e seus acompanhantes, na ótica feudal que durante séculos caracterizou a sociedade açoriana, mas totalmente desajustada dos dias que correm. Por nos sentirmos vexados, humilhados, e maltratados perante o menor, nosso filho, com ameaças infundadas e sem qualquer razão de ser, com perigo emocional e psicológico para a criança, em total desrespeito pelos direitos consagrados aos cidadãos deste país com acesso ao SNS (Serviço Nacional de saúde) e por termos sido ameaçados com a suspensão de tratamento e de medicação ouvimos, ainda, a médica Rita Soares dizer que só daria o Termo de Responsabilidade se o Diretor Clínico autorizasse, pelo que foram chamar aquele responsável do Hospital.

17.00 horas - Depois de uma curta confabulação com as funcionárias dos Serviços Sociais do Hospital (D.ª Helena Soares e outra não identificada) aguardámos a vinda do Diretor Clínico de Serviço que se não dignou falar connosco e após uns minutos em cavaqueira com a médica e enfermeiras lhes disse alto e bom som "Que isto se não volte a repetir e que não torne a haver casos como este". Nessa altura foi-nos dada uma receita para 2 embalagens de Tamiflu que fomos comprar (€50 EUROS), e saímos com um kit de gripe A e algumas máscaras. Prosseguimos em casa o tratamento do menor tal como indicado pela Direção Regional de Saúde e como sempre fizemos, como pais cultos, educados e responsáveis que somos.

21.00 horas - Telefonei ao Delegado de Saúde da Ribeira Grande, falei com a Dra. Rosa Lourenço, a quem dei conta sumariada dos eventos e que pediu para a minha mulher se deslocar à sua presença para lhe dar baixa médica (acompanhamento de familiares) visto que quer ela quer o meu filho saíam do Hospital de Ponta Delgada sem qualquer atestado médico relativo ao período de internamento de três dias. A violação dos direitos fundamentais de cidadão e de doente de que fomos, os três, vítimas, não pode passar incólume nem ficar impune, sob risco de, amanhã, situações idênticas ou piores se registarem.

Reitera-se que o tratamento no hospital de todo o pessoal médico, de enfermagem e auxiliar (com exceção da Dra. Rita Soares) foi do mais elevado profissionalismo e simpatia, como aliás só é costume encontrar no setor privado da saúde. Os parabéns ao restante pessoal do Hospital pela sua afabilidade, educação, bom trato e profissionalismo.

Dia 21 17.20 horas - Os serviços sociais do Hospital (D. Helena Soares) telefonaram a comunicar que o caso havia sido remetido à Proteção de Menores. Neste momento, o João encontra-se bem, não voltou a ter temperatura e segundo o Delegado de Saúde poderá fazer a sua vida normal a partir de 5ª feira, dia 24 (dia em que vai deixar de tomar o Tamiflu) e retomar as suas aulas na próxima semana. Foram seguidas à risca todas as indicações (fornecidas pelo Delegado de Saúde) quanto a possíveis contágios a terceiros. Pelo exposto e antes de proceder a diligências junto das autoridades judiciais competentes remeto o assunto à Vossa superior consideração

Posteriormente receberia uma espécie lacónica de "Pedido de desculpas" da direção do hospital a dizer que isto não se repetiria, e ficamos por aqui, dado que a Proteção de Menores não nos chamou..., mas registo o abuso para memória futura.

CRÓNICA 71 MORREU O (MEU CUNHADO E) LIVREIRO HENRIQUE PERDIGÃO, UM HOMEM QUE AMAVA AS LETRAS 11.08.2009



Vou usar as palavras de outros para dizer que morreu o (meu cunhado e) livreiro Henrique, um homem que amava as letras 11.08.2009.

Henrique Fonseca Perdigão, o neto homónimo do fundador da Livraria Latina, no Porto, morreu ontem, aos 51 anos, vítima de tumor cerebral.

O funeral realiza-se hoje, pelas 15h, a partir da Igreja das Antas. Com a morte de Henrique Perdigão, desaparece a terceira geração de livreiros que transformaram a loja da Rua de Santa Catarina, fundada em 1942, numa das mais prestigiadas livrarias, mas também editoras (nos primeiros anos) portuenses.

Já sob a gerência de Henrique Fonseca Perdigão, o edifício da Latina foi restaurado e a loja remodelada, sem perder a matriz afetiva da velha livraria como lugar de tertúlia cultural, com o regresso das sessões de lançamento e autógrafos de livros e a realização de exposições.

A outra grande paixão de Henrique Perdigão foi o basquetebol, tendo sido atleta e seccionista do Académico Futebol Clube.

Apesar da sua condição de ex-cunhado, jamais deixamos de nos comunicar ao longo de mais de trinta anos, fosse para falar da educação dos meus filhos, fosse para falar de literatura e de projetos que ambos acalentávamos. Em 1999 estive na Fundação Eng.º António de Almeida no lançamento do meu livro "Timor-Leste o dossiê secreto 1973-1975", o qual teve honras de estar exposto na montra principal da Latina durante uma semana.

Ainda há meses falara com ele para a possibilidade de lá se fazer uma apresentação da "CrónicaAçores: uma circum-navegação vol. 1", da próxima vez que eu estivesse no Porto. Todos os meus livros mereceram sempre exposição na montra da livraria inclusive o primeiro voluminho de poesia que lancei em maio de 1972 "Crónica do Quotidiano Inútil".

Vou perder o meu escapatote favorito. Não vislumbro seguidores capazes de manterem aquela Livraria independente, lugar obrigatório de paragem de todos os que se deslocavam à baixa numa época em que isso era obrigatório e ainda agora em que a Baixa do Porto perdeu muito do seu brilho de outrora. Chrys CHRYSTELLO

71.1. "A LIVRARIA QUE TEM CAMÕES COMO PATRONO. Autor: Carlos Romão

domingo, 24 novembro 2006, blogue Cidade Surpreendente

http://cidadesurpreendente.blogspot.com/2006/11/01_cidadesurpreendente_archive.html

Segundo uma Crónica de Germano Silva, publicada no Jornal de Notícias há uns dois anos, Luís Vaz de Camões nunca terá passado pelo Porto. Era homem de outros percursos, doutras paragens semeadas de aventuras que aqui não encontraria. A cidade, também, pouco o refere. Deu-lhe o nome a uma rua, ergueu-lhe um interessantíssimo, mas modesto, busto desgrenhado, virado ao vento sul do Atlântico num recanto da Avenida Brasil, e comemora-o no cunhal da Livraria Latina, casa de letras que o assumiu como patrono.

O Camões da Latina, que já aqui vimos, despeitado, a meter conversa com a figura feminina que se encontra na esquina oposta, do outro lado da Rua de Santa Catarina, é, imaginem, da autoria de alguém que, tendo formação de escultor, ficou conhecido como um dos pintores que melhor soube retratar o Porto, o aquarelista António Cruz.

Deve-se a Henrique Perdigão, fundador da Latina em 1942, a substituição da figura de Mercúrio - companhia inadequada, na opinião do editor-livreiro - pela do nosso maior poeta, na fachada da livraria. Este preciosismo, que acabou por constituir uma boa homenagem da cidade ao nosso maior poeta, não é de admirar se nos aproximarmos um pouco de Henrique Perdigão.

Era um literato, decidido, inovador, pleno de iniciativa, que dedicou vinte anos da sua vida à elaboração do Dicionário Universal de Literatura, obra prestigiada tanto em Portugal como no Brasil, onde ficou conhecido como Dicionário Perdigão.

Para comemorar a inauguração da livraria, Henrique Perdigão organizou um concurso literário, o primeiro realizado em Portugal. Abria assim também, de forma inédita, as edições da Coleção Latina que, em menos de três anos, poriam nos escaparates das livrarias quarenta novas obras - um prodígio para a época - de autores como António Botto, Teixeira de Pascoaes e João Gaspar Simões, entre outros.

Henrique Perdigão considerava a Latina como «a mais moderna organização livreira e editorial do país.» Ali podiam encontrar-se «livros de tudo e para todos, sobre Letras, Filosofia, Artes e Ciências e ainda tratados de Medicina, Cirurgia, Engenharia, Direito, indústrias têxteis metalúrgicas e elétricas, contabilidade comercial, etc.»

Vendia ainda, por baixo de mão e com risco não despreciando, livros políticos e outros proibidos pelo regime de Salazar, que incluíam autores como Jorge Amado, Raul Rego, Henrique Galvão, Cunha Leal e pasme-se...duas obras de Aquilino Ribeiro, Quando os Lobos Uivam e Príncipes de Portugal. A ele se deve a iniciativa da primeira página literária nos jornais do Porto, publicada em O Primeiro de janeiro sob a direção do jornalista Jaime Brasil. Mais tarde, O Comércio do Porto e o Jornal de Notícias seguir-lhe-iam as pisadas. Morreria prematuramente, em 1944, numa das suas deslocações ao Brasil, país com que mantinha

uma estreita relação afetiva (e onde os filhos nasceram, um deles ainda lá vivendo), para comprar livros que divulgaria em Portugal. Sucedeu-lhe o filho, Mário Perdigão, que manteve a Latina no roteiro bibliográfico portuense durante 53 anos.

Uma das características da tradicional livraria era o enorme pé-direito, preenchido com livros até ao teto, que, fazendo a delícia dos turistas, «impedia o acesso do público às obras», segundo Henrique Perdigão, neto homónimo do fundador, que assumiu a decisão da renovação da Latina há dois anos.

As obras foram ditadas por «razões comerciais e de estabilidade da estrutura do edifício», acrescentou. O novo espaço, que conjuga a leveza e a elegância permitidas por materiais como a madeira e o aço, mantém a emblemática parede, agora acessível, pejada de livros. Entretanto a livraria duplicou os títulos e aumentou a aposta nos livros temáticos. A avaliar pelas declarações do proprietário, a Latina está de novo, como quando foi fundada, com o olhar posto no futuro."

71.2. "LIVRARIAS MULTIPLICAM-SE APESAR DA CRISE Autor: "O Homem do Leme"

4 de novembro de 2005 isto no blogue "Die Otelo Pruzident" em <http://prusidente.weblog.com.pt/arquivo/213549.html>

Os hábitos de leitura dos portugueses permanecem reduzidos.

O preço do livro continua a ser o argumento mais utilizado para não o adquirir. Mas os livreiros do Porto insistem em contrariar a tendência, abrindo mais livrarias, desafiando a concorrência de cadeias como a FNAC, apurando o stock, complementando-o com atividades paralelas de incentivo e divulgação da literatura, apostando ferozmente no atendimento personalizado. Hoje, a livraria Latina, na Rua de Santa Catarina, no Porto, reabre as portas numa casa elegantemente restaurada e ampliada. «Hoje, há menos gente a estudar, mas mais gente a ler. Aliás, só não lê quem não quer», defende, otimista, o proprietário, Henrique Perdigão, rejeitando a teoria do preço inflacionado. «O que é que não é caro, atualmente?»

58.3. "O PRAZER DA LIVRARIA E UMA SUGESTÃO

Autor: José Carlos Pereira Data: 14 de novembro de 2005 no blogue "Incursoes" em http://incursoes.blogspot.com/2005_11_01_incursoes_archive.html

Gosto de ir às livrarias. Perco-me na consulta dos índices e nas revistas que trazem resenhas de livros. Na maioria dos casos, as livrarias não dispõem de um espaço para se estar calmamente a fazer tais consultas.

Um novo conceito de livraria já entrou em Portugal a proporcionar tempo de fruição descontraído. Sei que já me referi à Livraria Latina, aproveitando um post de Rebelinho Anaximandro. Mas, sem preocupações publicitárias, hoje não posso deixar de referir essa livraria que, encimando o seu frontispício com um busto de Camões, lembra a saga heroica dos latinos. Estive lá toda a manhã. Senti a tranquilidade que o prazer do livro devolve. A remodelação feita pelo nosso amigo Henrique Perdigão imprimiu à livraria Latina a ideia de um espaço para, tranquilamente, poder saborear o prazer de folhear e consultar livros. Vai, inclusivamente, disponibilizar a possibilidade de tomar café durante o tempo em que se frui o prazer de "ver" um livro.

Este post nasce de um impulso: prestar o meu reconhecimento a Henrique Perdigão. Num tempo em que as livrarias estão ameaçadas pelos supermercados, o Henrique resistiu à tendência para baixar os braços e, com o seu investimento, prestou um serviço à cultura. Possivelmente, Henrique Perdigão não terá conhecimento desta pequena homenagem que lhe presto. E isso pouco interessa: afinal é apenas um desabafo que senti necessidade de partilhar com os meus amigos incursionistas.

58.4. "LIVRARIA LATINA CRESCE EM ESPAÇO E TÍTULOS.

Autor: desconhecido Data: 2 de novembro de 2005 isto no Jornal de Notícias em <http://jn.sapo.pt/>

Depois de 163 dias de interregno para obras, a livraria Latina, que desde maio habitou um espaço emprestado na Rua 31 de Janeiro, regressa hoje a casa, na Rua de Santa Catarina. O espaço, quase irreconhecível, com a fachada a recuperar a dourada traça original, reparte-se agora em três pisos - de todos vê-se a rua -, e ameaça crescer.

«Depois de ter visto a obra concluída, percebi que a galeria tem um potencial muito maior do que aquele que tinha, inicialmente, imaginado», confessa Henrique Perdigão, proprietário e neto do fundador homónimo da livraria, inaugurada em 1941.

A Latina cresceu em espaço e em títulos.

«Duplicámos o stock e aumentamos a aposta nos livros temáticos - a única área em que não éramos fortes.»

Cresceu também na acessibilidade do público às obras. «Tínhamos uma parede com cerca de quatro metros de altura, que fazia a delícia dos turistas, mas que impossibilitava o consumidor de chegar ao livro.»

O proprietário não teme a crise. «Devia haver mais livrarias na Baixa. Só não lê quem não quer. E acho que as pessoas leem mais.»

58.5. "MULTIDÃO QUIS VER O 'SENHOR PROFESSOR'

Autor: Sérgio Almeida 25 fevereiro 2007 Jornal de Notícias http://jn.sapo.pt/2007/02/25/cultura/multidao_quis_vero_senhor_professor.html

A popularidade e a proverbial resistência física de José Hermano Saraiva conheceram ontem dois novos flagrantes exemplos.

Ao longo de quatro (!) horas, o mediático historiador transformou o que se previa ser uma pacata sessão de autógrafos na Livraria Latina, no Porto, numa impressionante manifestação de carinho que qualquer Nobel, por certo, não desdenharia.

«É uma comoção extraordinária. Já perdi a conta ao número de exemplares que assinei», confessou o comunicador, de 87 anos, sensibilizado em particular «com os pais que compram livros para os filhos que ainda nem sequer sabem ler» e indiferente «às calosidades que começam a aparecer nas mãos» ao fim de tantas horas a assinar autógrafos.

A adesão popular foi tal que a gerência da livraria se viu obrigada a antecipar em meia hora o início. Um paliativo que não evitou as longas filas de espera nas horas seguintes. Com o mais recente livro do autor na mão - 'Lugares históricos de Portugal', uma edição das Seleções do Reader's Digest -, a multidão enfrentou o tempo que tinha pela frente sem o mínimo sinal de enfado.

«Por maior que seja, a espera vale a pena», resumiu Clara Esteves, uma secretária de 53 anos disposta a esperar «o tempo que for preciso» para oferecer o novo livro do 'senhor professor' à filha, caloiira do curso de História. Para Hermano Saraiva, a sessão teve também um significado simbólico adicional. Em 1943, com o curso de História terminado há pouco, venceu o primeiro concurso de contos promovido pela Latina, graças ao livro "Este vento vindo dos montes", baseado nas cartas apaixonadas escritas àquela que viria a ser a sua mulher. Com os três mil escudos ganhos, pôde reunir algum dinheiro que o ajudou "a casar e a mobilar a casa". «Não é bem um regresso, porque, sempre que venho ao Porto - e são muitas vezes -, faço questão de cá vir, pois sinto-me em casa», sublinhou. O Proprietário da Latina, H. Perdigão, não ficou surpreendido com a receptividade, porque «é uma figura com um perfil único».

A emblemática livraria está a comemorar os 65 anos e, até fim do ano, vai levar por diante um calendário cultural intenso, com mostras e debates em destaque. Henrique, vais fazer falta a todos nós e a muitos mais que nem sequer sabem da falta que lhes vais fazer.

CHRYSTELLO, AGOSTO 2009

CRÓNICA 72 DA NÃO-ODE À NETA AO CENÁCULO ANTERIANO. 17 AGOSTO 09

Houve bailho na aldeia neste domingo, mas os locais e forasteiros eram menos do que nas edições anteriores e a culpa foi do bom tempo que há muito andava arredado deste verão e resolveu oferecer o melhor dia do ano. O motivo de mais esta festarola que muito entusiasmo os locais era mais uma Feira do Linho, acompanhada de foguetes estrelejando nos céus com o seu característico bum, que ainda hoje ninguém conseguiu explicar para que servem. A música não era nenhuma Chamarrita nem fazia parte do cancionero açoriano. Fora retirada do elenco pimba abasileirado duma qualquer banda. Centenas de pessoas entretiveram-se durante umas horas de domingo esquecendo as canseiras e a carestia da vida. Um soporífero como outro qualquer, que nisto de tradições, cada vez menos são elas fidedignas reproduções de outras eras. É salutar mantê-las, mas a juventude não vai em cantigas populares de antanho e prefere as piroscas musicais que se vendem aos milhares em todas as feiras. Não estive presente nesta 4ª Feira do Linho, mas ouvi os seus acordes dissonantes a uma escassa centena de metros do evento.

Desculpa lá a intimidade, mas imagina tu, leitor anónimo, que andei mais de três meses a esforçar-me e não consegui (desisti) ler o "Homem Duplicado" de Saramago enquanto devorava os 3 livros da "Relação de Bordo" (Cristóvão de

Aguiar) numa semana...ao mesmo tempo que levava a filha e a neta (Mariana de sua graça) aqui, ali, acolá, da praia à piscina e até aos ananases que o tempo estava mesmo dos ditos.

O ananás chegou a S. Miguel em meados do séc. XIX, proveniente da América do Sul, como planta ornamental. No entanto, o cultivo em estufas depressa veio a conhecer um notável desenvolvimento, pois desenhava-se como uma boa alternativa à cultura da laranja, que já entrara em declínio. O delicioso fruto ganhou adeptos em vários países da Europa e as exportações atingiram valores muito elevados. Nesta ilha, o ananás é cultivado em grandes estufas que preservam calor e humidade e permitem criar uma planta com frutos tão saborosos como de belo efeito estético. As estufas situam-se nos concelhos de Lagoa, Ponta Delgada e Vila Franca do Campo. A antiguidade, a tradição e qualidade desta cultura valeram a classificação com a denominação de origem «Ananás dos Açores / S. Miguel.»

la agora tentar acabar de ler “À boquinha da Noite” do Dias de Melo nas Sete Cidades. Mais uma leitura gorada pois o tempo estava excecional, e depois dos chuviscos nos ananases do A. Arruda em plena Fajã de Baixo, o sol jorrou a potes a convidar para um desvio aos Moinhos para quem queria dar um banho retemperador nas gélidas águas atlânticas. Ficara-se à sombrinha sem ler nem escrever. Na retina ficaram as lagoas mostrando as suas mil e uma facetas renovadas em cada visita. A lagoa de Santiago, mais abaixo do nível normal das águas, a mostrar uns arremedos de praias minúsculas, lá em baixo, ao fundo das suas mui alcantiladas margens. Optei por ouvir o silêncio com todas as suas nuances e variações em plena Lagoa Azul das Sete Cidades, enquanto a neta molhava os pés.

Bem queria eu escrever uma ode à neta, mas não houve sossego suficiente para botar a pena ao papel. Todos se sentiam reconfortados naquele silêncio imaginado da lagoa tentando redescobrir sons e ruídos perdidos na memória dos tempos.

A neta com seis anos está com a mesma idade em que perdera o contacto diário com a sua filha australiana e além de evocar semelhanças e diferenças permitiu-lhe retomar, por indireta via, o contacto com a filha que acabara de fazer na véspera 23 anos. Não resisti a telefonar-lhe e indagar da sua vida ainda partilhada com o mesmo namorado que conhecera aquando da visita aos Açores há três anos. Tal como eu era uma extensão da ilha que me adotara, a neta tornava-se assim numa extensão da filha.

Como se dezassete anos se não tivessem passado, entretanto, como se tanta dor não houvesse sido chorada, nem tanta lágrima tivesse secado prematuramente nos canais lacrimosos irreversivelmente encerrados. Neste regresso ao passado não escrevi odes à neta, mas entoei-as mentalmente, brincando, contando histórias de adormecer (*lullaby*) que mal entendia dado o seu limitado inglês.

Acabaram amigos como nunca foram, dado que raramente se visitavam delongados como estavam por 1800 km de mares salgados. Ainda bem que estão de boas relações com esta filha da sua mulher que adotara há quase quinze anos e que o prendara com uma neta que os restantes filhos ainda não lhe deram.

Só queria escrever umas linhas a agradecer as alegrias que esta neta deu em apenas uma quinzena de dias, a fazer sentir como é transitoriamente frágil este percurso humano de sentimentos contraditórios e revertíveis para quem sempre dizia que não tinha netos.

Nisto de casamentos só eu sabia quão importante eram e porquê. Os problemas da filha e sua cara-metade, de quem se tinha apartado, parecem ter carrilado na sequência natural do “E a vida continua,” não é Padre Videira Pires (nome dum programa televisivo espiritual católico dos anos 1960 na RTP)?

Ser mãe solteira já não tem o estigma doutras eras, pois hoje quase todas o são. Desinclinada a vir viver para os Açores por achar isto um atraso de vida que na realidade quase é, era incapaz de admitir ou sentir que idêntico atraso de vida era a sua.

Tanto fazia viver aqui ou na China, pois era sempre igual a precariedade de emprego em campo outro que não o das habilitações. Estas hoje vendem-se ao metro e de pouco servem num mercado de trabalho voltado do avesso. Mal a filha e neta partiram descobriram um vídeo gravado pelo filho mais novo encenando uma cena com amigos, mais típica duma série televisiva, com simulação de armas e, sabe-se lá que mais, artes de guerra. O castigo fora imediato, que nisto de violência era pai intolerante. Além de a desprezar e vilipendiar não a admitia sequer por perto e muito menos recriada em casa por um filho e amigos. Podia resultar o castigo, ou talvez não, nunca pactuaria com ela. Os constantes problemas, desgostos, inconsiderações dos filhos vários sucedem-se a um ritmo atroz e a neta fora meramente um interlúdio agradável numa refeição indigesta permanente que segue os pais no curso de suas vidas. Fora assim com os seus pais e ora recebia a paga.

Voltaria a dedicar-me aos temas escritos, a minha caverna artificial donde raramente saía para não ver, cobardemente, o mundo desigual, injusto e violento que me rodeava.

Cristóvão de Aguiar não era um dogmático, de índole religiosa como Daniel de Sá, mas insurgia-se sempre que lia algo com que discordava e isso acontecera dias antes com um escrito da Adelaide Chichorro a que respondera como se segue:

Não há nem nunca houve língua açoriana. Açoriano é de resto um adjetivo que pouco ou nada diz. Falar açoriano não existe. Existe, sim, falar micaelense, terceirense, até à consumação das nove Ilhas. Tudo quanto cá se diz tem a matriz cultural portuguesa. Só que nos Açores alguns vocábulos que se usam ainda, evoluíram no Continente ou caíram em desuso. Há dicionários portugueses que referem certos termos como brasileirismos e são açorianismos. Desde o século XVII houve alguma emigração das Ilhas para lá. No fundo, o falar castiço das Ilhas e do Brasil mais não é do que o Português de Quinhentos que por cá e por lá ficou conservado, como carne em salgadeira. Tal como em Bragança, Alentejo, Algarve, quando as distâncias eram longas e os povos viviam isolados. Agora, não! Dou um exemplo de uma palavra: vexado. Em S. Miguel, depois de alguém se empanturrar com um bom almoço ou jantar diz: estou vexado, que, no sentido físico, significa cheio, repleto. A palavra evoluiu, no Continente, para o sentido psicológico. Em S. Miguel, e não sei se em outras ilhas, evoluiu muito mais tarde. No sentido psicológico sempre existiu vexame: Aquele casamento foi um grande vexame para a família do noivo... Aferventar, meu Deus, é uma palavra mais-que-comum. Mas sopas aferventadas já se não devem confeccionar há muito, sobretudo em Lisboa, capital de onde tem saído as grandes desgraças para a Língua Portuguesa...

Era disto que gostava, da esgrima palavrosa entre seres inteligentes, quem sabe se ao criar o Colóquio da Lusofonia não teria saudades das Conferências do Casino originadas no seio do “Cenáculo” onde pontificou Antero de Quental.

O cenáculo é um nome dado posteriormente nos escritos de alguns dos seus participantes para designar um grupo informal que se reuniu no fim do século XIX em Portugal. Tratava-se de um grupo de intelectuais. Acima de tudo foi uma tertúlia de amigos, de composição variável e de localização instável, que se reunia em casas particulares. Como grupo constituído tentava prolongar em Lisboa os tempos de Coimbra. As discussões do cenáculo começaram na Travessa do Guarda-Mor, onde Batalha Reis tinha um quarto, passaram depois para São Pedro de Alcântara, e para a Rua da Cruz de Pau e acabaram por se instalar numa casa da Rua dos Prazeres. O grupo surgiu no seio da boémia coimbrã, e posteriormente, formados os seus participantes na Universidade de Coimbra, continuou a funcionar em Lisboa, acrescentando uns elementos, perdendo outros.

Reuniam-se para discutir livremente os assuntos que apaixonavam toda uma geração.
Da política às artes, da sociedade às ciências.
Num primeiro momento o Cenáculo assentava mais na boémia estudantil que na reflexão séria. Era uma tertúlia sobretudo anárquica em que se insultavam todas as instituições da sociedade portuguesa da Regeneração, contra os seus bacharéis, os seus ministros, os seus escritores, mas também contra tudo em geral, contra Deus, contra o Universo, era acima de tudo uma “Boémia feroz” ruidosa, tumultuosa, adolescente.
Foi nessa altura que o grupo inventou uma personagem, um poeta satânico à maneira de Baudelaire, chamado Carlos Fradique Mendes, e que lhe produziu um livro chamado “Poemas do Macadame”.
Este poeta fictício era um exótico personagem, culto, viajado, sempre a par das novidades da ciência, excêntrico e irreverente. Muito posteriormente Eça de Queiroz iria pescar esta figura e atribuir-lhe epístolas no livro “Correspondência de Fradique Mendes”.
Num segundo momento, o Cenáculo foi polarizado em torno da figura magnética de Antero de Quental. Este poeta veio pôr uma certa ordem naquela boémia de tiradas líricas, ditos espirituosos e noites ruidosas. Antero trouxe e contagiou o grupo com a paixão por Proudhon e o reformismo social, a paixão pela Sociologia e a discussão séria sobre a Metafísica.
A inquietação desordenada do grupo tinha agora um líder, alguém capaz de encaminhar as forças desses jovens intelectuais.
Foi no seio do Cenáculo que surgiu o projeto da realização das Conferências do Casino. Digamos que, de certa maneira, são a sua expressão exterior, pública, de um grupo privado de amigos.

CRÓNICA 73 TRAGÉDIAS NATURAIS E INFINITOS MUTANTES 22-23 AGOSTO 2009

Na praia Maria Luísa, Algarve, aconteceu, de novo, uma tragédia quando uma arriba de mais de 15 metros cedeu e soterrou banhistas que haviam ignorado o aviso das autoridades. Estas, vieram prontamente declarar que a praia tinha sido vistoriada e estava segura, pelo que a causa do acidente podia ser encontrada no tremor de terra que ali ocorrera uma semana antes.
Tal como em outras tragédias, a culpa é sempre de outrem, dos mortos, dos que se não podem defender, como os terremotos e as causas naturais, ou as areias movediças falsificadas da ponte de Entre-os-Rios que há quase uma década vitimaram mais de cinquenta pessoas, quando caiu a ponte sobre o Douro por falta de manutenção dos seus pilares.
A culpa divina ganha, porém, a todas as outras causas.
Neste país nunca há responsáveis, nem humanos nem materiais, mas é sempre possível atribuir as culpas a uma divindade ou a um ato da Natureza.
Sendo um país eminentemente católico, pelo menos de nome, a tarefa é ainda mais facilitada.
Não foram municípios nem construtores civis, nem arquitetos, quem construiu prédios e mais prédios até ao bordo das arribas algarvias e danificou os solos que, alegadamente, não aguentaram um pequeno tremor.
Ninguém é responsável pela especulação dos terrenos e pelo excesso de construção em zonas que deveriam estar protegidas da sofreguidão de lucro imobiliário.
Quando surgem os incêndios criminosos, que todos os anos consomem milhares de hectares, a culpa jamais é dos pirómanos, dos madeireiros, dos bombeiros que querem ser heróis, e de tanto louco varrido que por aí anda a atear fogos, é sempre das condições climáticas que ora estão quentes, ora estão frias.
A mata cresceu mais do que devia e não impediu o avanço das chamas.
O vento mudou de direção e ateou mais fogos.
Os responsáveis pelos fogos postos não cumprem penas de cadeia e são libertados, os madeireiros acabam sempre ilibados.
Em resultado de tanto fogo compram-se, ou alugam-se a preço de ouro, mais aviões de combate a incêndios.
As inundações que se repetem ciclicamente surgem por culpa dos outros, do clima que esteve fora dos parâmetros, de uma situação anómala e inesperada, ou de outra qualquer invocação divina.
Nunca advêm dos desastres ambientais que previsivelmente tendem a acontecer, face ao desrespeito do Homem pela natureza que o rodeia, quando constrói em zona de aluvião ou se esquece o leito das ribeiras que se encurralam sob o cimento...

Este ano, mais do que em anos transatos, sinto a minha praia favorita dos Moinhos, em Porto Formoso, cheia de forasteiros. Seja em função da crise ou de qualquer atração anormal, há um afluxo maior de portugueses, alemães, holandeses, espanhóis e outros. Vai-se a um restaurante e só se ouve o falar lisboetês em destrinça do micaelense.

Este sentimento de pertença e uma aparente repulsa pelos forasteiros mostram que começam a existir vínculos identificadores com o meio circundante, como se dele fizesse parte efetiva.

Começará o autor a ser açoriano? Já em Bragança, ao fim de algum tempo sentia que os forasteiros estavam a ocupar o “seu” espaço, criara um sentimento de pertença do meio circundante e temia estes “invasores” que vinham quebrar o sossego e pacatez desta terra. Estaria a ser assimilado ou integrado? Onde se quedava a sua tolerância e aceitação do outro como um igual? Estaria a perder o seu sentimento de equanimidade e equidade? Seria só isso ou haveria algo mais que não descortinava.

Gozamos mais um dia de praia. Uma dezena de tardes que o João (Nigel) partilhou na praia com os pais. Noutros dias tem ido com amigos, como os “americanos” que têm casa aqui ao lado e todos os anos vêm dos EUA passar duas ou três semanas à Lomba. Bom para ele praticar o seu inglês. Por exemplo, como os pais nunca vão à praia aos domingos, saiu de manhã com esses amigos e só voltou depois do jantar.

Os pais podem fugir das multidões e não sair ao domingo, mas usam as férias para relaxarem e lerem. Era isso que fruíam na calma esplanada dos Moinhos quando foram apresentados a um professor açoriano residente no Algarve. Nelson Moniz, de sua graça, apresentou-se como professor e poeta tardio. Depois, começou a falar de pedagogia e de poesia e em vez de saírem pelas 17.30 acabaram por vir para casa já perto das 20 horas.

Nem todos os dias se encontram “loucos ou poetas” com quem conversar. Há poucos, e este atribuíam-se ambas as qualidades para recusar o status quo e a ilusão de sucesso criada pelos sistemas de ensino e de comunicação social ao serviço do poder. São os tais infinitos mutantes que surgem nos quotidianos. Uma pessoa ou se conforma com a mediocridade desta democracia ou luta contra tudo e passa a ser visto como diferente, maluco. São indivíduos assim, uns mais loucos, outros mais poetas, que se tornam perigosos para as sociedades acomodadas pois assumem uma postura vocal crítica num meio de vozes insatisfeitas, mas incapazes de se organizarem e rebelarem contra o sistema.

A chuva e nevoeiro voltaram ao fim dum domingo soalheiro, quente e húmido, mas não chegou para refrescar a casa nem as mentes que se apoquentam. Agosto apresta-se para findar e há esta sensação de não se ter repousado o suficiente.

Na véspera à noite, pela uma e meia da manhã aprontavam-se as pálpebras para uma soneca, quando a RTP-N transmitia um programa dedicado a Amadeu Ferreira, o homem que “reinventou” a língua mirandesa e lhe deu uma escrita. Um programa interessante, como muitos que só surgem depois da uma da manhã. Apetece inferir que os programas para gente culta e inteligente só passam na TV a desoras, depois das telenovelas entediadas para as massas.

Esta observação é politicamente obsoleta e incorreta. É consabido que as televisões transmitem aquilo de que o povo gosta. Não lhes compete educar, que isso é tarefa difícil para ministérios sem vocação, nem dinheiro nem gente dedicada. Uma minoria, sonha com um mundo melhor e luta por ele, a despeito dos obstáculos. Um mundo diferente.

O Estado e os que o apoiam asseguram a manipulação da opinião pública, as distorcidas manchetes de jornal e TV, as notícias camufladas, o abafamento dos escândalos que só vêm à tona quando (e enquanto) interessam a grupos económicos que foram preteridos nalgum projeto.

O que interessa é mostrar calamidades rodoviárias, ferroviárias e aéreas, secas, inundações, incêndios, furacões ou tufões. Neste ano da desgraça de 2009, convém também mostrar, *ad nauseam*, pessoas pretensamente peritas na gripe pandémica. A tal que nos vai matar a todos, se Deus quiser, já que o Estado faz tudo o que pode, mas não tem conseguido resultados suficientemente satisfatórios.

Longe está o autor de insinuar que esta manobra das farmacêuticas faz parte duma Teoria da Conspiração com intuítos malthusianos.

Desde há anos que se sabe da existência duma Pandemia do Lucro das Farmacêuticas:

Uns milhares contraem a gripe suína e quase todos querem usar máscara, mas existem 25 milhões com a SIDA e ninguém quer usar preservativo. Entretanto, morrem anualmente, sob o silêncio da comunicação social:

- Milhões de vítimas da Malária. Bastava prevenir com um mosquitoireiro;
- Milhões de crianças com diarreia, evitável com um soro de 25 centimos;
- Milhões com sarampo, pneumonia e outras, curáveis com vacinas baratas.

Há cerca de dez anos, apareceu a gripe das aves.

Uma epidemia, a mais perigosa de todas... Uma pandemia!

Só se falava da terrífica enfermidade das aves, que, em dez anos matou um assombroso total de 250 pessoas (25 por ano).

A gripe comum mata, por ano, meio milhão de pessoas no mundo, mas ninguém entrou em pânico.

A farmacêutica transnacional Roche, com o seu famoso Tamiflu, vendeu milhões de doses aos países asiáticos.

Ainda que seja de duvidosa eficácia, o governo britânico comprou 14 milhões de doses para prevenir a sua população. Outros países seguiram a mesma senda.

Com a gripe das aves, a Roche e a Relenza, as duas maiores empresas farmacêuticas que vendem os antivirais, obtiveram milhões de dólares de lucro.

Agora é a vez da psicose da gripe suína.

Os noticiários de todo o mundo falam disso.

- A empresa norte-americana Gilead Sciences tem a patente do Tamiflu.

O seu principal acionista é Donald Rumsfeld, secretário da defesa de George Bush, artífice da guerra contra o Iraque.

A verdadeira pandemia é de lucro, os enormes lucros destes mercenários da saúde.

Não se devem negar as necessárias medidas de precaução tomadas pelos diferentes países, mas que fazem parte do senso comum e deviam ser norma em todas as civilizações.

Se a gripe porcina é uma pandemia tão terrível, como anunciam os meios de comunicação, se a Organização Mundial de Saúde (liderada pela chinesa Margaret Chan) se preocupa tanto com esta enfermidade, porque não a declara um problema de saúde pública mundial e autoriza a fabricação de genéricos para combatê-la?

Assim, prescindia-se das patentes da Roche e Relenza e distribuíam-se medicamentos genéricos gratuitos a todos os países, especialmente os pobres. Esta seria a melhor solução.

Além do Tamiflu, de utilidade duvidosa, é preciso lavar as mãos.

Espero não vir a apanhar a gripe que as farmacêuticas inventaram para vender inócuas vacinas. Sou das pessoas que lava as mãos regularmente, não me deixo intimidar pelo Terror, mas também sinto asco, pelo bombardeamento diário mediático, médico e ministerial sobre a progressão da Gripe Porcina, mais sofisticadamente, Gripe A.

Ao meu lado, os Portugueses não estão habituados a lavar as mãos... Aquando da crise das vacas loucas nunca deixei de comer carne "vermelha" aceitando a garantia do estado de saúde dos animais em questão, na mesma medida em que aceitava as couves, alfaces e tomates de "aviário" que hoje são produzidos e vendidos, sem cuidar de saber que tipo de adubos são usados na sua criação.

Todas as sociedades têm tendência para manipular os seus súbditos na tentativa de os tornar mais dóceis. Interessa ter concidadãos indefesos e temerosos como convém a autocracias transvestidas de democracia.

São permitidas algumas liberdades, dentro duma ótica de hedonismo e consumismo desenfreado e compulsivo. Este é o Estado, a escola e a comunicação social que a todos rodeia como num filme de cobóis quando os índios cercavam os caras-pálidas nas suas caravanas. Neste tipo de democracia, o povo vota, mas não governa e pouco participa.

Sinto-me isolado, mas ainda não sitiado, imune à lavagem cerebral imposta pela comunicação social. Invisto na construção de uma vida melhor, sem cuidar dos interesses pessoais e sem intuítos materialistas.

É esse também o espírito que rege os Colóquios da Lusofonia que com ele vêm erguendo desde 2001-2002 alguns idealistas, sonhadores e poetas!

CRÓNICA 74 A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM-ME, SERÁ AQUI O ABISMO? 09 09 09

74.1. A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM-ME

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico. Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos.

As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem. A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam. Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raras vezes saem dos quatro cantos do arquipélago que falar dos Açores ainda não se tornou moda na grande capital do Império.

Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao meu amigo, o mal-amado escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular "a minha festa é maior que a tua".

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo, mas os Açores são uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tanto gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?). Eu recebi "avisos amigos" para os perigos quando o convidara a estar na Lagoa em março - abril de 2009 para o 4º encontro açoriano da lusofonia. Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de cinco meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Estava eu carecido de aprender mais com este enigmático personagem que tantos cuidados incutia aos defensores da paz podre açoriana. Como acumulei milhas no cartão de viandante frequente aceitei a sua hospitalidade para uns curtos quatro ou cinco dias no Pico que Cristóvão assumiu como segunda pátria. Nove dias após partir de São Miguel Arcanjo na ilha mágica de regresso à ilha de São Miguel Arcanjo ainda reverberavam os encantos daquela.

Deixei a Lomba da Maia de noite pois nunca se sabe quando se encontram vacas, tratores e carros agrícolas ou, se pelo contrário, se viajará sem transtornos. O trânsito pela sete da manhã era constante. Bem distinto da calma que conheci à minha chegada em 2005. Parte do novo influxo de viaturas deve-se ao empreendimento da SCUT (via rápida sem custos para o utilizador) que avança, lentamente, da Ribeirinha para o Nordeste, desbastando montes, encurtando vales, quebrando rochas milenares, alterando definitivamente a pacata paisagem da costa norte imutável ao longo de gerações e melhorando, ao de leve, o traçado da estrada centenária.

Há quem sinta nostalgicamente que este progresso avassalador destruirá paisagens milenares intocadas, mas será um alívio para quem conduz do Nordeste à Ribeira Grande. Enquanto durar a construção é dinheiro vivo injetado nos locais por onde a estrada passa. A casa em frente à minha, está para vender há 4 anos, e foi alugada a trabalhadores das obras. Estes irão gastar mais energia da EDA, mais água dos SMAS, indo abastecer-se no minimercado local e no café da esquina...o circuito económico do desenvolvimento alastra-se até à conclusão da obra. Este é, afinal, o ciclo de quatro décadas que a Austrália inventou para ter uma economia sempre crescente.

Era apenas dia 27, mas no aeroporto concentravam-se já cinco voos neste final de férias de agosto, dois para Lisboa, um para o Porto, o do Pico e o das Flores. Apenas sete pessoas antecediavam na fila de “check-in” quando os computadores avariaram. As filas pararam mais de 40 minutos e rapidamente cresceram. Mais de uma centena de pessoas. O ar era irrespirável com o calor e humidades próprios da época e do local. A habitual cortesia e hospitalidade dos operadores aéreos (SATA e TAP) para com os seus clientes e passageiros levou-os a nada comunicarem sobre o acontecido. Fizeram bem, pouparam preocupações aos passageiros sobre assuntos que lhes não diziam respeito. A turba acumulava-se incomodada naquela sala que bem podia ter sido retirada duma cena de “O Passageiro em trânsito”, opus magister, do Cristóvão de Aguiar.

As línguas entrecruzavam-se com os idioletos dos emigrados que não falam nem português nem inglês. Numa banda desenhada os olhares atónitos dos estrangeiros surgiram acompanhados de balões com pontos de interrogação descomunais. O silêncio imperava nos altifalantes contrastando com o alvoroço dos candidatos a viajantes. O sistema sonoro do Aeroporto Papa Paulo II, Ponta Delgada, ainda é tão arcaico que ninguém consegue entender as mensagens por entre o alvoroço habitual. As pessoas movem-se, umas atrás das outras, num espírito cego do carneirismo em resposta a apelos imaginados ou anúncios que a SATA nunca fez...A partida prevista para as 08.30 aconteceu pelas 10.20. Avisara já o seu anfitrião cujo banho matinal nas Poças de São Roque do Pico estava irremediavelmente arruinado.

É sempre imponente ver o avião aproximar-se do cume da montanha do Pico, 2.351 m acima do nível do mar, o mais alto de Portugal e da dorsal mesoatlântica. Medido a partir da zona abissal contígua tem quase 5.000 m de altura. O vulcão é recente (750 mil anos), entrando em atividade pela última vez no séc. XVIII a sueste (São João). A Ilha estende-se por 447 km², 42 km de comprimento e 15,2 de largura. Não se sabe a data da sua descoberta, alvitando-se que a sua colonização se terá iniciado por 1480, com gente oriunda da região norte de Portugal.

A importante vinha, que alterou a paisagem e a cultura ocidental da Ilha, foi classificada em 2004 Património da Humanidade pela UNESCO. Outra atividade da Ilha está patente no Museu dos Baleeiros, nas Lajes do Pico. A caça à Baleia, desenvolvida e influenciada pela presença norte-americana desde finais do século XVIII, está hoje transformada em viagens de observação destes cetáceos a que pomposamente se chama de “whale-watching” como se não houvesse equivalente lusófono.

A arquitetura típica é de casario simples, branco com blocos de lava preta, que espelha a origem vulcânica da Ilha. Lugares como Lajes, São Roque e Madalena, estão cheios de história e património, ou de encanto natural como a Gruta das Torres, as Furnas de Frei Matias ou o Arco do Cachorro. A Ilha oferece uma boa gastronomia baseada em peixe e marisco, sendo famosas as caldeiradas. A saborosa carne provém dos pastos abundantes e é afamado o queijo (de São João e do Arrife). Tudo regado pelo Vinho Verdelho.

Convirá recordar, para quem eventualmente não saiba, qual a gesta das gentes do Pico ao longo da conturbada história da ilha, que durante séculos foi considerada uma “quinta” da fidalguia da ilha do Faial. Começemos pelas desgraças naturais

1562-1564 — Erupção vulcânica na Prainha do Norte –

Em 21 de setembro de 1562, após prolongado tremor de terra, que terá durado um “terço de hora”, acompanhado de grande estrondo, & logo em hum lago, & por cinco bocas arreventou tal fogo, que delle, & de poime ardente correo huma ribeyra por espaço de huma légoa, até se meter no mar do Norte, & no mesmo mar formou, com entrada nelle de hum tiro de arcabuz, aquele grande caes de pedraria abrazada, [...] e affirma o douto Fructuoso, que foi tão grande o fogo, que todas as mais Ilhas Terceyras se allumiaraõ com elle, & até na de São Miguel fez da escura noyte claro dia”, diz o padre António Cordeiro na sua História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental (pág. 477 edição Príncipeps).

1713-1714 — Um mau ano agrícola,

A que não foi alheio o ciclone tropical de 25 de setembro 1713, levou a que no Pico o povo comesse “socas e raízes” para sobreviver. Também uma epidemia de peste provocou milhares de mortos. No Pico terão morrido 5.000 pessoas e no Faial 500 entre as quais 49 religiosos dos conventos da Horta.

1718 — Erupção em Santa Luzia do Pico –

A 1 de fevereiro, pelas 6 da madrugada, ouviu-se uma “espantosa trovoada que encheu de terror os hortenses” e iniciou-se uma erupção vulcânica entre Bandeiras e Santa Luzia, surgindo torrentes de lava que rapidamente formaram um extenso mistério (de Santa Luzia) que penetrou mar adentro.

1720 — Erupção no Soldão, Lajes do Pico –

A 10 de julho iniciou-se por “dezasseis bocas nas faldas do Pico, por detrás do cabeço do Soldão” uma erupção que “inundou de fogo” perto de uma légua quadrada, consumindo terras e vinhedos e destruindo 30 casas “cujos moradores salvaram suas vidas fugindo precipitadamente”. A erupção foi precedida de numerosos sismos e perdurou até dezembro daquele ano.

1744 — Ciclone tropical causa grandes cheias

A 5 de outubro “caíram nestas ilhas copiosíssimas chuvas que inundaram as terras correndo em caudalosas ribeiras”. Na Prainha do Galeão (Pico) morreram 7 pessoas arrastadas ao mar; na Prainha do Norte (Pico) morreram 6 e outras 5 pereceram em São Roque.

1745-1746 — Mau ano agrícola

Provoca fome e emigração em massa – como resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada. No Pico, o povo “recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe esse mísero alimento emigrou para as mais ilhas”. Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade. Face a esta situação, por alvará régio foi autorizada a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.

1757 — Grande terramoto de São Jorge –

Em 9 de julho de 1757 um dos mais violentos, senão o mais violento, dos terramotos de que há memória atingiu São Jorge causando destruição generalizada e formando muitas das atuais fajãs, entre elas a da Caldeira de Santo Cristo. O terramoto ficou conhecido na tradição popular pelo Mandado de Deus. Dos grandes deslizamentos resultou um maremoto que atingiu todo o Grupo Central. Pelo menos 1053 pessoas morreram em São Jorge e 11 no Pico. “O terramoto foi tal que a norte desta ilha, distância de 100 braças, pouco mais, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10 [de julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha. Nas Fajãs dos Vimes, São João e Cubres, se moveu a terra, voltando-se do centro para cima, de sorte que nelas não há sinal [de] onde houvesse edifício” ...

1963 — Crise sísmica e erupção submarina frente a Santo Luzia, Pico

- Entre os dias 12 e 15 de dezembro um tremor vulcânico com foco ao largo do Cachorro, Santo Luzia, costa norte do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de dezembro. A 15, com bom tempo e boa visibilidade, pessoas do Faial e Pico avistaram “bolas ou nuvens de vapor” saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando quaisquer danos.

1973 — Crise sísmica no Pico e Faial –

A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e São Jorge, com destaque para a freguesia de São Mateus e o lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 min registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, Santo António, e São Roque, na costa norte, São Mateus, na costa sul do Pico, e ainda nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, no Faial.

1998 — Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e São Jorge

- Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial provocou destruição generalizada nas freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros no Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almoxarife, também no Faial. Também atingidas foram várias localidades da ilha do Pico. No extremo oeste de São Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 pessoas, no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.

Para que os primeiros colonos cultivassem as terras foi necessário desbastar densos arvoredos que proporcionavam matéria-prima para exportação e para construção naval (cedro). O cultivo de cereais, sobretudo o trigo, e a criação de gado foram as atividades predominantes. A produção de pastel e a sua industrialização para exportação destinada a tinturaria também desempenhou um papel relevante na economia do arquipélago. Esta atingiu o auge quando a cana-de-açúcar (sem grandes resultados económicos) e o trigo entraram em decadência.

No século XVII, as matérias-primas tintureiras foram substituídas pelo linho e laranjas. Foi introduzido o milho, para melhoria alimentar da população e apoio à pecuária. A exportação de laranjas surgiu no século XVIII, quando foi introduzida a cultura da batata. Em finais de Setecentos, regista-se o início de uma expressiva e emblemática atividade económica açoriana: a caça ao cachalote. No séc. XVIII, os Açores já tinham uma população suficientemente grande para que a Coroa incentivasse a emigração para terras brasileiras. No ano de 1460 foi concedida a Álvaro Ornelas, capitão donatário da ilha da Madeira, a carta de primeiro capitão-donatário do Pico, cabendo-lhe a responsabilidade pelo seu povoamento. Nunca demonstrou interesse pela ilha, sabendo-a inóspita e por viver na Madeira.

Houve duas abordagens à ilha, uma pelo lado sul, Lajes em 1460, e outra pelo lado norte, São Roque, em 1470. A zona oeste continuou totalmente desabitada, coberta por um manto de lava onde não existia qualquer terra cultivável, nem corria água que permitisse abastecer quem lá se quisesse instalar. Entre São Mateus e Santa Luzia não havia qualquer ribeira. O flamengo Jos Dutra, capitão donatário do Faial, pediu à coroa portuguesa a carta de capitão donatário para o Pico, que foi concedida em 1482, tornando-se assim, no seu segundo donatário. Dutra organizou o primeiro grupo de povoadores, em São Mateus.

Reza a história que Frei Pedro Gigante, primeiro pároco da ilha, plantou as primeiras videiras no lugar de Silveira, vindas da Madeira dizem uns, ou de Chipre dizem outros. Há relatos que dizem que a plantação de vinhas se estendeu para sul (Santa Bárbara) e norte (Prainha do Norte). A comunidade do Faial iniciou o ciclo do vinho verde, plantando bacelos de vinha nas rochas de lava, tendo obtido bons resultados com boas parreiras e uvas de qualidade. Os habitantes trabalharam arduamente e à força de barra de ferro e marrões, quebraram a lava, abriram covas onde colocaram terra para plantar vinha obtendo um vinho muito bom e de grande teor alcoólico. A plantação das vinhas era feita a partir da costa desabrigada, estando sujeitas ao rossio de água salgada entre os meses de abril e junho. Para combater o problema e amansar a lava retirada para a plantação dos bacelos, assistiu-se a outra tarefa gigantesca: a construção de muros de pedra solta com um metro de altura. Tendo em conta a orientação predominante dos rossios do mar foram-se construindo paredes com cinquenta metros de comprimento, paralelas umas às outras, distando entre si dois a três metros, terminando junto a uma vereda transversal, a servidão. A área entre duas servidões paralelas e contíguas chamava-se "Jarrão". Em cada canada construíram muros transversais, "traveses" que distavam entre si cinco metros e em que de um dos lados não chegava à parede da canada, dando lugar a uma passagem, a "bocaina" sendo colocadas em posições alternadas para maior proteção dos ventos. O espaço na canada entre dois "traveses" contíguas chamava-se curral.

Produziam-se mais de duas mil pipas de vinho por ano no final do séc. XVI. A produção foi crescendo. Relatos do clero afirmaram, exageradamente, que a produção chegou às trinta mil pipas. É nesta época áurea que os proprietários, quase todos do Faial, constroem os seus solares junto à costa, verdadeiras casas de veraneio, com armazéns, lagares e alambiques. Foram construídos em todos eles poços de maré para fazer face à falta de água. Também se construíram poços de maré em lugares públicos, para permitir à população o abastecimento de água, nomeadamente no verão. A tarefa não era fácil pois as casas situavam-se acima das áreas das vinhas e distantes da costa onde se situavam os poços. Neste período construíram-se pequenos portos ou embarcadouros, junto aos locais onde o vinho era produzido. Para lá chegar foi necessário aplanar as rochas para levar o vinho, a essas construções chamaram-lhes "rola-pipas".

A quase totalidade do vinho produzido era transportada para o Faial em pequenos barcos, até ao fim do verão, aproveitando os mares calmos. Ali ficavam armazenados até à exportação para o norte da Europa, Índias Ocidentais, América do Norte ou Brasil. Uma das mais importantes casas do Faial na exportação do vinho do Pico, foi "De Sobradello & Co". No séc. XIX a casa Dabney foi outro grande exportador do vinho e a que mais contribuiu para que o vinho fosse pago a um preço mais justo para o produtor. Em 1852 um pó branco cobriu totalmente as uvas, desde a floração até à maturação, destruindo-as inteiramente e alastrando a todas as vinhas. A produção caiu para uma centena de pipas. As casas ricas do Faial, cuja fonte de rendimento era o vinho, viram-se obrigadas a vender as vinhas ao desbarato. Passou-se do pequeno latifúndio para o minifúndio. Os trabalhadores perderam os rendimentos ficando sem dinheiro para comprar os cereais do Faial, para a sua alimentação. Assim, se empreendeu nova proeza, a de desmanchar terras, partindo e separando a pedra, fazendo pequenas hortas e serrados, onde se cultivava milho, batata, inhame, etc. Amontoou-se a pedra de forma organizada em enormes "maroiços", autênticos monumentos num rendilhado de paredes.

Diz Susana Goulart Costa da Universidade dos Açores

<http://www.inventario.iacultura.pt/pico/s-roque/historia.html>

Da década de 1480 até meados do século seguinte, o crescimento populacional terá decorrido num ritmo positivo. Nos finais do século XV, surge nas Lajes o primeiro município e em meados do século XVI, a norte da ilha, S. Roque. Em 1542, os habitantes pedem ao rei D. João III a criação da segunda vila, apresentando-lhe a "opressão que os moradores das freguesias de nossa Senhora d'Ajuda e de São Roque da ilha do Pico da banda do norte recebiam em ser mal providos de justiça por os ditos lugares serem longe da vila das Lages de cuja jurisdição eram e o caminho ser muito mau de montanha e serra aspera e se faziam muitos males e roubos em suas terras por a justiça da dita vila não poder a isso acudir a tempo..."

Nos finais do século XVI, a população era de 3432, no final da centúria seguinte eram 8720 com aumento relevante em São Roque. Do século XVI para o XVII, surgem cinco novas freguesias, quatro no novo município: Santa Luzia, Santo António, Santo Amaro e Bandeiras. Em 1871, São Roque possui 6674 pessoas, Lajes 9733 pessoas e a Madalena 9025. Importante foi o contributo de povoadores de origem portuguesa, que provavelmente já estiveram na Madeira ou na Terceira... A primeira zona habitada foi a das Lajes, a sul. A origem metropolitana dos primeiros povoadores foi determinante na organização da sociedade, transplantando-se a organização social reinol: uma pequena nobreza, que se distingue pela posse de terras; uma forte presença do clero secular e regular (franciscanos); e um terceiro grupo, de mercadores, artífices, trabalhadores rurais e artesãos.

Há presença de judeus, comprovada nas Lajes nos inícios do século XVI e na Madalena, no século XIX; e de escravos para o trabalho rural e doméstico. Ao longo do tempo foram-se misturando com a população, deixando de constituir um grupo identificável. Desta amálgama se formou o carácter picoense, descrito por António Lourenço da Silveira Macedo, na obra História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta, de 1871: "São os picoenses geralmente dotados d'uma indole pacífica, laboriosos, engenhosos e robustos, sobretudo as mulheres, que muito ajudam os homens nos trabalhos rurais".

Na Regeneração, as reformas na contribuição predial geraram levantamentos populares protagonizados por mulheres. Perante estes "barulhos", o poder central enviou uma esquadra do continente para acalmar os levantamentos femininos na Candelária e na Madalena. Na segunda metade do século XIX, o cultivo de laranjas, maçãs, pêssegos e figos (estes últimos na produção de aguardente) tornou-se uma importante alternativa. Tornou-se hábito diário a deslocação de picoenses para o Faial para venda da fruta. A criação de gado foi uma importante atividade, exercida desde a descoberta da ilha. Antes do povoamento, as pastagens foram utilizadas para a criação de gado, exploradas por habitantes do Faial e da Terceira. As caraterísticas da orla marítima explicam a reduzida fauna piscatória, mera atividade de subsistência, mais representativa na Madalena e Santo Amaro. No séc. XIX há uma efetiva exploração marítima, com a caça à baleia e assim se formou a imagem do baleeiro, associada como característica tradicional da Ilha do Pico.

74.2. SOBRE O PICO...

A respeito desta recente paixão pelo Pico a Rosário Girão compilara os seguintes textos que enviara numa partilha literária incomum:

"Sopraram sobre a ilha os ventos da mudança, seguidos de pássaros metálicos que têm pousado para as bandas das Lajes; mas o iate arrimado ao Porto de Pipas prolonga o cirandar periclitante dos barcos do Pico através do Arquipélago. São ousados e de pouca segurança técnica, os iates, e mesmo assim raramente enjeitam carga. Têm mastros e motor, [...]. Navegam num passado recente igual ao meu presente e resistem às leis ditadas por senhores engratados em gabinetes sem horizontes." (GARCIA, José Martins, O Medo, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Coleção Gaivota 25, 1982, pp. 11-12).

"A montanha, pano de fundo de variado colorido, caprichava no moldar das nuvens. No inverno cobria-se de neve até aos baldios. E em raras tardes límpidas de verão, anilava-se de encontro à abobada. Muita gente jurava ter avistado em madrugadas serenas uma coluna de fumo a emergir da cratera, embora os mais sábios falassem dum vulcão extinto e remetessem para um passado efetivamente findo os grandes arrotos de lava." (GARCIA, José Martins, A Fome. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 2ª edição, 1978, p. 12).

"Pela primeira vez reparei na ameaça instalada no cimo do Pico. A montanha não era essencialmente a beleza, como certas fotografias nos davam a entender. Era, sim, um rosto autoritário, guardando o segredo da próxima erupção. Metia medo sob a luz leitosa das manhãs. Vivíamos, no Pico, de costas voltadas para a montanha. Vista do Faial, cara a cara, a montanha parecia uma permanente ameaça. Talvez por medo inconsciente se falasse tanto dos fins dos tempos. [...] E contudo, na tarde límpida, o cume anilado do Pico parecia sorrir, bondoso. Deus e o Diabo podiam bem revezar-se no comando dos nossos destinos, consoante as flutuações do segredo da montanha." (GARCIA, José Martins, Contrabando original. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 1997, 2ª edição, pp. 85-86).

“Ao dobrarem, já com umas duas horas a navegar, o Castelete, do lado leste da vila, que domina, surge-lhes, para além do casario dos povoados, a majestade assombrosa da Montanha, toda branca de neve que a cobre, sempre a mudar de aspeto enquanto deixando para trás as Lajes com sua fidalguia de pataco, atravessam a longa Baía da Vila, passam, ao largo, pelo porto de S. João queijeiro, adiante pela Terra do Pão, depois pela afamada Baía da Prainha do Galeão, a seguir abicam à lendária Ponta de Santa Catarina, não sei se também chamada Ponta do Espartel, com isto entram em águas de S. Mateus, o grosso da freguesia um tanto arredada mais para o interior, aqui a Montanha, de que se não avista o cume, como que se torna uma inimaginável mole a querer sobre ela se abater e esmagá-la, e logo estão a entrar no porto.

O pequeno porto de S. Mateus. [...]. Foram. No céu limpo de nuvens havia sol. Na terra calor. Viria só dele, do Sol, ou também refletido pelo colosso da Montanha com o Sol entretanto aquecida?” (MELO, José Dias de, A montanha cobria-se de negro. Ponta Delgada, Ver Açor, Lda, 2008, pp. 143-144-170).

“Era um lastro de mistério:
pedra ardida
preta e roxa.
Mas o homem, esse tal
Fernão Alvres Evangelho
e os que vieram após,
com seu saber de flamengos,
‘Vai ou racha’ – portugueses,
e hábeis mãos de italianos,
dos tufo fizeram terra
e, sem milagre nenhum,
semeando e aplantando
multiplicaram por mil
as sementes e as estacas
na casca daquele invento,
para as covas e os tonéis. [...]
Antes, e continuando
sem mais nomes sobre os feitos,
darei que feito o milagre
(e cá me torna a palavra!)
de mudar em terra pedras,
o Picaroto (assim mesmo)
desceu às praias do mar,
que são negrume, calhau,
fez-se à água, navegou-a,
foi de ilha em ilha, passou
para lá dos pegos delas:
longes de longes nos olhos
e mais nos calos das mãos: [...]
... E não acabo – não posso! –
a conta dos contos idos,
mais d’agora e que hão de vir,
desta gente picarota
feita de lava e salmouras,
mole na fala, de ferro
nos arriscos do trabalho.
Não posso, não há palavras! [...]”

(Cf. SILVEIRA, Pedro da, fui ao mar buscar laranjas 1, “Diário de Bordo”, “Costeando o Pico”, pp. 167-168-169).

Esta era, aliás, a história que já aprendera em visitas anteriores. Levantei a viatura de aluguer no aeroporto do Pico, depois de ter tomado um café (a “italiana” habitual) de sabor indistinto num bar pachorrento como as vacas picoenses, enquanto me ajustava ao calor e humidade. Metemo-nos a caminho por essas boas estradas que a ilha do Pico tem. Fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada. A maior terá mais de nove quilómetros... Apesar de ter estado, apenas por duas vezes, na ilha senti que esta era uma velha conhecida e o mapa continuou guardado na pasta dos documentos.

Fomos almoçar ao Clube Naval de São Roque com um bom serviço de “buffet” ao preço de sete euros e café incluído. O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e levou-nos às Lajes do Pico onde se celebrava mais uma “Semana dos Baleeiros” normalmente após a “Semana do Mar” na Horta. Tive de mudar a anterior opinião sobre as Lajes logo que visitamos o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (instalado na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas). Havia lá uma moderna livraria, a única digna desse nome nas ilhas do triângulo. Nela encontramos inúmeros livros para acrescentar à coleção de autores açorianos. A surpresa foi ver o último livro deste autor “a CHRÓNICAÇORES”, incluído na “literatura açoriana”. Em amena cavaqueira dizia o Cristóvão que tinha conseguido algo que eu almejava, ver alguém a ler um livro seu. Foi então que a jovem funcionária, Cláudia de sua graça, declarou que tinha adquirido o livro “CHRÓNICAÇORES: uma circum-navegação” e estava a lê-lo em casa. Aproveitei para autografar outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar o primeiro volume da pretensiosa trilogia. Claro está que após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, mais soalheiras e convidativas do que nas visitas anteriores.

Vi ainda a expansão do Museu instalado nas três casas originais de botes do século XIX. Este Museu dos Baleeiros é o único na Europa. Além de expor uma interessante coleção de “scrimshaw” tem uma pequena biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e ainda uma “tenda de ferreiro” onde é possível aprender como eram fabricados diversos utensílios metálicos usados na caça da baleia. Sentamo-nos numa esplanada na marginal a densedentarmo-nos enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirmos ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a “Cabana do Pai Tomás”. Satisfiz assim a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores ainda não conhecia o autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde, ora telhada de novo. O desconforto de uma minúscula casa de banho exterior no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

Em linguagem cinematográfica chama-se a isto um “fast-forward” em que se rebobina a imagem e se passa adiante. Após 4 dias e cinco noites de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava já em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão ao afirmar o que afirmava sobre a literatura açoriana... Depois de ler quase todas as obras de Dias de Melo, salvavam-se as baleias, outro livro mais intimista como “À Boquinha da Noite (2001)” e pouco mais. Li e detestei “O Menino deixou de ser menino” (1995) e “Pena dela, saudades de mim” (1994) dum neorrealismo primário e básico que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Onésimo como croniqueiro tinha as inúmeras piadas que sempre o caracterizaram, beneficiando da fama e do apoio das instâncias oficiais e da clique local. Nesta se incluem nomes menores da literatura local que se adoram e veneram mutuamente. Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela “O Pastor das Casas Mortas” e obras mais antigas (sobretudo “Ilha grande fechada” (1992) embora os seus livros sejam curtos. Excluía a obra religiosa por razões óbvias, não a podia apreciar. Ressalvava bons textos que surgiram, nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como “Santa Maria Ilha-Mãe”, “S. Miguel, a ilha esculpida” e outro sobre a Terceira. Entretanto, já lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles... O problema é que sem querer metera-me (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias. Ora bem, a minha autocrítica ao fim de 4 dias perante o Cristóvão, escritor maldito e malquisto nas hostes açorianas, era a seguinte: embandeirara eu em arco, louvando exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos pináculos Dias de Melo, João de Melo, Onésimo de Almeida,

Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar, sem conhecer os restantes e sem separar o trigo do joio. Gostava do Cristóvão, do Daniel e do Onésimo. De todos era amigo, mas existiam outros autores para desvendar. De dezenas já lidas e folheadas a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava. Sendo um forasteiro deixara-se iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e de seus costumes ancestrais. Embalara-se no canto das suas sereias. "O Pastor das Casas Mortas" fora já traduzido por mim para inglês, a que, em breve, se seguirá a tradução para castelhano. Dias de Melo até para japonês já fora traduzido. Cristóvão ainda não. Nem outros escritores e poetas que o mereciam. Um crime de lesa literatura. Iria eu concentrar os esforços dos colóquios para os editar no Brasil e traduzi-los. Teria de ler os restantes para apreciar a sua universalidade, além da matriz açoriana que a todos permeia. Sabia agora que incorrera juntamente com Zélia Borges, Dina Ferreira e Rosário Girão, numa possível falácia de tomar a nuvem por Juno e louvaminhado em excesso os autores que os colóquios divulgaram. Teriam de ser mais parcos nos encómios sob pena de descredibilizar os colóquios que tão prontamente se ergueram como paladinos da literatura de matriz açoriana. Dias de Melo e Daniel de Sá já têm a editora VerAçor a traduzi-los e divulgá-los em vários quadrantes, falta agora fazer o mesmo para Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra.

Em Bragança no 8º Colóquio iria iniciar uma campanha para o traduzir (Bulgária, no futuro Roménia, Polónia, Eslovénia). No Brasil tentaria quem o quisesse editar. Iria tentar a editora Almedina, no Brasil, para apresentar no 5º Encontro da Lusofonia, edições de "Tabuada do Tempo" e de "Torga Lavrador das Letras" do Cristóvão de Aguiar. A Almedina deveria editar no Brasil estes e outros livros pois não há direitos de editora para a maior parte deles. Se pudesse concentrar esforços talvez conseguisse algo até março - abril 2010.

Regresso à narrativa, de novo, à ilha para contar que além de ter visto as lagoas todas com mais calma, ficara assustado com a eutrofização delas (exceção feita à do Capitão). Na Lagoa seguinte, a do Peixinho além de umas trinta vacas se dessedentarem havia um autotanque de agricultores a retirar a parca água que restava. Como havia seca os agricultores tinham de lá ir abastecer-se. Com umas boas chuvadas tudo voltava ao normal. Não acredito, pois, a eutrofização não se deve resolver com umas chuvadas. Fico triste. As autoridades deveriam preservar as lagoas para turista ver. Andam tão empenhados em aumentar o número de turistas e esquecem-se que nem todos vão escalar a mais alta montanha de Portugal. Infelizmente, dias depois, era anunciado que os lavradores poderiam retirar água da Lagoa do Capitão.



LAGOA DO PAUL ANTES (2007) E DEPOIS (2009)

Foi lá que fotografei uma das minhas melhores imagens de 35 anos de fotografia. Faltava apenas ver duas coisas, e uma delas não a consegui encontrar apesar de ter perguntado aos locais: a Furna de Frei Matias. Andei em círculos e em ziguezague por estradas de terra e de asfalto, segui as placas indicativas e as orientações, mas faltou encontrar uma placa azul que seria o "Abre-te Sésamo" para me levar ao local que todos garantem merecer visita obrigatória. Na última manhã abdiquei de outras atividades para fazer mais uma tentativa, mas apenas consumira gasolina e anidrido carbónico sem resultados. Mais aturdido fiquei ao ver totalmente seca a mais bela de todas: a do Paul, mirrada, sem as manifestações espontâneas de árvores endémicas como espigos-de-cedro (*Arceuthobium Azorica*) nas suas margens e onde dantes havia água pastavam agora uns três cavalos. Podem os leitores seguir viagem através de excertos da bíblia dos que mal sabem ler ou não têm tempo ou disposição para o fazer, a Reader's Digest:

<http://www.seleccoes.pt/Viver/Lazer/detalhe.asp?tipo=detalhe&ID=303>

No Pico, entra-se por duas portas: o cais da Madalena e o aeroporto. A mais antiga e ainda a melhor entrada é a marítima, utilizando os novos barcos, as "lanchas" ou "cruzeiros" - o do Canal e o das Ilhas -, e fazendo a travessia do canal entre o Faial e o Pico. Desde os mais remotos tempos do povoamento, pelo lugar dos Ilhéus - o Ilhéu em Pé e o Ilhéu Deitado - se partia ou chegava. Hoje continua a navegar-se neste canal, por onde circulam 300 000 passageiros anualmente, quando as duas ilhas apenas somam pouco mais de 30 000 habitantes.

Antigamente, quando havia passageiros para atravessar o canal, faziam sinais na costa com um lençol branco e, do Faial, partia a lancha, pois no Pico não havia condições de manter a embarcação em segurança por falta de porto. Os portos do Pico são uma realidade construída no pós-25 de abril.

De carro, para norte, pode sair da Madalena por dois caminhos: o que passa pelo interior da vila e o outro, junto à costa, acompanhante de uma paisagem ao lado de salgueiros e araucárias (na Formosinha) enormes. Se for pelo caminho do mar, pare no Cachorro; se for pela estrada regional, desça o ramal do aeroporto. Uma autêntica "boca do inferno" onde a lava se precipitou no mar e fez uma obra de arte de arcos e buracos aterradores, sinais inequívocos da origem vulcânica das ilhas.

Junto à costa, com o aeroporto à direita, ao lado de pinheiros que recobriram extensas áreas de lava escorrida, "mistérios", encontram-se duas pequenas povoações, o Lajido e os Arcos, totalmente recuperadas e reconstruídas, que trazem à memória antigos trabalhos nas vinhas e na apanha dos figos para a aguardente, e que, tal como outra vasta zona, estão incluídas na Paisagem Protegida da Vinha do Pico e em fase de classificação pela UNESCO como património cultural da Humanidade.

Afastando-se do mar em direção a Santa Luzia, visite um projeto de absoluta vida natural, recuperação de casas abandonadas, organização natural do ideal de vida. Leve umas imagens desta fantástica ilha, dos negros das casas de pedra, dos verdes de incensos e faias. Os caminhos do Pico são viagens, trajetórias de íntimo contacto com a Natureza, o verdadeiro monumento da ilha. Ao chegar ao cais do Pico, na vila de S. Roque, é absolutamente obrigatório embrenhar-se pela aventura gigantesca do homem do Pico - a gesta da baleação. A caça à baleia terminou, mas a recordação perdurará na memória destas gentes.

Visite o Museu Industrial da Baleia, no cais onde centenas e centenas de baleias foram transformadas, observe o Convento de S. Pedro de Alcântara, saia da estrada principal e percorra a costa de S. Roque, volte à estrada em S. Miguel Arcanjo, e por entre pinheiros, faias, incensos, acácias e criptomérias, desça pelo mistério da Prainha do Norte (parque florestal). Contemple a paisagem, o silêncio cortado pelo cantar dos garajaus e gaivotas, com S. Jorge ali em frente, merendar e descansar em tamanho conforto ambiental é privilégio possível. Santo Amaro espera mais à frente. Aqui se construíram os barcos, traineiras, as lanchas da travessia do canal e tantos outros barcos.

Hoje não existe a indústria de construção naval, mas desenvolve-se outra atividade de grande qualidade - a escola de artesanato. No percurso rumo à ponta da ilha, poder-se-á desfrutar no Miradouro da Terra Alta, de uma estonteante vertigem de altitude sobranceira ao mar, sempre com S. Jorge de sentinela esguia e amiga. É altura para demandar a Calheta de Nesquim e, no Alto da Rocha encontrar a "cabana" do grande escritor da aventura das baleias de outrora e da dimensão humana que a envolvia - Dias de Melo.

Em frente, por entre arvoredos e curvas, com o mar do lado esquerdo, encontra-se a mais asseada freguesia do Pico, as Ribeiras, das casas brancas, das traineiras do atum, mas vêm-nos à lembrança as Festas do Espírito Santo. Nas Ribeiras são especiais, mas estão a americanizar-se.

No fim da primavera, chegam as festas mais representativas da ilha. Apressemos-nos para as Lajes, a vila baleeira, e depois da panorâmica vista sobre a vila mais antiga e mais urbana do Pico, com a montanha ao fundo, e na expectativa de ver o famoso Museu dos Baleeiros, almoce e depois dê passeios a pé pelo interior das Lajes e entre no museu. O melhor será voltar noutro dia. As razões e as sugestões são ótimas: fazer mergulho, ir ao "whale watching", pescar ou apenas nadar na Maré.

Talvez até possa jogar golfe. No Museu dos Baleeiros, encontra magníficas coleções de "scrimshaw", trabalho artesanal sobre dente ou osso de baleia, e variados aspetos da vida do baleeiro, homem do mar e da terra, com destaque para a canoa baleeira, considerada como o "móvel" mais elegante e perfeito do Mundo. Quando chegar à Silveira, volte à direita pela estrada transversal e suba até ao Corre-Água, entre numa reta de 9 km e passe pela lagoa do Capitão. Aqui, suba a encosta e do seu lado direito, observe S. Jorge e algumas povoações da costa norte; do outro lado está a montanha, esperemos que se desnude para si e então faça uma fotografia daquela majestade de lava projetada nas águas da lagoa. Já em plena zona de pastagem do Pico, a uma altitude que em Invernos rigorosos fica coberta de neve, por pouco tempo, reveja a montanha, mas não se esqueça de que temos uma escalada para fazer.

E mal ultrapassado o desvio para o acesso à montanha, logo o Faial se descobre para além do canal. Lá em baixo está a Madalena, mas antes de lá chegar pare na Furna do Frei Matias.

O Pico deve ser a ilha das Furnas. São às centenas, identificadas, mas não exploradas turisticamente. Com companhia e equipamento adequados, quem for amante desta atividade tem na Criação Velha uma das maiores furnas dos Açores, a Gruta das Torres, com centenas de metros de comprimento e, em alguns sítios, cerca de 5 m de altura. Estamos em plena serra, onde se celebrava o Dia do Ajuntamento, num tempo em que a lã das ovelhas pesava na economia familiar. Madalena de novo, percorrida mais de uma centena de quilómetros. Não se está numa ilha.... Aqui é o meio do mar salpicado do verde de uma natureza pujante e mistério."

No segundo dia da estadia, abusando da paciência do Cristóvão que as conhecia e não queria visitar de novo (ficou no ar condicionado na sala da receção das grutas, à espera), descemos às catacumbas do vulcão do Pico. Conhecida pela altura e beleza do Pico que lhe deu nome e das paisagens que se desfrutam do alto das suas vertentes, a Ilha tem na Gruta das Torres o verdadeiro contraponto das alturas e um atrativo não menos pitoresco. Durante a visita, reparem no projeto arquitetónico do Centro de Apoio aos Visitantes. Graças às suas características inovadoras, foi selecionado para o prémio oficial da União Europeia em parceria com a Fundação Mies van der Rohe de Barcelona, "European Union Prize for Contemporary Architecture Mies van der Rohe Award 2007". As Grutas da Torre estavam fechadas aquando da última estadia no natal de 2007. Ainda só 500 metros estão abertos ao público. Em boa hora as visitei. Não vi as trilobites ou descendentes de tamanhos não observáveis a olho nu. Todos os minutos foram de uma descomunal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal que parecia retirada de uma cena do filme "À procura da arca perdida" sendo os visitantes os "salteadores". O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficamos trinta segundos à luz natural daquele enorme tubo lávico. As cores, as formas e a explicação científica da jovem guia ajudaram a perceber a formação daquele e doutros vulcões. O interior é rico em formações e estalagmites lávicas, bancadas laterais, lava balls, paredes estriadas e lavas encordoadas. Estas visitas fazem sentir a pequena dimensão humana face à natureza mãe que tudo cria e destrói.

A Gruta localiza-se à saída da Criação Velha (Madalena) na encosta ocidental da Montanha. O sistema formou-se quando a lava pahoe-hoe desceu do cone parasítico do Cabeço Bravo entre 500 e 1500 anos. São um conjunto interligado de tubos lávicos que transportaram a lava pahoe-hoe e a lava aã em épocas distintas. Trata-se da maior gruta açoriana (5 439 metros) com uma altura que chega a atingir 15 metros na entrada que se faz por um algar. O Governo declarou-as monumento regional em março de 2004, um ano antes de abrirem ao público. Ainda não se fizeram todos os reconhecimentos dos restantes quilómetros esperando-se que dentro de dois anos possam abrir mais um segmento.

Lava pahoe-hoe – é uma lava mais fluida, os seus gases estão menos dissolvidos e flui mais rapidamente, esse tipo de lava formou os lajidos. Na gruta também verifica uma escoada lávica do tipo pahoe-hoe que tem 7 metros de dimensão bastante visível.

Lava AA (Biscoito) – este tipo de lava está associado ao final da erupção, é muito viscoso, tem muitos gases dissolvidos com uma temperatura não muito elevada e vem um pouco como cascalho.

Por instantes foi preciso rastejar tendo em atenção a cabeça e os membros inferiores desnudos para evitar o contacto com os dilacerantes "biscoitos". O interior é rico em estalactites e estalagmites de lava. A estalactite tubular é um pingo de lava normal que sofre uma fusão de gases ou de vapor de água; depois começa a esticar, até ficar fina e oca por dentro, daí a sua fragilidade. As estalagmites lávicas formam-se a partir das tubulares. O solo natural da gruta é formado por blocos irregulares e soltos que caíram do teto sendo constituídos por lavas de vários tipos. A gruta encontra-se muito bem preservada. As paredes estão revestidas por óxidos de sílica nalgumas zonas. As estalactites vermelhas são uma bagacina vermelha formada por piroclásticos com erupções estrombolianas, onde são dissolvidos bastantes gases e muito ferro.

Na gruta, existem apenas dois tipos de espécies de animais:

Trecus Picoensis (espécie de escaravelho) – endémicos das grutas, mas é muito difícil vê-los porque vivem sob as pedras.

Cicus Azopicaías (espécie de cigarra) – vive nas raízes das plantas.

O restante tempo, dias, tardes e noites picoenses foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos sobre os Açores. Os autores eram açorianos, descendentes, emigrados e outros. Admiti a "mea culpa". Talvez não existisse "literatura açoriana" per se mas sim uma literatura de matriz açoriana. Muito descobri naqueles dias com essa enciclopédia devoradora de conhecimentos e de livros que é o escritor Cristóvão de Aguiar, convidado especial do 8º Colóquio Anual da Lusofonia em Bragança. Espera-se que ele possa ajudar com tão vastos conhecimentos para que a cadeira de Estudos Açorianos criada pelos Colóquios e a UNISUL de Santa Catarina (Brasil) seja um sucesso. E que o Breve Curso de Estudos Açorianos da Rosário Girão na Universidade do Minho seja outro. Não ficaria bem numa Crónica deste género acrescentar algo mais que não fossem pequenas notas de viagem como a seguir se explicitam.

As gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras como nas restantes ilhas que já visitaram. Um incidente ao almoço num restaurante da Prainha leva a algumas interrogações. Domingo. Salão com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servi-los. Pelo sotaque era descendente de africanos escravos no Brasil. Disse ser de Pernambuco, que se apaixonara por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam. A viagem desta jovem seria um tema interessante para desenvolver.

Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra "P". O dedo mindinho que tudo sabe caíra no meio do oceano. Sob a lupa via uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por "P". Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco – Pico – Prainha.

Já afirmei antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo. Mas são esses mesmos portugueses que sempre denotaram um invulgar carácter e inventividade. Atualmente, é proibido por força de lei, anunciar nas viaturas particulares que as mesmas estão à venda. Pois bem, na longínqua ilha, afastada dos centros de poder inventaram uma nova modalidade comercial "TROCO POR EUROS". Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida.

Saí do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara, mas simultaneamente enternecido pela invenção da "troca por euros". Ao chegar a casa e parando no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ofereceram-me graciosamente o café por ser o último que ali tomava.

Andados uns passos rumo à casa do escritor deparei com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana para voltar a trabalhar. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura "pedir emprestada" a carripa, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despeço da ilha prometendo voltar um dia, com mais tempo. Voltarei para alugar casa por um mês inteiro e visitar as ilhas ainda desconhecidas pelo navegador sem barco (Graciosa, Flores, Corvo). Há qualquer coisa de mágico, um íman secreto, que atrai e me faz querer viver naquele vulcão. Talvez seja a vontade de ouvir as histórias dos passageiros da camioneta sem rumo. Terei de consultar um especialista para me tratar desta eterna infidelidade, cada nova ilha se transforma em amor, paixão ardente, desejo irreprimido.

CRÓNICA 75 - DA HOMENAGEM A PAULO QUINTELA E MIGUEL TORGA A CRISTÓVÃO DE AGUIAR - SET 2009

75.1. CRISTÓVÃO DE AGUIAR HOMENAGEIA PAULO QUINTELA E MIGUEL TORGA

Decorreu entre 30 de setembro e 3 de outubro o 8º colóquio anual da lusofonia (12º colóquio organizado pelos COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) cujo tema principal era a memória contra o esquecimento. Presentes os Professores Doutores João Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) ambos Patronos dos Colóquios desde 2007, Adriano Moreira (Vice-Presidente, Academia das Ciências de Lisboa), o escritor convidado, Dr. Cristóvão de Aguiar e o Dr. Ângelo Cristóvão (Academia Galega da Língua Portuguesa).

O convidado especial, o escritor açoriano CRISTÓVÃO DE AGUIAR prestou a sua HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO a Miguel Torga e Paulo Quintela, enquanto outros homenagearam Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcellos, Euclides da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro, José Rodrigues Miguéis, etc.

Ainda em debate estava a aplicação do 2º Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico; Literatura e Açorianidade e a Tradução de obras lusófonas.

Teve igualmente lugar uma sessão especial sobre literatura (de matriz açoriana) e tradução de autores lusófonos com a participação de Cristóvão Aguiar, Rosário Girão, Zélia Borges, Iliyana Chalakova e Chrys Chrystello.

Este colóquio contou com a presença de 45 oradores dos seguintes países e regiões: Portugal, Brasil, Galiza, Açores, Bélgica, Macau R P China, Espanha, Bulgária, Ucrânia, Roménia e Nigéria, tendo-se assistido ao lançamento de livros, uma mostra de obras açorianas, recitais de música açoriana, música galega, duas representações teatrais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil e poesia (galega, portuguesa e brasileira).

Para os mais de trinta mil habitantes de Bragança que faltaram a estas sessões resolvemos trazer aqui à colação alguns dos textos mais marcantes destas sessões.

Assim, nas próximas linhas teremos a apresentação do consagrado escritor açoriano CRISTÓVÃO DE AGUIAR relativa a Paulo Quintela e Miguel Torga com quem privou ao longo da sua vida literária de 45 anos, seguindo-se depois a Homenagem que os Colóquios prestaram ao autor convidado deste ano, e noutra Crónica posterior, as apresentações críticas dos livros que este ano tiveram o seu lançamento ou revisitação no colóquio de Bragança.

Todos os textos são apresentados em conformidade com o Acordo ortográfico de 1990.

75.2. DOIS HOMENS DE TRÁS-OS-MONTES por Cristóvão de Aguiar

Aqui, na cidade de Bragança, coração de Trás-os-Montes, grave delito seria não recordar dois grandes vultos da cultura portuguesa do século XX, Paulo Quintela e Miguel Torga.

Outros há que realçar como o Abade de Baçal, historiador, etnógrafo, arqueólogo, autor das Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, cujo V volume é o célebre livro, Os Judeus no Distrito de Bragança... E João Araújo Correia, médico na cidade da Régua e um dos grandes Mestres da Língua Portuguesa, que mereceu de Aquilino, outro brilhante cultor da Língua, estas expressivas e legítimas palavras: «Mestre de nós todos há cinquenta anos a lavar nesta terra ingrata e ímproba seara branca do papel almaço, e somos velhos, gloriosos ou ingloriosos, pouco importa; mestre dos que vieram no intermezzo da arte literária com três dimensões para a arte literária sem gramática, sem sintaxe, sem bom senso, sem pés nem cabeça; e mestre para aqueles que terão de libertar-se da acrobacia insustentável e queiram construir obra séria e duradoura». Isto só para mencionar os que desapareceram.

Sem desprimor para os dois vultos transmontanos atrás mencionados, e que de per si mereciam uma conferência inteira, ou mais, só irei debruçar-me, e espero não me despenhar da altura a que ambos se guindaram, sobre a obra e personalidade de outras duas individualidades transmontanas, mais chegadas à minha afeição, com quem durante anos convivi em Coimbra e de quem recebi grandes lições de vida, cultura, humanidade e humanidades: Paulo Quintela, filho desta cidade, onde nasceu em 1905, e Miguel Torga, natural de São Martinho de Anta, o seu lugar de onde e o seu centro do mundo, como tantas vezes escreveu nos seus livros... Paulo Quintela foi um germanista de renome internacional e um dos melhores tradutores das línguas germânicas para a Língua Portuguesa.

Dir-se-ia, sem pinga de exagero, que nacionalizou esses poetas e escritores estrangeiros, principalmente alemães, para a Literatura Portuguesa, dela ficando a fazer parte: Rilke, Hölderlin, Goethe, Nietzsche, Hauptmann, Nelly Sachs e tantos outros, incluindo muitos poemas ingleses de Fernando Pessoa, a pedido de Georg Rudolf Lindt, crítico alemão, lusitanista, estudioso e tradutor de Pessoa. E foram esses poetas maiores da Literatura Universal, sobretudo Rilke, que influenciaram alguns poetas portugueses, dos quais destaco Eugénio de Andrade e o próprio Miguel Torga.

Como se isto não bastasse, Paulo Quintela, um apaixonado pelo teatro e por Gil Vicente, havia de ressuscitar a sua obra dramática para as tábuas do palco, até então sepultada na poeira dos compêndios. Excetuavam-se algumas tímidas, fugazes e nem sempre logradas tentativas do Teatro Nacional Dona Maria, que, nos meados dos anos trinta do século XX, o pôs em cena. E terá sido um espetáculo, com excertos da obra de Mestre Gil, uma silva vicentina, representado por essa companhia, em uma noite de verão, no Pátio da Universidade de Coimbra, que o catapultou para pôr de imediato a obra vicentina em cima do palco.

Escreveu ensaios sobre a obra do maior homem de teatro português, e deu a conhecer aos leitores portugueses as Líricas Castelhanas, de Gil Vicente, publicadas em livro, em meados dos anos sessenta, no Cancioneiro Vértice.

Porém, Quintela não se quedou por Gil Vicente: encenou outros grandes dramaturgos; os trágicos gregos: a Medeia, de Eurípedes; a Antígona, de Sófocles; o Prometeu Agrilhoado, de Ésquilo; O Grande Teatro do Mundo, de Calderón de La Barca; Retablillo de don Cristóbal e A Sapateira Prodigiosa, de Federico García Lorca. Nesta última peça, foi o próprio Quintela quem representou o papel de sapateiro, o principal, porque o ator que o devia interpretar ter comunicado, na véspera da estreia, que não podia comparecer – valia Quintela saber de cor todos os papéis das peças que encenava; O Tartufo, de Molière, além de alguns portugueses contemporâneos, como Miguel Torga; José Régio e Raul Brandão...

Graças ao TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), fundado em 1938, e que se estreou com a Farsa de Inês Pereira, foi possível a Paulo Quintela, seu diretor artístico durante mais de trinta anos, dar a conhecer não só Gil Vicente como todos os dramaturgos atrás referidos, fazendo do TEUC uma verdadeira escola de teatro por onde passaram gerações e gerações de estudantes, que, após a formatura, continuaram a lição do Mestre, organizando grupos de teatro nas locais onde foram exercer a sua profissão.

Como dizia, foi nesta cidade de Bragança que nasceu, em dezembro de 1905, Paulo Manuel, oitavo rebento de uma prole de dez, sendo o pai pedreiro e a mãe padeira. Aqui se criou, iniciou e concluiu os estudos elementares e liceais, que o haviam de guindar à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se matriculou no ano letivo de 1922 /1923, ainda com a idade de dezasseis anos.

Aluno brilhante, concluiu o curso de Filologia Germânica com distinção, e foi bolseiro da Fundação Humboldt, o que lhe proporcionou viver, estudar e ensinar, em Berlim, durante seis anos.

Com a subida de Hitler ao poder, regressou a Coimbra e à sua Faculdade, passando a exercer, durante mais de quarenta anos, o magistério nas Literaturas e Culturas Germânicas.

Aqui jaz, no cemitério do "Alto do Sapato", desde o dia 10 de março de 1987.

Delito grave seria também deixar em silêncio o nome de Miguel Torga, um dos mais grados escritores de sempre da Literatura Portuguesa e, durante grande parte do percurso da existência, íntimo amigo de Paulo Quintela e seu companheiro de lides e aventuras literárias. Procurarei, nesta minha despretensiosa comunicação, deslindar o que os uniu e depois os separou para sempre, tentando o milagre, sempre possível, de um reatamento de relações post mortem...

Entre ambos existia uma amizade enraizada num acurado amor que consagravam a Trás-os-Montes, o «Reino Maravilhoso», de onde ambos eram oriundos. «Que belo é ter um amigo! Ontem eram ideias contra ideias. Hoje é este fraterno abraço a afirmar que acima das ideias estão os homens. Um sol tépido a iluminar a paisagem de paz onde esse abraço se deu, forte e repousado. Que belo e natural é ter um amigo!» — escreveu Torga, no dia 4 de fevereiro de 1935, no primeiro volume do Diário, referindo-se a Quintela, que conhecera um ano antes na cama de um hospital em Coimbra.

No Segundo Congresso Transmontano, realizado nas Pedras Salgadas, em setembro de 1941, ambos participaram com duas conferências.

A de Miguel Torga intitulava-se «Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)»; a de Paulo Quintela, «Um Poeta de Trás-os-Montes», Miguel Torga. E era o Poeta: «Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador. Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente rasga a crosta do silêncio uma voz de franqueza desembainhada: «— Para cá do Marão, mandam o que cá estão!» Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós? Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nune invisível ordena: — Entre! — A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.»

Por seu turno, Paulo Quintela: «Mas não se nasce impunemente em Trás-os-Montes, no Alentejo ou à beira-mar. Quer dizer que a paisagem, se não é o único fator determinante, é contudo primordial elemento de formação e informação. Se a poesia é no fundo expressão — expressão mágica — das coisas e dos seres, da Vida, é evidente que essa expressão há de ser em certa medida condicionada pela maneira como esses seres e coisas se nos revelam e nos solicitam, pela luz que os banha, pelo horizonte em que estão implantados, pelo ângulo por que se contemplam.

O homem da planície terá uma vivência das coisas e dos homens muito diversa da do montanhês. Horizontes vastos e planos, monótonos, em que as figuras se perdem ou ficam reduzidas a contornos imprecisos, convidam a erguer os olhos e a contemplar o céu. Daqui — falo, evidentemente, em termos amplos que admitem toda a sorte de exceção que não abalará aliás a firmeza do princípio — (o próprio poeta de que me ocupo poderá por vezes parecer

exceção...) — daqui, digo, a propensão contemplativa e a necessidade de fuga e libertação mística do homem nado e criado em ambiente destes. Daqui o caráter místico da grande literatura da estepe russa, por exemplo. Mas subamos agora uma montanha. As coisas na encosta que vamos escalando são-nos mais chegadas, mais íntimas, mais nossas, pelo esforço que pusemos em alcançá-las; a luz quebra e reflete de outra maneira nas lombas que nos rodeiam e nos limitam o horizonte; a subida é árdua, mas gostosa; o arcaboço arfa, bate o coração encostado à fraga ou à árvore, e o arquejar do peito e a pancada do coração do homem da montanha faz-se hábito e pulsar da própria terra-mãe.

Chega-se ao cimo. Mas não foi para contemplar o céu que nos aproximámos dele. Sobe-se a um monte para olhar cá para baixo, para dominar a terra que se alarga, se nos revela e nos convida.

Foi no alto dum monte que o diabo patenteou a Cristo a sua maior tentação: «De novo subiu o diabo a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os Reinos do Mundo, e a glória deles, e lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares...» Deus em Cristo resistiu à tentação.

Os homens sucumbem à veemência do desejo de posse do Mundo e da sua Beleza. Miguel Torga é, dos poetas portugueses modernos, o que está mais intimamente ligado à sua paisagem, que é a paisagem de Trás-os-Montes.»

Convoco agora o Poeta Manuel Alegre para, com a sua palavra poética, vir em meu auxílio. Na III Parte do seu livro, Coimbra Nunca Vista, intitulada «Abecedário de Coimbra», o poeta de abril, grande amigo e admirador de ambos, empreende uma apolínea peregrinação afetiva através de individualidades que, em dado momento histórico-cultural, cunharam o caráter da cidade mítica.

Nesse «Abecedário», figuram, entre outros, dois poemas dedicados às duas fragas graníticas transmontanas, um com o título de «Miguel Torga No Largo da Portagem»; o outro intitulado «Paulo Quintela». O dedicado ao autor de A Criação do Mundo reza assim:

Todos os dias o poeta vem ao centro / sobe ao seu consultório e embarca para / dentro. / Diante da folha branca vai de viagem / navega sobre o tempo e nunca para / Há nele o canto de raiz e o verso vagabundo / da sua janela chega à outra margem / e dá a volta ao mundo / no Largo da Portagem. Sobre Quintela escreve:

Nada sabíamos da língua portuguesa / e então sílaba a sílaba ele ensinou-nos / a música secreta das vogais / a cor das consoantes a ondulação o ritmo / o marulhar das frases e o seu / sabor a sal. / E também como pisar um palco / como falar como calar e sobretudo / como sair de cena e entrar / no grande teatro deste / mundo. / Porque tudo era proibido e ele nos disse / que tudo pode ser ousado / desde que se aprenda a entrar a tempo / a colocar a voz e a não perder / a alma.

Nestas prodigiosas sínteses poéticas, de uma tão luminosa fundura a que só os príncipes da poesia têm o condão de descer ou de subir, encontra-se delineado um verdadeiro, muito completo e complexo programa de vida estética, intelectual e cívica, que tanto Paulo Quintela como Miguel Torga foram cumprindo enquanto por cá andaram. Nas facetas que no poema se realçam, tornou-se Quintela grande mestre e a sua obra de intelectual e o seu exemplo de cidadão empenhado deram disso testemunho.

A poesia e a prosa de autores de «franças e aragancas», que, através de traduções exemplares e recreadoras, naturalizou sem qualquer sotaque para portugueses e que ficaram desde logo pertença da Literatura Portuguesa; se tivessem os seus autores cá nascido, seria decerto como ele as traduziu que escreveriam na nossa língua; o teatro vicentino que estudou e amou como ninguém desde os bancos do Liceu de Bragança difundiu e o elevou, depois, para o seu sítio condigno e certo: as tábuas do palco; o cidadão livre que sempre ousou ser, numa pátria contaminada por grandes medos miudinhos por tantas outras toxinas que lhe conspurcaram a atmosfera, não raro tornando-se, armada ou armadilhada de um pesadume propenso e propício a que certas criaturas se bandeassem, fraquejassem e se perdessem, alma incluída, no céu da sua conversão...

No poema sobre Torga, Manuel Alegre, em palavras sucintas e certeiras, como é timbre dos grandes Poetas, delinea e recia, minuciosamente, o quotidiano do Poeta de Orfeu Rebelde.

Era do seu consultório, no Largo da Portagem, que o Poeta, depois de regressar da noite, quase sempre insone, de macerado trabalho poético, em sua casa, zarpava todos os dias para viagens que só ele sabia deslindar.

Transcrevo o poema de abertura do 1.º Diário, 3 de janeiro de 1932, (Torga iniciava e rematava sempre os seus Diários com um poema), que reflete esse trabalho noturno, notívago, a que se entregava com a devoção de um crente da poesia que nunca deixou de ser:

Deixem passar quem vai na sua estrada. / Deixem passar / Quem vai cheio de luar. / Deixem passar e não lhe digam nada. // Deixem, que vai apenas / Beber água do Sonho a qualquer fonte; / Ou colher açucenas // A um jardim ali defronte. // Vem da terra de todos onde mora / E onde volta depois de amanhecer. / Deixem-no, pois, passar, agora // que vai cheio de noite e solidão. / Que vai ser / Uma estrela no chão.

Vale também a pena transcrever um texto do Diário XII, de fevereiro de 1977, em que o autor de Orfeu Rebelde revela, genialmente, a maneira como nasce um poema:

Foi durante a noite que escrevi o poema. Acordei inquieto, estremunhado, fiquei numa sonolência lúcida e, aos borbotões, os versos, na imprevisibilidade do minério arrancado às trevas da mina, começaram a surgir à tona do silêncio, alguns já estremados, puros, outros ainda agarrados ao cascalho.

Depois, a razão clarificadora acudiu à inspiração tumultuosa, britou, peneirou, lavou, ordenou, e as pepitas ficaram articuladas de tal maneira que acabaram por formar um todo coeso, harmonioso e autónomo.

Um texto na sua plenitude existencial, inexpugnável como um dia de sol. Excitado pela evidência do milagre, que eu próprio mal podia compreender, não consegui mais pegar no sono.

Pus-me a recitar cada estrofe, primeiro numa espécie de terror sagrado, a experimentar a segurança do ritmo, a verificar a verdade das rimas, a avaliar a flagrância das imagens.

Por fim, confiado, a abaná-las rijamente, e a concluir, desvanecido, que tinha as raízes seguras. E assim tenho passado o dia com elas no ouvido, numa exaltação secreta, estranhamente otimista, menos vulnerável aos empurrões da multidão, feliz sem o dar a entender. É um regozijo íntimo, fundo, como se me encontrasse bafejado por uma graça que não tivesse merecido, nem pedido, nem recebido de ninguém. (8/2/1977, Diário XII).

Paulo Quintela foi o primeiro homem de teatro português que pôs em cena Miguel Torga. Em 1947, o TEUC representava Terra Firme no velho Teatro Avenida, e doze anos mais tarde, no mesmo local, o CITAC, que convidou expressamente Quintela para encenar uma peça de Miguel Torga, representava o poema dramático O Mar, integrado no seu I Ciclo de Teatro.

A partir daí os destinos destes dois homens altivos, como duas vertentes de um Marão de carne e osso, separaram-se para o resto da vida. E foi pena. Nunca soube deslindar as razões por que se deu tal rotura, nem talvez as houvesse bem definidas.

Seriam fortes razões do coração, atrevo-me até a dizer de um grande amor ferido. No fundo, admiravam-se mutuamente, e outra coisa não seria de esperar de homens de tamanha envergadura. Eu próprio posso disso dar testemunho.

Paulo Quintela continua no seu labor de traduzir autores alemães, ingleses e franceses como Brecht, Nelly Sachs, Hauptmann, Nietzsche, Goethe, Kant, Ben Johnson, Molière e prossegue no TEUC durante cerca de mais dez anos, encenando Gil Vicente, Molière, autores gregos, como Eurípedes e Sófocles, e modernos como García Lorca e José Régio.

Miguel Torga havia ainda de publicar dois livros de poesia, Câmara Ardente e Poemas Ibéricos, três de prosa, o quinto e o sexto dias da Criação do Mundo e nove volumes do Diário.

Paulo Quintela é o primeiro a sair de cena.

No dia 9 de março de 1987. Na véspera, domingo à noite, estivera a ver um programa televisivo intitulado Eu, Miguel Torga, documentário sobre o autor da Criação do Mundo.

Acabado o programa, foi-se deitar e não mais acordou.

Premonitório, não acham?

Eu tinha estado com ele na sexta-feira anterior. E havia prometido levar-lhe na sexta seguinte o Diário XIV, acabado de sair, do qual lhe falara com entusiasmo durante a nossa última conversa de sexta-feira, 6 de março de 1987.

À despedida, no alto da escada, ainda me preveniu: «Não te esqueças de me trazer o diário do Torga...»

Miguel Torga viria a morrer cerca de oito anos mais tarde, em 17 de janeiro de 1995. No seu penúltimo diário, o XV, pode ler-se, na entrada com data de 9 de março de 1987, dia da morte de Paulo Quintela: «A morte é uma grande reconciliadora. Não há desavença que lhe resista. O seu grande manto de equanimidade cobre todas as paixões da mesma vanidade. Só é pena que, depois dela, tudo seja irremediável.»

Depois de tudo, fico com a sensação de vazio absoluto, de que tudo ou quase tudo ficou por dizer.

Paulo Quintela e Miguel Torga são grandes de mais para caberem nas páginas de qualquer escrito, e eu demasiado pequeno para os fazer caber numa simples e despretensiosa comunicação como esta com que vos tenho vindo a massacrar o bicho do ouvido e da paciência.

Repare-se, porém, no milagre da poesia, capaz de sínteses fulgurantes: ficaram ambos retratados, em corpo e alma, no poema de Manuel Alegre.

São assim os Poetas.

Bragança, 1 de outubro de 2009

75.3. MESA QUADRADA SOBRE TRADUÇÃO E LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA POR CHRYS CHRYSTELLO

Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açores como Gaspar Frutuoso, o conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda, Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Victor Câmara e Carlos Carreiro.

Dos autores contemporâneos de que falarei aqui, selecionei aqueles por quem nutro mais apreciação. Acolho como premissa o conceito de açorianidade de Martins Garcia que, admite uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»⁴. A açorianidade literária⁵ (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração.

Martins Garcia não se mostra empenhado em definir a literatura açoriana, mas a sua qualidade estética. Na obra “Para uma literatura açoriana” (1987) afirma: «...utilizar um conceito antropológico de cultura para provar a diferença entre os Açores e o Continente é admitir que um traço distintivo venha a

4 http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade_pavau_1988.htm#_ftn11#_ftn11

5 BRASIL, Luiz Antônio de Assis. Escritos açorianos: a viagem de retorno - tópicos acerca da narrativa açoriana pós 25 de abril. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

justificar uma autonomia, quando, na realidade, são as diferenças culturais que formam um acréscimo que dão identidade, seja a uma literatura, seja a um povo»).

Em «Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana» J. Almeida Pavão (1988) diz

«...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão de Aguiar.

Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, compendiados na obra A Questão da Literatura Açoriana, de Onésimo de Almeida (1983)⁷.»

Depois de, no meu fervor iniciático, ter sido um adepto da Literatura Açoriana, à medida que lia os mais consagrados e badalados, ficava com uma sensação amarga.

Há muitos, mas de qualidade irregular, dir-se-ia duvidosa.

Sorri da minha ingenuidade.

Ao ler Dias de Melo, guardei as baleias, o livro intimista «À Boquinha da Noite (2001)» e poucos mais.

Lera, mas não gostara doutros com um neorealismo primário que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Onésimo fora um desapontamento, mas como croniqueiro eram notáveis as piadas que sempre o caracterizaram.

Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela «O Pastor das Casas Mortas» e obras mais antigas (sobretudo «Ilha grande fechada» (1992). Dele, ressalvam-se bons textos nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como «Santa Maria Ilha-Mãe», «S. Miguel, a ilha esculpida» e outro sobre a Terceira (a publicar em breve, todos da Ver Açor). Entretanto, lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...

Como tradutor no seio desta geografia idílica, não busquei a essência do ser azórico em miríades de variações nem cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionaram a presença humana, para evidenciar a sua especificidade ou açorianidade.

Deduzi no decurso da sua tradução características relevantes para a açorianidade:

1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;

2. Os povos quedam hoje, física e culturalmente, quase tão distantes de Portugal como há séculos atrás;

3. O recorte dos estratos sociais: é ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;

4. A adjacência das gentes à terra persiste ainda imune a aculturações, fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, opondo-se ao centralismo autofágico e macrocéfalo, que regem esses dois submundos como vasos não-comunicantes.

Daniel de Sá dedicou «O Pastor das Casa Morta» «às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal». O herói busca um amor perdido no léxico e na sintaxe dos montes escalavrados da Beira Alta. Por entre o pastoreio, calcorreia paixões sofridas, numa apologia da solidão. O retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só, é uma ode ao açoriano apartado de si e do mundo por um amor impossível inconcretizado. Trata-se de uma visita ao Portugal profundo, interior e inacessível. Aqui não se fala do «despovoamento das ilhas» antes se resgata o imaginário coletivo na erudição improvável de um mero apascentador de cabras.

Em «Santa Maria ilha-mãe» Daniel de Sá viaja ao passado mítico, refulgente de nostalgia lírica por uma infância desprestenciosa. Visita o isolamento de séculos, permeado por ataques de piratas, a inculcar mais vincadamente as crenças religiosas. O título gerou controvérsia, mas o autor notaria: «Não se trata de «mãe» adjetivo, mas sim de dois substantivos. É uma ilha que é mãe também...» As personagens são credíveis e transportam-nos a partilhar sentimentos com os interlocutores.

Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie Macdonald, «A tradução é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.»

Dias de Melo escrevia sobre os baleeiros, como se da sua «Cabana do Pai Tomás», no Alto da Rocha do Canto da Baía, na Calheta de Nesquim na açoriana ilha do Pico, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

A escrita embrenha-se como o nevoeiro em que os trancadores se debatiam na luta inglória para ganhar a vida. Resumo o autor a uma frase: Injustiça Social. É da sua denúncia que trata ao abordar a emigração, as realidades sociais e económicas, a repressão do Estado Novo e os dramas humanos, na linguagem simples dos homens do mar. Fica-se com a sensação de uma sociedade arbitrária e perversa. Coube-lhe a sorte de ter recebido homenagens públicas nos últimos meses de vida, quando lhe reeditaram alguns dos seus livros.

Como espetador atento da luta quotidiana e da condição humana, nunca se coíbiu de a viver e contar.

Cumprir evitar que essa memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações, pois, como ele escreveu: «A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim».

Nas ilhas existem interesses esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil e nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobrirmos estes autores, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos embalar pela açorianidade, a diegese das ilhas, seus costumes ancestrais, o canto das suas sereias...

Lemos outros açorianos espantosos de que ninguém fala como José Martins Garcia⁸.

Sobre ele escreveu David Mourão-Ferreira («Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a «barca do purgatório» anda sempre mais carregada que as outras duas, o [seu] nome deveria ser hoje saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; (...) com igual mestria tanto abrange os registos da mistificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo⁹»).

Maria Lúcia Lepecki acrescenta «É a arte de narrar «em puro» que Martins Garcia cultivava: de modo que opta por não fazer quaisquer tipos de experimentações. Vai sempre reexperimentando, e confirmando, o contar histórias.»

Armando Côrtes-Rodrigues é outro nome juntamente com Emanuel de Sousa poeta e autor de Eurídice¹⁰ com prefácio de Natália Correia; e autor de Ariadne¹¹.

Saiu agora uma rica edição de uma antologia de contos de Martins Garcia.

A coleção intitula-se Biblioteca Açoriana e é dirigida por Urbano Bettencourt e Carlos Alberto Machado¹².

Já foram publicados, nesta coleção, em 2009: Almas Cativas e Poemas Dispersos, de Roberto de Mesquita¹³; A Moldura, de Conceição Maciel; Português, Contrabandista, de José Martins Garcia, antologia de contos, a maior parte inexistente no mercado, com um posfácio de Urbano Bettencourt.

Há mais três nomes a não esquecer: Vasco Pereira da Costa, poeta, romancista, nascido em Angra em 1948.

Além disso é pintor com o pseudónimo de Manuel Policarpo.

A sua Exposição de Pintura no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico em junho, foi para a Terceira, e está agora nas Portas do Mar, em Ponta Delgada. Intitula-se As ilhas conhecidas - cartografia e iconografia.

Os quadros relativos ao culto do Espírito Santo são uma forte crítica não só ao culto da terceira pessoa como à sociedade...

Há ainda Eduardo Jorge Brum (fundador e diretor do Semanário Expresso das Nove) poeta, contista e romancista, nascido em Rabo de Peixe. Escritor maldito, na linha de Luiz Pacheco. As suas principais obras foram todas publicadas na Europa-América, com exceção de uma, que saiu na Vega¹⁴.

Por último, Marcolino Candeias, nascido em Angra em 1952. Poeta de (quase) um só livro, embora se tivesse estreado aos 16 anos com um livro Por Ter Escrito Amor que terá repudiado, pois não consta na sua bibliografia. A 2.ª edição intitula-se: Na Distância deste Tempo¹⁵.

Como se pode ver há muito para além das hortênsias e dos romeiros, tema desesperado de tanto aspirante a escritor numa eterna antologia de autores açorianos, mas nem todos eles serão obreiros de verdadeira literatura.

Deixei premeditadamente para o fim Cristóvão de Aguiar¹⁶, um escritor incómodo.

6 RIBEIRO, Lúcia Helena M. A questão da identidade da terra: a ideia de permanência na obra Contrabando Original, de José Martins Garcia. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 1996.

7 O Centenário (1963) (poesia); Esperança-21 (1969) (peça de teatro); Cérebros do Grande Público (1970) (ensaio); Da Vida Quotidiana na Lusalândia (1975) (estudo); José Rodrigues Miguéis, Portugal in Manhattan (1983) (ensaio)

A Questão da Literatura Açoriana (1983) (ensaio); (Sapa)teia Americana (1983) (contos); Mensagem - Uma Tentativa de Reinterpretação (1987) (ensaio); Açores, Açorianos e Açorianidade (1989) (ensaio)

8 Outras obras de referência do autor: (1975), Lugar de Massacre. Lisboa, Afrodite. (1978), Vitorino Nemésio, a obra e o homem. Lisboa, Arcádia. (1978), A Fome. Lisboa, Afrodite. (1982), Imitação da Morte. Lisboa, Moraes. (1984), Invocação a um Poeta e outros poemas. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1985), Fernando Pessoa: coração despedaçado. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1986), Temporal. Providence, Gávea Brown. (1987), Contrabando Original. Lisboa, Vega. (1988), Vitorino Nemésio – à luz do Verbo. Lisboa, Vega. (1990), Memória da Terra. Lisboa, Vega. (1996), No Crescer dos Dias. Lisboa, Salamandra. (1999), (quase) teóricos e malditos. Lisboa, Salamandra. Ensaio: (1987), Para uma Literatura Açoriana. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1987), David Mourão-Ferreira, Narrador. Lisboa, Vega. (1995), Exercício da Crítica. Lisboa, Salamandra. Conto: (1978), Receitas para Fritar a Humanidade. Lisboa, Edições Montanha. (1979), Morrer Devagar. Lisboa, Arcádia. (1987), Contos Infernais. Ponta Delgada, Brumarte. (1992), Katafaraum Ressurreto. S.L., M. Garcia. Teatro: (1987), Domiciano, Angra do Heroísmo, Direção Regional de Assuntos Culturais (Prémio Armando Côrtes-Rodrigues, da SREC).

9 Jornal Signo, 30/9/1987

10 Edição Quetzal

11 Edição Quetzal

12 Diretor do Centro de Estudos do Mar nas Lajes do Pico

13 Prólogo e organização de Carlos Bessa

14 Oriana ou o nome das Coisas

15 2.ª Ed. Salamandra

16 Poesia: mãos vazias; ed. Do autor, com a chancela da livraria almedina, Coimbra, 1965, o pão da palavra; cancionero vértice, Coimbra, 1977, sonetos de amor ilhéu; ed. Do autor, Coimbra, 1992

Prosa: Breve Memória Histórica da Faculdade de Ciências (II Centenário da Reforma Pombalina), Coimbra, 1972

Alguns Dados sobre a Emigração Açoriana; Separata da Revista Vértice, Coimbra, 1976

Não só se libertou das grilhetas do cativo confinado da ilha como demonstrou com a sua prolífica publicação aquilo que mais se entreteve a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, com fama de intransigente, não se inibe com polémicas e controvérsias. Domina a língua como só os grandes escritores almejam, enquanto se deixa consumir na incandescente falta de confiança genética de ilhéu. Eterno insatisfeito burila as filigranas letras com que nos enleia no basalto da sua ilha adotiva, o Pico. Como visitou e viveu para lá da fronteira invisível do grande Mar Oceano olha retrospectivamente para o Pico da Pedra, em São Miguel, onde nasceu, e vislumbra a pequenez das gentes encarceradas nas ilhas, contentadas com qualquer emigração económica e a canga feudal que persiste. Pedações de gente dura e impiedosa cumprindo rituais. Intolerante, devota e invejosa na sua ânsia de emigrar. Depois, o regresso de aparência gloriosa, mas sem acarream na desafogada bagagem algo de valor. Apenas dinheiro e bens materiais.

Sobre a sua marilha natal, diz Cristóvão:

“São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados... Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória.

Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluídas com todos os poderes, foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas.

Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisto esse terreno enfatiado de tanta aridez fermentida e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infrassubsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.”

Cristóvão é um permanente «Passageiro em trânsito», título do seu mais benquisto livro na rota do inconformismo. É a voz ininterrupta de uma consciência coletiva que não se asfixia.

Granjeou o direito a chamar os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem. É crítico impiedoso do destino que alguns queriam eterno, da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos feudais opressores da gleba.

Narrativas dissecantes que se assemelham a uma técnica de travelling em filmagem. Grandes planos, zooms, e paragens esmiuçadas nos rostos e mentes dos atores principais dos seus diários, intitulados Relação de Bordo (trilogia) e A Tabuada do Tempo.

A câmara detém-se e escalpeliza a alma daqueles que filma com palavras aceradas. Dói e magoa como o vento mata-vacas que sopra do Nordeste.

Psicanalizando as gentes e a terra que o viram nascer adotou uma nova ilha mátria, em 1996:

“A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço...Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresnado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza.

Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxçada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação...

Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo”.

Cristóvão de Aguiar não é um autor fácil nem facilita o léxico para leitores de pacotilha. Amaldiçoado, mas nunca maldito, outros o forjaram malquisto. Acossado por tudo e por todos.

Exige tanto dos seus leitores como de si. As suas palavras pungentes estão gravadas visceralmente num granito alheio às ilhas que se encontra na trilogia Relação de Bordo.

No último volume, deparámos com uma interminável história de amor sem que os leitores enxerguem esses arroubos. Ele é o magma de que são feitas as gentes de bem.

Terei encontrado o escritor neste amigo novo? Este autor que ora descobri como se o conhecesse há muito, como se tivesse sido irmão caçulo ou compagnon de route 66 à la Jack Kérouac, iluminando o túnel das ideias¹⁷.

Navego imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido fora do ventre materno. Aprendo com este mestre contemporâneo da literatura de matriz açoriana. Muito apoucado me aquilato em tão ínclita companhia.

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas Cristóvão de Aguiar, empreende uma viagem tridimensional repleta de sentidos. Confluem na escrita como lava «pahoe-hoe» (pron. pah hoi-hoi) de aparência viscosa, mas fluida, prateada e entrançada como cordas de baleeiro. Outros autores aparentam lava tipo «A a» (ah ah), grossa e áspera, magma de rochas solidificadas impulsionadas.

Em Cristóvão de Aguiar nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à pedra-pomes, piroclasto dominante das rochas traquíticas.

A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de vesículas disseminadas na rocha, de tal modo estanques, que esta pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo escapado para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos ad eternum todos os leitores.

A escrita lávica de Cristóvão fica a boiar no nosso espairecido imaginário. Foi ela que nos instigou a rabiscar esta lamentação com o frémito ciumento dos que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a forma de amar e de ressarcir a terra que o viu nascer.... As ilhas irão, um dia, desatar as grilhetas que as enjaulam no passado e Cristóvão ficará então desobrigado da tarefa hercúlea de acarrear a sua ilha como um fardo ou amor enjeitado, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

Dias de Melo e Daniel de Sá já foram traduzidos e «O Pastor das Casas Mortas» vai surgir em castelhano. Cristóvão não foi traduzido.

Além dele há outros escritores e poetas¹⁸ que teremos de divulgar e traduzir. Isto sim é um crime de lesa literatura. Iremos concentrar os esforços dos Colóquios em editá-lo no Brasil e tê-lo traduzido na Bulgária, Roménia, Polónia e Eslovénia.

Todos nós, meros mortais, teremos de ler os restantes e apreciar a sua universalidade, apesar da matriz açoriana que a todos permeia. Sei que incorremos numa grave omissão se não conseguirmos lançar em novos mercados e traduzir «A Tabuada do Tempo», «Torga Lavrador das Letras», «marilha», «raiz comovida», «relação de bordo I, II, III».

Este o desafio que lanço, hoje, como um repto que ninguém recusará, estou certo.

Raiz Comovida (A Semente e a Seiva; 1.ª ed. Coimbra 1978 (Prémio Ricardo Malheiros Academia de Ciências Lisboa)
Raiz Comovida II (Vindíma de Fogo); 1.ª ed. Coimbra, 1979
Raiz Comovida III (O Fruto e o Sonho); 1.ª ed. Angra do Heroísmo, SREC, 1981
Raiz Comovida (Trilogia Romanesca); revista e remodelada num volume, Editorial Caminho, Lisboa 1987, Ed. D. Quixote, Lisboa 2003
Ciclone de setembro; (Romance ou o que lhe queiram chamar), Editorial Caminho, Lisboa, 1985, incluído agora no romance Marilha, Publicações D. Quixote, 2005
Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia; Nótulas Biográficas, Publicações da Universidade de Coimbra, 1986, 2.ª ed. revista e aumentada, Imprensa da Universidade, 2005
Passageiro em Trânsito; Novela em espiral ou o romance de um ponto a que se vai sempre acrescentando mais um conto, Editora Signo, Ponta Delgada, 1988; 2.ª ed. refundida, Salamandra, Lisboa, 1994
Emigração e Outros Temas Ilhéus; Miscelânea, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992
A Descoberta da Cidade e Outras Histórias; Contos, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992
Um Grito em Chamas; Polifonia Romanesca, Edições Salamandra, Lisboa, 1995, integrado no romance Marilha,
Relação de Bordo (1964 -1988); diário ou nem tanto ou talvez muito mais (Grande Prémio da Literatura Biográfica da APE / CMP), Campo das Letras, 1999
Relação de Bordo II (1989-92); diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Campo das Letras, 2000
Relação de Bordo III, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, P. D. Quixote, 2004
Trasfega, casos e contos, Prémio Miguel Torga / Cidade de Coimbra, 2002
Marilha, sequência narrativa, D. Quixote, 2004
A Tabuada do Tempo, Prémio Miguel Torga, Almedina, 2006
Miguel Torga – O Lavrador das Letras – Um percurso partilhado, Almedina 2007
Braço Tatuado – Retalhos da Guerra Colonial, D. Quixote, 2008
Tradução: a riqueza das nações, Adam Smith; fundação Calouste Gulbenkian, 1982
Colaboração: Vietname; Antologia Poética, Nova Realidade, 1970
Antologia de Poesia Açoriana; org. Pedro da Silveira, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1977
Para o Mundo de todos os Homens; Pequena Antologia de Poesia de Autores Portugueses contra o Racismo e Colonialismo, Conselho Português para a Paz e Cooperação, 1977
Antologia Panorâmica do Conto Açoriano; organizada por João de Melo, Vega, Lisboa, 1978
O Eclipse; Extrato de Romance, Revista Vértice, 448, maio - junho de 1982 (Número dedicado à Cultura Açoriana, organizado pelo Autor)
The Sea Within; A Selection of Azorean Poems, Gávea-Brown, Providence, 1983
17 Pressagio cordões umbilicais curiosos. Criamos os sulcos que trilhamos percorrendo as savanas e estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos embargavam a escrita e nos dispersavam. Plantámos árvores, publicámos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal. Cumprimos missões inomináveis no exército colonial português em Maíra, Tomar e Leiria. Cristóvão entrou para o Teatro Universitário em Coimbra e eu para o Teatro Universitário do Porto quando me insinuava como jovem independente pensante, batalhando com Zeca Afonso, mestre José Rodrigues e um dos melhores declamadores de sempre, o Mário Viegas. Em Coimbra, o ilhéu Cristóvão lidou com Paulo Quintela, Miguel Torga, Luís Albuquerque, Joaquim Namorado e outros monstros sagrados do nosso imaginário.

Anda por aí o Sócrates, primeiro-ministro de Portugal a fazer propaganda falsa e ilusória com a constante e acelerada degradação do ensino em Portugal enquanto o ensino superior na Índia se torna ano após ano, cada vez mais prestigiado e reconhecido em virtude dos elevados níveis de exigência.

Não é só em Portugal que o ensino se degrada, reste-nos essa consolação ilusória e fugaz. Na Europa e um pouco por toda a parte, parte-se para o caminho exatamente oposto: o do facilitismo educacional.

Na Dinamarca, por exemplo, os estudantes que estejam no último exame do Secundário, poderão consultar fontes na Internet.

A teoria é que os alunos serão suficientemente honestos para acederem à Internet sem copiarem. Dizem os peritos da educação dinamarquesa que chats e correio eletrónico serão proibidos durante o exame, mas será permitido o acesso a qualquer página na Internet. Não nos explicam como vão impedir que tal aconteça. Já há alguns anos que os alunos dinamarqueses podem entregar os seus exames através do computador (sem papel) ...

Este novo passo é deveras perigoso numa sociedade em que os valores e a probidade são coisa do passado e trata-se de um passo completamente radical...por muito que se queira crer que a Dinamarca é uma sociedade com elevados padrões de civismo, é impossível evitar "copia e cola (copy-paste)" generalizado e copianços clássicos feitos com a "assessoria" de "consultores" do outro lado da rede ou internet...

Esta medida depende apenas da consciência cívica dos alunos, com a vantagem de permitir aos alunos encontrar informação relevante.

Para mim isto não passa de um novo tipo de facilitismo perigoso e lúbrico num sistema de ensino que está longe de ser exigente como no resto do mundo.

A via do facilitismo aponta para perigos presentes e futuros, em especial se nos lembrarmos do pretensso curso dum certo primeiro-ministro que até fazia exames por faxe ao domingo...

A posição indiana e o prestígio imenso das universidades técnicas indianas parece apontar noutra direção: a da exigência.

Mas isso é para as sociedades que irão liderar o mundo no futuro e não para aquelas em vias de extinção como a sociedade ocidental e especialmente a europeia, em rápida via de extinção rumo à irrelevância.

Fonte: http://www.publico.clx.pt/Educa%E7%E3o/estudantes-dinamarqueses-vaao-poder-consultar-a-internet-durante-os-exames_1408704

Desde o 12º colóquio da lusofonia (8º colóquio anual em Bragança) que me debato com uma grave crise existencial, causada pela falta absoluta de tempo e de inspiração. O verde das pastagens e das vacas não chega para me inspirar e o tempo cinzento em prelúdio de inverno ainda afastam mais as musas que me alimentam. Duas conferências internacionais a que fui em finais de outubro e novembro na Universidade dos Açores prometiam muito, mas uma delas foi um desapontamento que causa motivos para meditação.

Refiro-me à Convergência de Afetos que a Direção Regional das Comunidades organizou convidando mais de 80 personalidades de todo o mundo, sendo metade delas da diáspora. Tudo pago, viagem de avião, alojamento e refeições, coisa para uma centena de milhares de euros. Os convidados ilustres apenas estiveram reunidos na Aula Magna da universidade para falarem alguns (poucos, bem poucos) sem tempo para debate e sem conclusões possíveis ao longo de dois dias. Uma razão para as pessoas se encontrarem e se conhecerem e pouco mais. Uma função profilática familiar não fosse o que se pressupunha já tratar-se de mais uma reunião de claqués e de cliques e não de elites. Ouvimos laudas de uns a outros, palmadas nas costas e encómios bajuladores aos pretensos líderes mentais da *intelligentsia* açoriana. São sempre os mesmos dizia-me a voz oculta que o cérebro comanda, sempre a mesma pandilha que viaja à custa do Estado sem nada fazer ou dizer que justifique tais mordomias. Foram citados dezenas de nomes de autores açorianos. Como sempre, ninguém falou do conceituado Cristóvão de Aguiar. Podiam dizer que foi uma coincidência, mas dessas deve o autor andar farto há quarenta anos. Até houve autores que nem mereciam tal epíteto, que foram convidados a falar durante vinte dolorosos minutos sem nada para dizerem pois pouco ou nada escreveram e esse pouco é de tal forma redutor e medíocre que nem uma nota de rodapé mereceria.

Não quero citar nomes pois todos os que estão por dentro da vida literária deste arquipélago e seus anexos sabe bem de quem se trata, são sempre os mesmos. Não se percebeu muito bem porque me chamaram a estar presente e silente, mas talvez seja uma homenagem para me chamarem ao seu seio como se eu estivesse interessado em fazer parte da "pandilha". Não estou nem farei, prosseguirei o rumo que tenho dado aos colóquios tentando abarcar o máximo de conhecimentos possíveis sobre os autores e sua obra para a consecução dos fins a que se destina o curso de Estudos Açorianos na sua versão na internet a ser ministrado pela UNISUL de Santa Catarina, Brasil e pela Universidade do Minho em versão presencial.

Pensei em nem sequer escrever estas linhas de lamúria pelo desperdício de meios com vista a fim nenhum, mas que fica bem no relatório anual de qualquer direção geral. Ao escrever isto arrisco-me a nunca mais receber qualquer apoio dessa direção geral regional que tem apoiado a deslocação dum membro da comunidade canadiana e dos nossos patronos dos colóquios. Mas esta memória seletiva dos que apoiam as panelinhas culturais é o que permite a perpetuação da mesma clique.

Passemos, pois, ao segundo evento organizado pela Universidade e denominado "Mundividência da Açorianidade" que reuniu umas dezenas de pessoas, alguns expatriados, na sua maior parte artistas (pintores, escultores) além de historiadores, filósofos e escritores. Neste encontro tive direito a 15 minutos de voz e usei-os com toda a veemência das minhas crenças e saber. Conheci alguns participantes que podem ter interesse para futuros colóquios e o debate foi aceso com várias vozes discordantes por entre a manada submissa dos que seguem a via única do pensamento oficial. Uma rica experiência que permitiu intercâmbios e trocas de ideias e de projetos.

Os maiores desapontamentos foram Onésimo de Almeida e Vamberto Freitas de quem esperava comunicações bem estruturadas, mas que se limitaram a graçolas sem dignidade tratando a audiência com sobranceira. Não foram os únicos que alguns dos convidados da Universidade eram igualmente incapazes de se exprimirem naquele fórum.

Melhor do que eu soube o jornalista Rui Simas exprimi-lo desta forma num artigo intitulado "mundividências versus professor Onésimo de Almeida" publicado em 30 de novembro 2009 no jornal Açoriano Oriental online: <http://www.acorianooriental.pt/opinioes/readOpiniao/197185/>

A última conferência a que assisti, no passado dia 19 de novembro, com a temática "Reflexão sobre Mundividências da Açorianidade", foi de facto muito interessante do ponto de vista da "consciência de ser-se ilhéu" e da reflexão sobre o conceito de Açorianidade. Convém fazer referência que esta conferência de âmbito Internacional premeia o excelente trabalho desenvolvido pelas professoras Maria Gabriela Castro, Magda Costa Carvalho e Berta Pimentel Miúdo, demonstrando com esta iniciativa quão importante é o papel das universidades na atualidade. Claro que os conferencistas, professores Carlos Amaral, Carlos Cordeiro e Machado Pires, são exímios em comunicar, quer pela forma, quer pelo conteúdo, deixando-nos sempre ávidos por mais. Comunicações de uma magnitude estonteante revelando a sapiência que lhes é reconhecida.

Contudo, e talvez porque o desequilíbrio se nota mais quando "forças" cognitivas divergem, não só no pensamento, mas também na qualidade, e por esse motivo, não posso deixar passar em branco o incongruente e até mesmo o inconcebível, se atendermos à sede da conferência. Registo que não conheço a "obra" do professor Onésimo Almeida, apenas em rasgos transversais de leitura pude apurar a importância da mesma e o seu inegável valor voluntarioso. De forma alguma a observação que me apraz registar se insere no pleito da vasta obra, somente, e reitero somente, enjeito a decadência de princípios, de ética e, na escala mais cinzenta, da moral, erigida na comunicação do professor Onésimo Almeida.

A sua comunicação começou pobre e desleigante e acabou paupérrima, contrastando com as demais comunicações. Acho que ser-se "irreverente", ou mesmo tentar ser engraçado só faz sentido em algumas "tertúlias" de tasca. Com o devido respeito pelas mesmas. Enquadrando a minha repulsa e asco perante tal comunicação aviltante do professor Onésimo Almeida, julgo oportuno esclarecer que a citada comunicação, em vez de se focalizar no tema, e possivelmente por esgotamento de criação intelectual, começou por denegrir o trabalho de uma jornalista que, em jeito de "malandrecão", fez questão de salientar a incompetência da mesma no trabalho de casa. Possivelmente não informaram o Sr. professor Onésimo Almeida que uma jornalista não é uma aluna. A jornalista recolhe depoimentos, realiza entrevistas, coloca perguntas e outros afazeres técnicos, cujo destino é o público, sem que a matéria recolhida sirva para a mesma defender qualquer tese. O público, por sua vez, tem o direito de ser informado sobre o "pensamento" do entrevistado. Naturalmente que existem perguntas idênticas de jornalista para jornalista, como de OCS para OCS.

O meu livro CrónicaAçores, volume segundo, tem estado parado. A tal falta de inspiração não ajuda, além de que surgiu algum material para traduzir nestes dois meses e o tempo escasseia. Se juntarmos a isto os problemas da filha e da neta, as preocupações da minha octogenária mãe, a chuva que cai dentro de casa, a dificuldade de obter nesta ilha um calorífero a gás, os contratempos que o filho mais novo causa, e tudo o resto. Sim porque em Portugal também houve umas eleições atrás das outras, o primeiro-ministro manteve-se para má sorte dos que cá andam, o país continua em crise, sem ideias nem saídas e mais uns tantos casos de alegada corrupção de personalidades do aparelho estatal até ao topo.

Nada mudou e a situação continuou a agravar-se, dia após dia, refletindo-se no endividamento do país e no meu, a um ritmo galopante e estonteante que um dia nos há de levar a todos os fundos do poço financeiro que é como quem diz falência. No resto do mundo as notícias são ainda menos animadoras, com catástrofes, umas seguidas a outras: um grupo no Peru que matava aldeões para lhes retirar a gordura humana e vender a fabricantes de cosméticos; a histeria da gripe H1N1, ou porcina; pais que violam e abusam repetidamente de filhos e filhas, em todo o mundo; Berlusconi esse líder italiano que não consegue passar uma semana sem causar mais um escândalo e a quem nada acontece tal como o primeiro-ministro português, o homem com mais camadas de Teflon protetor que se possa imaginar. No desporto, uma mão divina a dar o apuramento à França sobre a linha de golo sem ninguém assinalar que o futebol é para ser jogado com os pés...

As notícias foram tantas e tão díspares que nem saberia por onde começar a enumerá-las. O melhor será ignorá-las e fingir que continuo a viver neste idílico recanto, meter a cabeça na areia como boa avestruz que sou e ignorar que este mundo não é para mim e não se pode viver nele. Preocupo-me não só com o meu futuro, mas com o dos netos que já foi totalmente hipotecado e não se vislumbra melhoras para o futuro no país e na Europa, enquanto os EUA perdem lentamente a sua posição predominante, lentamente substituídos por tudo e todos numa anarquia de valores que nos faz sentir uma geração perdida e à deriva.

CRÓNICA 77 – DO IBERISMO AO 1º DE DEZEMBRO - 22-30 NOVEMBRO 2009

Gostava de ter algumas réstias do meu sempiterno otimismo, mas a minha reserva desoladamente está no seu nível mínimo desde há duas décadas. Mas quando a chuva cai dentro de casa e alaga o chão ou os móveis como se não houvesse teto, ano após ano, tenho de decididamente assumir que estas construções são de péssima qualidade e estes "mestres" de construção não passam de biscateiros incapazes de fazerem uma obra como deve ser.

Mas se vou a um restaurante o resultado é similar com um serviço deficiente a preços de luxo. Se vou a um mecânico automóvel idem aspas. Ou na saúde, na justiça, na ignorância santa dos novos professores e seus alunos, na incompetência dos que governam e mandam. É esta a tradição e não é de hoje, vem de há muitos anos como constatei ao traduzir este parágrafo:

Desde há muito também que se sabe da vinda dos Templários às terras da antiga Lusitânia em 1126, recebendo em doação os terrenos da Fonte Arcada [Póvoa de Lanhoso], por Dona Teresa, mãe de Afonso D. Henrique, sendo seu mestre Guilherme Ricardo.

Dona Teresa também lhes doara o castelo de Soure como primeiro fado da Ordem. A investida mourisca contra este posto avançado dos cristãos de Coimbra no ano de 1144, foi o grande batismo de guerra dos cavaleiros templários que, então, já haviam transformado esta velha ruína numa fortaleza.

Dizia-se que na convicção templária: «a morte era, de facto, mais bela que a vida comprada com a cobardia». É precisamente este o sentido da divisa ainda hoje utilizada pelos açorianos, que a inscreveram no seu brasão.

Nela é citada a célebre frase de Cipião de Figueiredo e Vasconcelos, conde da vila de São Sebastião (por D. António I) distinguiu-se como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como rei de Portugal.

Enquanto a Terceira e as ilhas próximas resistiram ao assalto dos espanhóis à Coroa portuguesa, São Miguel franqueou-lhes a entrada. Estas diferenças tinham que ver essencialmente com o facto de o Corregedor Cipião de Figueiredo estar sediado em Angra. Fiel apoiante de D. António Prior do Crato, terá proferido a frase «MAIS VALE MORRER LIVRES DO QUE EM PAZ SUJEITOS».

Por outro lado, a capitania de S. Miguel estava na mão da influente família Gonçalves da Câmara. Além disso, residia nessa altura em São Miguel o Bispo dos Açores, D. Pedro de Castilho, fiel a Filipe II. Além de outros cargos, viria a ser Vice-Rei de Portugal em paga da sua fidelidade à causa castelhana. Mais tarde, o Capitão do Donatário de São Miguel receberia o título de Conde de Vila Franca.

A ele se deve a fortificação e organização da defesa da ilha Terceira que levou à vitória na batalha da Salga.

Foi ele que se negou a entregar os Açores ao poder espanhol, preferindo morrer a favor do Prior do Crato, o último monarca da ímpar dinastia de Avis.

Será simples coincidência de convicção, ou serão mesmo os Açores um dos últimos refúgios da mente templária?

Também em Portugal abundam os que querem fazer esquecer o terror do domínio castelhano e se apressam a entregar o país ao vizinho ibérico. Tal como Miguel Urbano Rodrigues escrevia há apenas três anos:

Os iberistas, ao esboçarem uma Espanha pletórica de energias, de progresso e criatividade, simulam esquecer que o país exhibe a mais alta taxa de desemprego da União Europeia anterior ao alargamento. Não aludem sequer ao racismo e à xenofobia que fazem hoje da pátria de Cervantes um dos países europeus onde os imigrantes, sobretudo os magrebins e os equatorianos e colombianos, são mais discriminados.

Preferem discurrir sobre a localização da capital de uma Ibéria unida, a estrutura institucional do Estado - Federação ou simples transformação de Portugal em mais uma Região Autónoma - e, o papel do Rei D Juan Carlos de Bourbon. ...

Nas peculiaridades que diferenciam e aproximam portugueses e espanhóis fala-se do bacalhau, do fado, do flamenco, de marialvas e senhoritos, dos dois idiomas, ... longe de serem «muito parecidos», portugueses e espanhóis distanciaram-se progressivamente, exibindo atitudes quase antagónicas. Trabalham a horas diferentes, transformam o culto do aperitivo num instrumento de convívio, comem a horas diferentes.

O ruído é ali componente da vida, do conceito dos lazeres. Outra omissão é a falta de referências à colonização económica de Portugal pela Espanha. O processo em curso é avassalador.

Há três décadas a Espanha não existia praticamente como parceiro comercial de Portugal. Hoje ocupa o primeiro lugar nas importações portuguesas.

A invasão do capital espanhol é diluviana. A banca espanhola conquistou uma parcela importante do mercado português.

O mesmo ocorre com a hotelaria e as grandes transnacionais como El Corte Inglés e Zara. As imobiliárias espanholas invadem as cidades, do Minho ao Algarve.

O processo de colonização pacífica, no âmbito do funcionamento do mercado, assume facetas particularmente alarmantes no Alentejo onde capitalistas espanhóis compraram já as melhores terras no perímetro do Alqueva.

Adquiriram milhares de hectares para criação de porcos, instalação de lagares e plantação de oliveiras e vinhas.

Essa invasão do capital espanhol é obviamente festejada pelo Governo de Sócrates e pela grande burguesia como muito positiva. Saúdam os investidores espanhóis como empresários agentes do progresso. Agradecem.

Com a espontaneidade da nobreza de 1383 a saudar D João De Castela e a nobreza de 1580 a alinhar com Filipe II. Essa forma de dominação económica encobre, afinal, uma modalidade de intervenção imperial.

Miguel Urbano Rodrigues, in "Alentejo Popular" (Beja) 02-11-06

Portugal atingiu uma tal irrelevância internacional que ninguém se surpreenderia se fosse uma dependência espanhola, como se de um banco se tratasse e estivéssemos a falar de abrir um escritório na faixa litoral já que o interior está desertificado de gentes e de economias de mercado viáveis. Por outro lado, despontam a nível governamental várias iniciativas de união ibérica, nem sempre dissimuladas, que pessoalmente me causam engulhos. Porque é um profundo estudioso do assunto e condensou aquilo que se pretende aqui dizer, iremos seguir em duas ou três páginas o que Carlos Fontes escreveu na sua página Lusotopias:

O iberismo é um fenómeno típico do século XIX, que emergiu em Portugal e em Espanha, como resposta à teoria das grandes nações então em voga na Europa.

Segundo os seus defensores as pequenas estariam condenadas a serem absorvidas pelas grandes, tal como teria acontecido entre os animais onde os mais fortes extinguiram os mais fracos (teoria darwinista).

O iberismo emerge na sociedade portuguesa como uma manifestação patológica de indivíduos que num dado momento sofreram uma forte influência espanhola ou se assumiram como agentes de interesses espanhóis. Sempre que a situação é melhor no outro lado da fronteira, a integração de Portugal em Espanha surge aos olhos dos iberistas como a solução para resolver a crise, sem trabalho.

Os portugueses consideram os iberistas como elementos degenerados de um povo orgulhoso da sua história e identidade cultural.

A sua atuação em cerca de 9 séculos de História traduziu-se sempre em divisões e conflitos que degeneraram em guerras civis, com um cortejo interminável de mortes.

Alguns assassinatos de iberistas ficaram célebres na História de Portugal. A morte dos iberistas era entendida como um ato de defesa de valores que consideravam fundamentais - dignidade, identidade cultural e liberdade -, mas também uma manifestação de respeito por si próprios.

Um povo que não se respeita a si próprio, nunca será respeitado por outros. Ora, o iberista sempre manifestou um profundo desprezo pela dignidade e liberdade do povo português, agindo de modo a destruir a comunidade que o viu nascer.

É por isso que as razões que os portugueses apresentaram para justificar a morte dos iberistas são em tudo idênticas às apresentadas depois da IIª. Guerra Mundial (1939-1945), para a condenação à morte de nazis e fascistas...existem princípios que não podem ser transgredidos, nomeadamente o respeito que todos os seres humanos merecem na sua dignidade, identidade e liberdade.

As mortes de dois iberistas assumiram uma enorme carga simbólica na história portuguesa, sendo continuamente evocadas: a morte do Conde Andeiro e a de Miguel de Vasconcelos. A morte do Conde de Andeiro, fidalgo galego, foi assumida como o símbolo de liberdade de um povo que recusa as ingerências externas e os jogos palacianos para lhes imporem o que não quer.

Este iberista, um típico traidor castelhano, participou em diversas conspirações ao serviço de Portugal e de Inglaterra. Em Lisboa, acabou por ascender a uma elevada posição na corte, tendo recebido de D. Fernando o título de Conde de Ourém, pondo-se durante a crise de 1383-85, ao serviço de Castela.

Foi assassinado, a 6 de dezembro de 1383, por D. João, mestre de Avis e futuro rei de Portugal.

A sua nefasta ação e de outros esbirros traduziu-se numa violenta guerra civil que só terminou quando os portugueses exterminaram os aliados de Castela.

A morte de Miguel de Vasconcelos exprime simbolicamente a afirmação da identidade cultural de um povo, cuja forte individualidade saiu reforçada após uma opressão de 60 anos.

Este secretário do governo espanhol, ficou tristemente célebre pelo ódio que nutria pelos seus concidadãos.

Em 1634 tentaram-no matar pela primeira vez. Se o tivessem feito, muitas vidas teriam sido provavelmente poupadas. Na manhã de 1 de dezembro de 1640, quando os portugueses restauraram a independência de Portugal, foi o primeiro a ser morto.

A ação destes iberistas, entre 1580 e 1640, traduziu-se numa brutal opressão da população portuguesa. Após a morte deste esbirro, o povo português travou com a Espanha, durante 28 anos, uma sangrenta guerra na Europa e na América do Sul pela defesa da sua liberdade e dignidade.

Ora bem, como hoje em dia ninguém estuda História, episódios como este perdem a sua força e não são transmitidos de geração para geração, perdendo-se a memória coletiva do povo."

Continuo a fazer minhas as palavras de Carlos Fontes:

Nas duas últimas décadas, órgãos de comunicação social, em Portugal, usando da liberdade de expressão própria de um regime democrático, têm procurado de forma sistemática abrir fraturas na sociedade, aproveitando momentos particularmente difíceis do país.

As personagens são quase sempre as mesmas, ligadas a interesses obscuros e grupos económicos espanhóis.

O seu objetivo é simples:

1. Mostrar através de "sondagens" encomendadas ou "discussões" públicas que na sociedade portuguesa existe um grupo de iberistas, cujo objetivo é a dissolução do Estado português;

2. Dar "voz" à hipotética minoria iberista portuguesa. Ao mesmo tempo, a imprensa espanhola mostra a aceitação à possível integração.

3. Os supostos iberistas não constituem qualquer corrente de opinião, muito menos são um movimento organizado.

A imprensa afeta aos interesses espanhóis trabalha no terreno das hipóteses...descarada tentativa de desestabilizar a sociedade portuguesa, introduzindo elementos de discórdia e desmoralização coletiva.

Oliveira Martins (1845-1894) é o melhor exemplo dos esbirros iberistas. É difícil de determinar a causa do profundo ódio que manifestava pelos seus concidadãos e o país. Ao contrário de outros, não foi um iberista de circunstância, mas manteve um percurso político coerente com esta aberração.

Antero de Quental, em 1869 era um confesso iberista, dois anos depois já nem fala no assunto, e mais tarde abomina semelhante ideia.

Algo idêntico ocorreu com Teófilo Braga.

Oliveira Martins foi um típico vira-casaca: anarquista (Proudhoniano), socialista, republicano, monárquico, liberal, antiliberal. Defendeu a liberdade, mas também a ditadura. Atacou os ditadores, mas apoiou João Franco. É apontado como um dos introdutores das ideias socialistas em Portugal, mas também como um protofascista. Muitas das suas ideias foram aplicadas por ditadores como Sidónio Pais ou Oliveira Salazar.

Tirando partido da crescente debilidade mental de Saramago, o "Diário de Notícias" (15 de julho de 2007), relançou a questão do iberismo. Este velho comunista, a viver em Espanha afirma que em breve Portugal irá transformar-se numa das suas províncias, não porque os portugueses o queiram, mas porque é melhor para eles.

Quem o diz é este adulator de ditadores como Estaline, Ceausescu ou Fidel de Castro.

Como sempre, outros jornais trataram de fazer eco deste insulto ao povo português. Uma educação salazarenta, 45 anos no PCP e 14 em Espanha, a que se juntou o casamento com uma espanhola foram a receita ideal para produzirem um típico iberista.

Para consubstanciar a ação, Saramago cria uma Fundação cujo objetivo será promover a contestação pública em Portugal, tendo à sua frente uma espanhola....

Três dias depois, uma jornalista da agência de notícias espanhola EFE, aproveita para promover a discussão do Iberismo em torno das afirmações de Saramago. O alvo foi o presidente Cavaco Silva que se limita a afirmar que a união entre Portugal e a Espanha era uma "hipótese absurda".

Durante as eleições legislativas de setembro de 2009 - a TVI -, um canal de televisão português controlado por espanhóis interferiu diretamente na campanha eleitoral, lançando a suspeita de uma possível interferência do governo português na comunicação social.

Sem qualquer respeito pelas leis de Portugal, a administração resolveu afastar a "jornalista" (Manuela Moura Guedes) que desde 2008 promovia uma campanha de propaganda contra o governo socialista. Ao contrário do que se procurou fazer crer, não se tratou do apoio dos espanhóis a um qualquer partido político.

Estamos perante um canal de televisão onde a propaganda pró-espanhola é constante, e onde os noticiários e a maioria dos programas possuem um objetivo muito claro: desestabilizar a sociedade portuguesa, fomentando os conflitos sociais e denegrindo internamente a autoestima da população.

Não deixa de ser curioso constatar que, enquanto estes factos ocorriam, a comunicação social espanhola procurava lançar nova campanha em defesa das teses iberistas, apoiada numa "sondagem" realizada pela Universidade de Salamanca, com a colaboração de alienados no ISCTE (Lisboa).

A razão por que escolhi este tema para a Crónica de hoje é a data que ora se celebra, o dia da Restauração da Independência de 1 de dezembro de 1640, para que os mais jovens nunca o esqueçam e o deixem de tratar como um dia em que se não trabalha ou não há aulas. Infelizmente, é para a maioria, um dia como outro qualquer aqui nos Açores, sem que o povo se dê conta do seu significado:

"...arrebataados do generoso impulso, saíram todos das carroças e avançaram ao paço. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida, venerável e brioso, com a espada na mão gritando: — Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João, o Quarto!"

A ideia de nacionalidade esteve por trás da restauração da independência plena de Portugal após 60 anos de monarquia dualista. Cinco séculos de governo próprio haviam forjado a nação, fortalecendo-a a rejeitar qualquer união com o país vizinho.

A independência fora sempre um desafio a Castela e uma vontade de não ser confundido com ela. Entre os dois estados foram sucessivas e acerbadas as guerras, as únicas que Portugal realmente travou na Europa.

Para a maioria dos Portugueses, os Habsburgo eram usurpadores, os Espanhóis inimigos e os seus partidários, traidores. Culturalmente, avançara depressa a castelhanização do País de 1580 a 1640. Autores e artistas gravitavam na corte espanhola, fixavam residência, aceitavam padrões espanhóis e escreviam cada vez mais em castelhano, contribuindo para a riqueza do teatro, da música ou da arte pictórica espanholas.

Dão a impressão errada de decadência cultural após 1580.

A perda da individualidade cultural era sentida por muitos portugueses, com reações diversas a favor da língua pátria e da sua expressão em termos de prosa e poesia. Contudo, os intelectuais sabiam perfeitamente que os seus esforços seriam vãos sem a recuperação da independência política.

Economicamente, a situação piorara desde 1620 ou até antes. Muitas razões que justificavam a união das coroas ficaram ultrapassadas.

O Império Português atravessava uma crise com a entrada em jogo de holandeses e ingleses. Perdera o monopólio comercial (Ásia, África e Brasil) e a Coroa, a nobreza, o clero e a burguesia haviam sofrido severos cortes de receitas.

Os Espanhóis reagiam contra a presença portuguesa nos seus territórios, mediante vários processos, entre os quais a Inquisição. Isso suscitou grande animosidade nacionalista em Portugal aprofundando o fosso já cavado entre os países. D. Margarida, duquesa de Mântua, neta de Filipe II, exerceu o governo de Portugal, de 1634 a 1640, com autoridade de vice-rei e capitão-general.

A situação económica estava longe de brilhante. Os produtores sofriam com a queda dos preços do trigo, azeite e carvão. A crise afetava as classes baixas, cuja pobreza aumentou sem disfarces.

O agravamento dos impostos tornava a situação pior. Para explicar os tempos difíceis e apaziguar o descontentamento geral, a solução apresentava-se fácil e óbvia: a Espanha, causa de todos os males.

A conspiração a favor da independência congregava um grupo heterogéneo de nobres, clientes e funcionários da Casa de Bragança e elementos do alto e baixo clero.

Em novembro de 1640 conseguiram o apoio formal do duque de Bragança. Na manhã do 1º de dezembro, um grupo de nobres atacou a sede do governo em Lisboa (Paço da Ribeira), prendeu a duquesa de Mântua e matou ou feriu membros da guarnição militar e funcionários, entre os quais o Secretário de Estado, Miguel de Vasconcelos. Seguidamente, os revoltosos percorreram a cidade, aclamando o novo estado, secundados pelo entusiasmo popular. Por todo o Portugal, metropolitano e ultramarino, as notícias da mudança do regime e do novo juramento de fidelidade foram recebidas e obedecidas sem qualquer dúvida.

Apenas Ceuta permaneceu fiel à causa de Filipe IV.

D. João IV entrou em Lisboa a 6 de dezembro. Proclamar a separação fora fácil. Mais difícil seria mantê-la. Tal como em 1580, os portugueses de 1640 estavam longe de unidos. As classes inferiores conservavam intacta a fé nacionalista aquiescendo a D. João IV, mas a nobreza, com laços familiares em Espanha, hesitou e só parte alinhou com o duque de Bragança. O mesmo se passou em relação ao clero. O novo monarca não gozava de uma posição invejável. Do ponto de vista teórico, tornava-se necessário justificar a secessão: longe de figurar como usurpador, reaveria simplesmente aquilo que por direito legítimo lhe pertencia.

Abundante bibliografia (em Portugal e fora dele) a partir de 1640, procurou demonstrar os direitos reais do duque de Bragança.

Se o trono jamais estivera vago de direito, em 1580 ou 1640, não havia razões para eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que teria, fosse o trono declarado vacante.

Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades. Primeiro, a reorganização do aparelho militar, com reparação de fortalezas das linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições e obtenção de material e reforços no estrangeiro.

Paralelamente, uma intensa atividade diplomática nas cortes da Europa, para obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, e conseguir o reconhecimento da Restauração, e a reconquista do império ultramarino.

A nível interno, a estabilidade dependeu, do aniquilamento de toda a dissensão a favor de Espanha.

A guerra da Restauração mobilizou todos os esforços que Portugal podia despende e absorveu enormes somas de dinheiro.

Pior, impediu o governo de conceder ajuda às frequentemente atacadas possessões ultramarinas. Mas, se o cerne do Império, na Ásia, teve de ser sacrificado, salvou a Metrópole de uma ocupação pelas forças espanholas.

Portugal não dispunha de um exército moderno, as suas forças eram escassas na fronteira terrestre, as suas coudelarias extintas, os seus melhores generais lutavam pela Espanha algures na Europa. Do lado português, isto explica por que motivo a guerra se limitou em geral a operações fronteiriças de pouca envergadura.

Do lado espanhol, é preciso lembrar que a Guerra dos Trinta Anos (até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) atrasavam ofensivas de vulto.

Regra geral, a guerra, que se prolongou por 28 anos, teve altos e baixos até se assinar o Tratado de Lisboa, em 13 de fevereiro de 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este reconhece a independência do nosso País.¹⁹

Hoje anda aí muita gente com passaporte português a celebrar o 1º de dezembro como se tivesse sido um desastre ou péssimo acontecimento. Esquecem que se tratou da reconquista da liberdade do povo e da nação subjugada pelo poder dinástico dos Filipes de Castela. Mais vale um povo pobre e livre do que rico na gaiola dourada com as cores do reino de Espanha. Assim dizem os galegos que se aproximam das origens portuguesas preservando língua e cultura. Por vezes, a memória dos homens é curta. Quase ninguém sabe nem evoca o jovem Miguel da Paz (nascido em 1499) que teria sido Rei de Portugal e de Espanha se não morresse aos dois anos.

É verdade, e infelizmente este “se” é desconhecido da maioria dos portugueses, clamem ou não pelo regresso ao trono espanhol. São deveras interessantes os “pequenos detalhes” da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II ao trono de Portugal (1580), por morte sem descendência do herdeiro varão, cardeal D. Henrique (68 anos), 9º filho do rei D. Manuel I.

A candidatura de Filipe era fortíssima e praticamente indiscutível. Resultava do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais de Filipe I de Portugal (II de Espanha).

São estes pequenos detalhes da vida, que determinam o curso da História. Paradoxalmente, antes da candidatura de Filipe ao trono em Lisboa, a situação poderia ter sido invertida, unificando as coroas ibéricas “para o lado português”.

Em 1499, fora proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel I com Isabel, filha dos Reis Católicos.

Azar dos portugueses ou conspiração castelhana, o certo é que morreu com 2 anos de idade. Por estas e outras razões os portugueses serão sempre saudosistas, dos espanhóis, de Salazar e do sonho chamado 25 de abril.

-- Quem garante que Portugal seria melhor como província espanhola do que independente? (Os galegos dizem que não)

-- Quem garante que não seria Portugal hoje uma célula independentista, tipo ETA, (aliada ou não à Galiza)?

E se fosse ao contrário?

Se o Reino de Espanha fosse hoje uma província de Portugal?

Que aconteceria aos Bourbon? Só tinham utilidade nos EUA. Lá emborcam todos os Bourbon que encontram.

Infelizmente, aqui ao lado, entronizam-nos e chamam-lhes Reis.

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

19 (Adaptado de Oliveira Marques, “A Restauração e suas Consequências”, in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Ed. Presença, 1998, pp. 176-201).

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua matéria desconhecida, partiu à conquista do “lulic” em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um “Anno Horribilis” no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígene a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou a sua matéria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta “Atlântida” onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



chrys@lusofonias.net -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro “Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese “Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975” (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia “Crónicas Austrais 1976-1996”.

Em 2005 publicou o “Cancioneiro Transmontano 2005”

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia “Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter”.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dorez (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa “Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.”

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia “ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado)” cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia “ChrónicaAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia “Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)”, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de “Crónicas Austrais 1978-1998”.

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da “Trilogia da História de Timor”

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, “Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor”, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister “Bibliografia Geral da Açorianidade” em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro “O Mundo Perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 “Fotoemas”, foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de “Missionários açorianos em Timor” vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de “ChrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” cronicando as suas viagens pelo mundo

Completoou a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

Programa do colóquio da lusofonia

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2009 - SEM CORTES (CRÓNICAS 61 A 77 - 2009)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)